olimpíada
de Língua Portuguesa

A ocasião faz o escritor

Distribuição gratuita

CADERNO DO DOCENTE

Orientações para produção de textos do gênero Crônica

A ocasião faz o escritor

Às vezes a prosa da crônica se torna lírica, como se estivesse tomada pela subjetividade de um poeta do instantâneo que, mesmo sem abandonar o ar de conversa fiada, fosse capaz de tirar o difícil do simples, fazendo palavras banais alçarem voo.

Davi Arrigucci Jr.

Copyright © by Cenpec e Itaú Social

Iniciativa
Itaú Social

Coordenação técnica

CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas
em Educação, Cultura e Ação Comunitária

Créditos da publicação

Coordenação
Maria Aparecida Laginestra

Autores
Joana de Fátima Rodrigues
Maria Aparecida Laginestra
Maria Imaculada Pereira e Margarete Schlatter

Organização
Alana da Silva Queiroz
Esdras Soares
Jéssica Nozaki
Louise Cremonezi Nazareth
Marcela Pasqualucci Ronca

Projeto gráfico
Criss de Paulo
Walter Mazzuchelli

Ilustrações
Criss de Paulo

Revisão
Rosania Mazzuchelli

Editoração
agwm editora e produções editoriais

Contato

Telefone: 0800-7719310
e-mail: escrevendofuturo@cenpec.org.br
www.escrevendoofuturo.org.br

Caro professor, cara professora,

Aqui você encontra uma sequência didática, organizada em oficinas, para o ensino da escrita de um gênero textual. As atividades propostas estão voltadas para o desenvolvimento da competência comunicativa, envolvendo leitura e análise de textos já publicados, linguagem oral, conceitos gramaticais, pesquisas, produção, aprimoramento de texto dos(as) estudantes etc. Consiste em material de apoio para planejamento e realização das aulas.

Para que os(as) estudantes possam ter contato com os textos trabalhados nas oficinas, no final deste Caderno está a Coletânea de textos, que os traz sem comentários ou análises.

Desejamos um ótimo trabalho!

Sumário

Apresentação
pág. 7

Introdução ao gênero
pág. 25

1
É hora de combinar
pág. 33

2
Balaio de crônicas
pág. 45

3
Primeiras linhas
pág. 51

4
Histórias do cotidiano
pág. 61

5
Uma prosa bem afiada
pág. 81

6
Trocando em miúdos
pág. 91

7
Merece uma crônica
pág. 99

8
Olhos atentos no dia a dia
pág. 105

9
Cronicar em parceria: inspiração e transpiração
pág. 117

10
Ofício de cronista
pág. 135

11
Assim fica melhor
pág. 145

Referências
pág. 155

Coletânea
pág. 158

Apresentação

Ler e escrever: um desafio para todos

Neste Caderno falamos diretamente com você, que está na sala de aula "com a mão na massa". Contudo, para preparar este material conversamos com pessoas que pesquisam, discutem ou discutiram a escrita e seu ensino. Entre pesquisadores e pesquisadoras de diferentes campos do conhecimento que têm se dedicado a elaborar propostas didáticas para o ensino de língua, destacamos o Prof. Dr. Joaquim Dolz, do qual apresentamos, a seguir, uma pequena biodata e um texto, de sua autoria, uma espécie de prefácio, em que esse ilustre professor tece comentários sobre a Olimpíada de Língua Portuguesa.

Juntamente com Jean-Paul Bronckart, Bernard Schneuwly e outros pesquisadores, **Joaquim Dolz** pertence a uma escola de pensamento genebrina que tem influenciado muitas pesquisas, propostas de intervenção e de políticas públicas de educação em vários países. No Brasil, a ação do trabalho desses pesquisadores se faz sentir até mesmo nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Dolz nasceu em 1957, em Morella, na província de Castellón, Espanha. Atualmente, é professor da unidade de didática de línguas da Faculdade de Psicologia e das Ciências da Educação da Universidade de Genebra (Suíça). Em sua trajetória de docência, pesquisa e intervenção, tem se dedicado sobretudo à didática de línguas e à formação de professores. Desde o início dos anos 1990 é colaborador do Departamento de Instrução Pública de Genebra, atuando notadamente na elaboração de planos de ensino, ferramentas didáticas e formação de professores.

A Olimpíada de Língua Portuguesa: uma contribuição para o desenvolvimento da aprendizagem da escrita

Joaquim Dolz

Faculdade de Psicologia e das Ciências da Educação, Universidade de Genebra (Suíça)
[Tradução e adaptação de Anna Rachel Machado]

Os antigos jogos olímpicos eram uma festa cultural, uma competição em que se prestava homenagem aos deuses gregos. Os cidadãos treinavam durante anos para poderem dela participar. Quando o barão de Coubertin, na segunda metade do século XIX, quis restaurar os jogos olímpicos, ele o fez com esses mesmos ideais, mas também com o de igualdade social e democratização da atividade desportiva.

Os organizadores da Olimpíada de Língua Portuguesa, imbuídos desses mesmos ideais desportivos, elaboraram um programa para o enfrentamento do fracasso escolar decorrente das dificuldades do ensino de leitura e de escrita no Brasil. Ao fazer isso, não imaginaram que, alguns anos depois, a cidade do Rio de Janeiro seria eleita sede das Olimpíadas de 2016. Enquanto se espera que os jogos olímpicos impulsionem a prática dos esportes, a Olimpíada de Língua Portuguesa também tem objetivos ambiciosos.

Quais são esses objetivos? Primeiro, busca-se uma democratização dos usos da língua portuguesa, perseguindo reduzir o "iletrismo" e o fracasso escolar. Segundo, procura-se contribuir para melhorar o ensino da leitura e da escrita, fornecendo aos professores material e ferramentas, como a sequência didática – proposta nos Cadernos –, que tenho o prazer de apresentar. Terceiro, deseja-se contribuir direta e indiretamente para a formação docente. Esses são os três grandes objetivos para melhorar o ensino da escrita, em um projeto coletivo, cuja importância buscaremos mostrar a seguir.

Ler e escrever: prioridades da escola

Ler e escrever são duas aprendizagens essenciais de todo o sistema da instrução pública. Um cidadão que não tenha essas duas habilidades está condenado ao fracasso escolar e à exclusão social. Por isso, o desenvolvimento da leitura e da escrita é a preocupação maior dos professores. Alguns pensam, ingenuamente, que o trabalho escolar limita-se a facilitar o acesso ao código alfabético; entretanto, a tarefa do professor é muito mais abrangente. Compreender e produzir textos são atividades humanas que implicam dimensões sociais, culturais e psicológicas e mobilizam todos os tipos de capacidade de linguagem.

Aprender a ler lendo todos os tipos de texto

Trata-se de incentivar a leitura de todos os tipos de texto. Do ponto de vista social, o domínio da leitura é indispensável para democratizar o acesso ao saber e à cultura letrada. Do ponto de vista psicológico, a apropriação de estratégias de leitura diversificadas é um passo enorme para a autonomia do aluno. Essa autonomia é importante para vários tipos de desenvolvimento, como o cognitivo, que permite estudar e aprender sozinho; o afetivo, pois a leitura está ligada também ao sistema emocional do leitor; finalmente, permite desenvolver a capacidade verbal, melhorando o conhecimento da língua e do vocabulário e possibilitando observar como os textos se adaptam às situações de comunicação, como eles se organizam e quais as formas de expressão que os caracterizam.

Dessa forma, o professor deve preparar o aluno para que, ao ler, aprenda a fazer registros pessoais, melhore suas estratégias de compreensão e desenvolva uma relação mais sólida com o saber e com a cultura. Não é suficiente que o aluno seja capaz de decifrar palavras, identificar informações presentes no texto ou lê-lo em voz alta – é necessário verificar seu nível de compreensão e, para tanto, tem de aprender a relacionar, hierarquizar e articular essas informações com a situação de comunicação e com o conhecimento que ele possui, a ler nas entrelinhas o que o texto pressupõe,

sem o dizer explicitamente, e a organizar todas as informações para dar-lhes um sentido geral. Ele precisa aprender a tomar certo distanciamento dos textos para interpretá-los criticamente e ser capaz de identificar suas características e finalidades. Se queremos que descubra as regularidades de um gênero textual qualquer (uma carta, um conto etc.), temos de fornecer- -lhe ferramentas para que possa analisar os textos pertencentes a esse gênero e conscientizar-se de sua situação de produção e das diferentes marcas linguístico-discursivas que lhe são próprias.

Aprender a escrever escrevendo

Entretanto, o que se pretende sobretudo é incentivar a escrita. Por isso, essa Olimpíada acertadamente afirma que estamos em uma "batalha" e para ganhá-la precisamos de armas adequadas, de desenho de estratégias, de objetivos claros e de uma boa formação dos atores envolvidos. Não é suficiente aprender o código e a leitura para aprender a escrever. Escrever se aprende pondo-se em prática a escrita, escrevendo-se em todas as situações possíveis: correspondência escolar, construção de livro de contos, de relatos de aventuras ou de intriga, convite para uma festa, troca de receitas, concurso de poesia, jogos de correspondência administrativa, textos jornalísticos (notícias, editorial, carta ao diretor de um jornal) etc.

Do ponto de vista social, a escrita permite o acesso às formas de socialização mais complexas da vida cidadã. Mesmo que os alunos não almejem ou não se tornem, no futuro, jornalistas, políticos, advogados, professores ou publicitários, é muito importante que saibam escrever diferentes gêneros textuais, adaptando-se às exigências de cada esfera de trabalho. O indivíduo que não sabe escrever será um cidadão que vai sempre depender dos outros e terá muitas limitações em sua vida profissional.

O ensino da escrita continua sendo um espaço fundamental para trabalharmos os usos e as normas dela, bem como sua adaptação às situações de comunicação. Assim, consideramos que ela é uma ferramenta de comunicação e de guia para os alunos compreenderem melhor seu funcionamento todas as vezes que levam em conta as convenções, os usos formais e as exigências das instituições em relação às atividades de linguagem nelas praticadas.

Do ponto de vista psicológico, a escrita mobiliza o pensamento e a memória. Sem conteúdos nem ideias, o texto será vazio e sem consistência. Preparar-se para escrever pressupõe ler, fazer registros pessoais, selecionar informações… atividades cognitivas, todas elas. Mas escrever é também um auxílio para a reflexão, um suporte externo para memorizar e uma forma de regular comportamentos humanos. Assim, quando anotamos uma receita, as notas nos ajudam a realizar passo a passo o prato desejado, sem nos esquecermos dos ingredientes nem das etapas a serem seguidas. Do mesmo modo, quando escrevemos um relato de uma experiência vivida, a escrita nos ajuda a estruturar nossas lembranças.

Do ponto de vista do desenvolvimento da linguagem, escrever implica ser capaz de atuar de modo eficaz, levando em consideração a situação de produção do texto, isto é, quem escreve, qual é seu papel social (jornalista, professor, pai); para quem escreve, qual é o papel social de quem vai ler, em que instituição social o texto vai ser produzido e vai circular (na escola, em esferas jornalísticas, científicas, outras); qual é o efeito que o autor do texto quer produzir sobre seu destinatário (convencê-lo de alguma coisa, fazê-lo ter conhecimento de algum fato atual ou de algum acontecimento passado, diverti-lo, esclarecê-lo sobre algum tema considerado difícil); algum outro objetivo que não especificamos. Deve-se também, para o desenvolvimento da linguagem, planificar a organização do texto e utilizar os mecanismos linguísticos que asseguram a arquitetura textual: a conexão e a segmentação entre suas partes, a coesão das unidades linguísticas que contribuem para que haja uma unidade coerente em função da situação de comunicação.

Esses aspectos de textualização dependem, em grande parte, do gênero de texto. As operações que realizamos quando escrevemos uma receita ou uma carta comercial ou um conto não são as mesmas. Mas, independentemente do texto que escrevemos, o domínio da escrita também implica: escolher um vocabulário adequado, respeitar as estruturas sintáticas e morfológicas da língua e fazer a correção ortográfica. Além disso, se tomarmos a produção escrita como um processo e não só como o produto final, temos de levar em consideração as atividades de revisão, de releitura e de reescrita, que são necessárias para chegarmos ao resultado final desejado.

Escrever: um desafio para todos

Essa Olimpíada lançou um desafio para todos os alunos brasileiros: melhorar as práticas de escrita. Incentivar a participar de um concurso de escrita é uma forma de motivá-los coletivamente. Para que todos possam fazê-lo em igualdade de condições, os materiais disponibilizados pela Olimpíada propõem uma série de situações de comunicação e de temas de redação que antecipam e esclarecem o objetivo a ser alcançado. O papel do professor é indispensável nesse projeto. A apresentação da situação de comunicação, a formulação clara das instruções para a produção e a explicitação das tarefas escolares que terão de ser realizadas, antes de se redigir o texto para a Olimpíada, são condições essenciais para seu êxito. Entretanto, é mais importante ainda o trabalho de preparação para a produção durante a sequência didática. Por meio da realização de uma série de oficinas e de atividades escolares, pretende-se que todos os alunos, ao participar delas, aperfeiçoem o seu aprendizado, colocando em prática o que aprenderão e mostrando suas melhores habilidades como autores.

Só o fato de participar desse projeto já é importante para se tomar consciência do desafio que é a escrita. Entretanto, o real desafio do ensino da produção escrita é bem maior. Assim, o que se pretende com a Olimpíada é iniciar uma dinâmica que vá muito além da atividade pontual proposta neste material. Espera-se que, a partir das atividades da sequência didática, os professores possam começar a desenvolver um processo de ensino de leitura e de escrita muito mais amplo.

Sabemos que a escrita é um instrumento indispensável para todas as aprendizagens e, desse ponto de vista, as situações de produção e os temas tratados nas sequências didáticas são apenas uma primeira aproximação aos gêneros enfocados em cada uma delas, que pode ampliar-se aos poucos, pois escrever textos é uma atividade complexa, que envolve uma longa aprendizagem. Seria ingênuo pensar que os alunos resolverão todas as suas dificuldades com a realização de uma só sequência.

A sequência didática como eixo do ensino da escrita

A sequência didática é a principal ferramenta proposta pela Olimpíada de Língua Portuguesa para se ensinar a escrever. Estando envolvido há muitos anos na elaboração e na experimentação desse tipo de dispositivo, iniciado coletivamente pela equipe de didática das línguas da Universidade de Genebra, é um prazer ver como se adapta à complexa realidade das escolas brasileiras. Uma sequência didática é um conjunto de oficinas e de atividades escolares sobre um gênero textual, organizada de modo a facilitar a progressão na aprendizagem da escrita.

Cinco conselhos me parecem importantes para os professores que utilizam esse dispositivo como modelo e desenvolvem com seus alunos as atividades aqui propostas:

1. **Fazer os alunos escreverem um primeiro texto e avaliar suas capacidades iniciais.** Observar o que eles já sabem e assinalar as lacunas e os erros me parece fundamental para escolher as atividades e para orientar as intervenções do professor. Uma discussão com os alunos com base na primeira versão do texto é de grande eficácia: o aluno descobre as dimensões que vale a pena melhorar, as novas metas para superar, enquanto o professor compreende melhor as necessidades dos alunos e a origem de alguns dos erros deles.
2. **Escolher e adaptar as atividades** de acordo com a situação escolar e com as necessidades dos alunos, pois a sequência didática apresenta uma base de materiais que podem ser completados e transformados em função dessa situação e dessas necessidades.

3. **Trabalhar com outros textos do mesmo gênero,** produzidos por adultos ou por outros alunos. Diversificar as referências e apresentar um conjunto variado de textos pertencentes a um mesmo gênero, propondo sua leitura e comparação, é sempre uma base importante para a realização de outras atividades.
4. **Trabalhar sistematicamente as dimensões verbais e as formas de expressão em língua portuguesa.** Não se conformar apenas com o entusiasmo que a redação de um texto para participar de uma competição provoca e sempre buscar estratégias para desenvolver a linguagem escrita.
5. **Estimular progressivamente a autonomia e a escrita criativa dos alunos.** Os auxílios externos, os suportes para regular as primeiras etapas da escrita são muito importantes, mas, pouco a pouco, os alunos devem aprender a reler, a revisar e a melhorar os próprios textos, introduzindo, no que for possível, um toque pessoal de criatividade.

Uma chama olímpica contra o "iletrismo"

Pouco me resta a dizer. Primeiro, parabenizar os autores das sequências didáticas. Segundo, expressar toda a minha admiração pela organização da Olimpíada de Língua Portuguesa. Terceiro, incentivar professores e alunos a participar desse projeto singular. Que a chama olímpica contra o "iletrismo" percorra esse vasto e magnífico país que é o Brasil. Ensinar a escrever é uma tarefa nobre e complexa que merece o maior dos reconhecimentos sociais.

Nos antigos jogos olímpicos, a chama olímpica se mantinha acesa diante do altar do deus Zeus durante toda a competição. Que a chama da esperança do acesso à leitura e à escrita não se apague. Essa competição todos nós podemos e devemos ganhar!

Por que participar da Olimpíada é dar vida à BNCC

Patrícia Calheta

Mestre em Linguística Aplicada (PUC/SP), especialista em Ensino de Língua mediado pelo computador (UFMG) e em Gestão Escolar (SENAC/SP), colaboradora do Programa Escrevendo o Futuro e coordenadora pedagógica do curso on-line *Sequência Didática: aprendendo por meio de resenhas*.

Afinal, a Olimpíada é um trabalho a mais, para além do currículo que temos de dar conta na escola?

A escolha por iniciar com essa pergunta a conversa que pretendo aqui partilhar com você - professor, professora, gestor e gestora de escolas públicas de todo o país – deve-se ao fato de que ela representa uma das recorrentes indagações formuladas por educadores e educadoras que integram os encontros formativos presenciais e remotos do Programa Escrevendo o Futuro, iniciam a participação em **cursos online** <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/formacao/cursos-on-line/informacoes>, navegam por espaços interativos do Portal, como o "**Pergunte à Olímpia**" <https://www.escrevendoofuturo.org.br/formacao/pergunte-a-olimpia> e, ainda, por quem se interessa em saber mais ou fazer parte do concurso de textos e documentários do Programa (a Olimpíada de Língua Portuguesa).

Diante desse cenário, responder à questão evidencia-se como o desafio dessa "prosa pela escrita" que, vez ou outra, convidará para um breve passeio, via boxe de cor laranja, visando à retomada de noções da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), nos segmentos do Ensino Fundamental (EF) e do Ensino Médio (EM) (Brasil, 2018), e também para percursos mais longos, quando da indicação de links de acesso a variadas publicações, disponíveis no e além do **Portal Escrevendo o Futuro** (https://www.escrevendoofuturo.org.br/).

Em meio ao processo de implementação dos currículos municipais e estaduais, atualizados pela inspiração dos dizeres da **BNCC** <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> (Brasil, 2018), redes de ensino e instituições escolares foram convidadas a se debruçarem sobre realidades locais, considerando os contextos e as características

dos(as) estudantes. Nesse sentido, é desejável que decisões acerca do currículo de cada escola também tenham resultado do envolvimento e da participação das famílias e da comunidade, de forma a assegurar a aderência entre o documento e as singularidades locais, tornando o currículo um retrato do que cada instituição, na voz de todos esses integrantes, pensa, defende, necessita e propõe para promover a efetiva e integral formação de seus alunos e alunas.

No intuito de fomentar esse exercício de ajuste do olhar do geral ao local, o Programa Escrevendo o Futuro tem se revelado como constante porta aberta à construção de conhecimentos, figurando como política pública de larga abrangência nacional (incluído, desde 2008, como uma ação do Plano de Desenvolvimento da Educação do MEC) pela oferta plural de experiências formativas para a melhoria do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita, otimizando, assim, a condição reflexiva e propositiva no acolhimento às demandas relativas à composição de currículos e às práticas pedagógicas em cada instituição escolar.

Neste texto, não será realizado o movimento de buscar articulações entre dizeres da BNCC e do Portal Escrevendo o Futuro que possam inspirar e alimentar desenhos curriculares, já que essa leitura mais ampla, apontando noções-chave e materiais e recursos produzidos e disponibilizados pelo Programa, recebeu destaque, em 2018, por meio do texto intitulado "**Escrevendo o Futuro e BNCC: sobre pontos de encontro**" <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/noticias/sobre-o-programa/artigo/2486/escrevendo-o-futuro-e-bncc>. Agora, será a vez de lançarmos a lupa na direção de um recurso específico do Portal, os Cadernos Docentes, que se apresentam como o material de referência para o trabalho com sequências didáticas (SD) na Olimpíada.

A atuação docente mobilizada pelas vivências de uma SD tem sido defendida como ferramenta para o ensino da produção escrita de quatro gêneros discursivos da Olimpíada, a saber, poemas (5o ano do EF), memórias literárias (6o e 7o anos do EF), crônicas (8o e 9o anos do EF) e artigo de opinião (3o ano do EM), com exceção do gênero documentário (1o e 2o anos do EM) que, apesar da organização do Caderno em blocos e oficinas, não segue a mesma orientação defendida por Dolz e Schneuwly (2004), a seguir apresentada:

Na concepção dos autores, a sequência didática revela-se como "um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito" (2004, p. 97). No Portal, especialmente no diagrama interativo **Percursos Formativos** <https://www.escrevendoofuturo.org.br/percursos#/escrita/sequencia-didatica/contribuicoes-teoricas>, estão disponíveis diferentes publicações vinculadas ao eixo da produção escrita e ao ensino das SDs, sendo também oferecido o curso on-line mediado "**Sequência Didática: aprendendo por meio de resenhas**" <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/formacao/cursos-on-line/informacoes/artigo/1658/curso-on-line-sequencia-didatica-aprendendo-por-meio-de-resenhas> para a vivência docente do passo a passo das oficinas, promovendo o encontro de saberes teórico-metodológicos e experiências diversificadas de discussão e reflexão sobre a prática pedagógica.

Centrado na noção de SD e na perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem a ela coligada, cada Caderno convida à apreciação de oficinas, envolvendo atividades desde a contextualização da proposta até a produção escrita final do texto, visando à publicização, o que corrobora o fundamental processo de seleção de oficinas que possam dialogar com as necessidades de aprendizado de todos os alunos e alunas de cada turma, a partir do levantamento de conhecimentos prévios e cuidadosa análise do(a) professor(a) da primeira versão escrita do texto, produzida por esses(as) estudantes.

É exatamente do lugar de reflexão desse movimento metodológico da SD que algumas das numerosas articulações entre os Cadernos Docentes e a BNCC serão a seguir explicitadas.

Sequências Didáticas da Olimpíada e BNCC

Vamos iniciar com a questão das inspirações teóricas que cercam o trabalho pedagógico com as SDs e que encontram, na BNCC, lugar de destaque, especialmente referentes à perspectiva de linguagem enunciativo-discursiva e à centralidade do texto como unidade de trabalho, assumidas na BNCC e contempladas durante o planejamento, a organização e o desenvolvimento das atividades presentes nas oficinas das SDs dos Cadernos Docentes, uma vez que todas as propostas guiam-se pela presença e pela análise de textos diversos, pertencentes a cada um dos gêneros do discurso eleitos como foco da produção escrita, que são analisados em suas diferentes dimensões (discursiva, textual e linguística), a partir da reflexão acerca das condições de produção textual.

Na perspectiva de linguagem enunciativo-discursiva, já assumida em outros documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a linguagem é "uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história" (Brasil, 1998, p. 20 *apud* Brasil, 2018, p. 67).

O texto é sempre abordado pela relação aos seus contextos de produção, e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses (Brasil, 2018, p. 67).

A relação entre competências e habilidades da área de linguagens no EF e da área de linguagens e suas tecnologias no EM é um segundo ponto de contato entre os Cadernos Docentes e a BNCC. Para entender tal articulação, seguem alguns exemplos, já que a totalidade das relações implicaria uma publicação muito mais densa, extensa e mais bem vinculada à exploração das especificidades dos quatro "gêneros olímpicos escritos".

Competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (Brasil, 2018, p. 8).

Habilidades expressam as aprendizagens essenciais que devem ser asseguradas aos alunos nos diferentes contextos escolares (Brasil, 2018, p. 29). No EF, essas habilidades estão relacionadas a diferentes práticas de linguagem/eixos e objetos de conhecimento, considerando distintos campos de atuação. No EM, cada competência relaciona-se a um conjunto de habilidades, vinculadas a práticas de linguagem e campos de atuação social.

No EF, do conjunto das competências específicas de linguagens (Brasil, 2018, p. 65), vale ressaltar a particular aderência das competências 1, 2 e 3 às experiências postas em cena no desenvolvimento das oficinas dos Cadernos "Poetas da Escola" (poema), "Se bem me lembro..." (memórias literárias) e "A ocasião faz o escritor" (crônica), já que retratam:

1. *Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais;*
2. *Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva;*
3. *Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como libras e escrita), corporal, visual, sonora e digital – para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.*

No EM, aqui vinculado ao Caderno "Pontos de Vista", no trabalho com o gênero artigo de opinião, as competências específicas de linguagens e suas tecnologias (Brasil, 2018, p. 490) revelam vínculos com a BNCC, especialmente quanto aos textos apresentados em 1, 2 e 3:

1. *Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo;*
2. *Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza;*

3. *Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.*

A partir desses exemplos de competências do EF e do EM, evidenciam-se variados pontos de convergência, uma vez que se tomarmos a proposta de produção escrita dos gêneros poema, memórias literárias, crônica e artigo de opinião, que é dimensionada por diferentes focos de reflexão, considerando as práticas de linguagem e, ainda, todo o trabalho com a alimentação temática (em destaque na publicação "**O lugar da alimentação temática no ensino de gêneros discursivos**" <https://www.escrevendoofuturo.org.br/percursos#/escrita/alimentacao-tematica/contribuicoes-teoricas/2792/o-lugar-da-alimentacao-tematica-no-ensino-de-generos-discursivos>) mobilizado pelo tema da Olimpíada - O lugar onde vivo –, seguramente afirmaremos que as oficinas que compõem as SDs dos Cadernos Docentes revelam-se como vigorosas oportunidades para o exercício de reconhecimento e de valorização das linguagens como formas de significação da realidade, expressão de subjetividades e de distintas realidades, partilha de experiências pautadas no respeito à diversidade e à pluralidade de ideias e de pontos de vista, assentadas na democracia, na ética, na cooperação e na empatia, capazes de fomentar práticas nas quais os(as) estudantes exercitem o protagonismo e a autoria.

As propostas vivenciadas nas oficinas convidam a um fazer amplo e diversificado envolvendo a observação, a análise e a apreciação de textos, muitos deles marcados pela multimodalidade, com vistas a uma produção escrita que otimiza a condição de os(as) estudantes compreenderem mazelas e potencialidades do lugar onde vivem, o que os torna participativos, conscientes e propositivos diante da realidade. Assim, seja na composição de textos em versos que resgatam cenas, paisagens ou problemas do lugar pelo alcance da lente de um poeta-aprendiz que brinca com as palavras (como nos poemas), seja na organização de textos em prosa que possam retratar reminiscências do passado de um lugar para melhor compreender transformações, fruto do decorrer do tempo, pelo olhar de um morador que empresta sua voz para a releitura literária (como nas memórias), contemplar facetas do cotidiano pela lupa de um aluno(a)-cronista (como nas crônicas) e mesmo problematizar questões locais de relevância social, a partir da argumentação em defesa de um ponto de vista (como nos artigos de opinião), as SDs da Olimpíada convocam professores(as), alunos(as) e a comunidade ao exercício reflexivo

No que se refere às habilidades anunciadas na BNCC nos segmentos do EF e EM, cabe aqui uma parada reflexiva para ilustrar o vínculo com as propostas de ensino de SDs dos Cadernos Docentes. Para tanto, vale salientar que a explicitação das habilidades orienta-se por práticas de linguagem realizadas em diferentes campos de atuação, o que assegura um trabalho contextualizado e significativo.

No EF (Brasil, 2018, p. 84), a organização das De acordo com a BNCC (Brasil, 2018, p. 71), as práticas de linguagem são oralidade, leitura/escuta, produção (escrita e multissemiótica) e análise linguística/semiótica (que envolve conhecimentos linguísticos, textuais discursivos e sobre os modos de organização e os elementos de outras semioses).

No EF (Brasil, 2018, p. 84), a organização das práticas de linguagem por campos de atuação aponta para a importância da contextualização do conhecimento escolar, para a ideia de que essas práticas derivam de situações da vida social e, ao mesmo tempo, precisam ser situadas em contextos significativos para os estudantes. Os campos de atuação orientam a seleção de gêneros, práticas, atividades e procedimentos em cada um deles. As fronteiras são tênues (o que explica, por exemplo, o fato de o gênero crônica circular nos campos de atuação artístico-literário e jornalístico-midiático). No EM (Brasil, 2018, p. 485), a área das linguagens propõe que os estudantes possam vivenciar experiências significativas com práticas de linguagem em diferentes mídias (impressa, digital, analógica), situadas em campos de atuação social diversos, vinculados com o enriquecimento cultural próprio, as práticas cidadãs, o trabalho e a continuação dos estudos.

Os campos de atuação, contemplados nos segmentos do EF e EM, estão assim organizados na BNCC (Brasil, 2018, p. 501):

ENSINO FUNDAMENTAL		ENSINO MÉDIO
ANOS INICIAIS	ANOS FINAIS	
Campo da vida cotidiana		Campo da vida pessoal
Campo artístico-literário	Campo artístico-literário	Campo artístico-literário
Campo das práticas de estudo e pesquisa	Campo das práticas de estudo e pesquisa	Campo das práticas de estudo e pesquisa
Campo da vida pública	Campo jornalístico-midiático	Campo jornalístico-midiático
	Campo de atuação na vida pública	Campo de atuação na vida pública

Quando pensamos nos gêneros discursivos que são foco das SDs na Olimpíada, percebemos ser possível destacar: nos anos iniciais do EF, a relação entre o gênero poema e o campo de atuação artístico-literário, assim como o gênero memórias literárias, nos anos finais do EF; ainda nos anos finais do EF, o gênero crônica, que pode transitar por diferentes campos de atuação, tais como o artístico-literário e o jornalístico-midiático e, finalmente, o gênero artigo de opinião no EM, que pode circular por campos variados, como jornalístico-midiático, campo de atuação na vida pública e das práticas de estudo e pesquisa.

Campos de atuação e habilidades nas SDs

Em meio ao percurso aqui trilhado a partir de alguns exemplos (que não esgotam a discussão, mas iluminam reflexões) e, ainda, considerando ênfases no trabalho com os gêneros discursivos propostos nos Cadernos Docentes, é possível conferir a existência de imbricadas relações entre habilidades anunciadas na BNCC e dois campos de atuação, a saber, artístico-literário (no caso do EF, anos iniciais e finais, para os gêneros poema, memórias literárias e crônica) e jornalístico-midiático (no caso do EM, para o gênero artigo de opinião).

Campo de atuação artístico-literário: nos anos iniciais do EF (Brasil, 2018, p.132), é definido como campo relativo à participação em situações de leitura, fruição e produção de textos literários e artísticos, representativos da diversidade cultural e linguística, que favoreçam experiências estéticas. Já nos anos finais do EF (Brasil, 2018, p.156), o campo ganha em complexidade, ao anunciar que o que está em jogo neste campo é possibilitar às crianças, adolescentes e jovens dos anos finais do Ensino Fundamental o contato com as manifestações artísticas e produções culturais em geral, e com a arte literária em especial, e oferecer as condições para que eles possam compreendê-las e frui-las de maneira significativa e, gradativamente, crítica. Trata-se, assim, de ampliar e diversificar as práticas relativas à leitura, à compreensão, à fruição e ao compartilhamento das manifestações artístico-literárias, representativas da diversidade cultural, linguística e semiótica (...).

Campo de atuação jornalístico-midiático: no EM (Brasil, 2018, p.489), este campo caracteriza-se pela circulação dos discursos/textos da mídia informativa (impressa, televisiva, radiofônica e digital) e pelo discurso publicitário. Sua exploração permite construir uma consciência crítica e seletiva em relação à produção e circulação de informações, posicionamentos e induções ao consumo.

No trabalho com a SD do Caderno "Poetas da Escola", encontramos propostas norteadas por diferentes objetivos, explorando práticas de linguagem atreladas a habilidades que encontram morada na BNCC, de modo a retratar: na prática de leitura/escuta, a habilidade envolvida *é apreciar poemas e outros textos versificados, observando rimas, aliterações e diferentes modos de divisão dos versos, estrofes e refrões e seu efeito de sentido*; na prática de produção de textos, a habilidade (escrita autônoma) *é ler e compreender, com certa autonomia, textos em versos, explorando rimas, sons e jogos de palavras, imagens poéticas (sentidos figurados) e recursos visuais e sonoros* e, na prática de oralidade, a habilidade em jogo é *declamar poemas com entonação, postura e interpretação adequadas* (Brasil, 2018, p. 132-133).

No que diz respeito às propostas apresentadas nos Cadernos "Se bem me lembro..." (memórias literárias) e "A ocasião faz o escritor" (crônica), a análise dos objetivos de diferentes oficinas torna evidente a aderência a práticas de linguagem diretamente vinculadas a habilidades da BNCC, dentre elas: no eixo da leitura (reconstrução das condições de produção, circulação e recepção), *inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção; no eixo da produção de textos, engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário; no eixo da análise linguística/semiótica, (...) analisar os efeitos de sentido decorrentes do emprego de figuras de linguagem, tais como comparação, metáfora, personificação, metonímia, hipérbole, eufemismo, ironia, paradoxo e antítese e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões denotativas e conotativas (adjetivos, locuções adjetivas, orações subordinadas adjetivas etc), que funcionam como modificadores, percebendo sua função na caracterização dos espaços, tempos, personagens e ações próprios de cada gênero narrativo* (Brasil, 2018, p. 156-161).

Agora, em relação ao EM, no campo jornalístico-midiático - aqui tomado em função do gênero artigo de opinião, no Caderno "Pontos de Vista" -, variadas oficinas anunciam objetivos ligados ao trabalho com práticas de linguagem. Para exemplificar, faremos referência à competência específica 2 (Brasil, 2018, p. 492), a saber, *compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza*.

Tal competência vincula-se, entre outras habilidades, a: *conhecer e analisar diferentes projetos editoriais – institucionais, privados, públicos, financiados, independentes etc -, de forma a ampliar o repertório de escolhas possíveis de fontes de informação e opinião, reconhecendo o papel da mídia plural para a consolidação da democracia; analisar os diferentes graus de parcialidade/imparcialidade (no limite, a não neutralidade) em textos noticiosos, comparando relatos de diferentes fontes e analisando o recorte feito de fatos/dados e os efeitos de sentido provocados pelas escolhas realizadas pelo autor do texto, de forma a manter uma atitude crítica diante dos textos jornalísticos e tornar-se consciente das escolhas feitas pelo produtor* (Brasil, 2018, p. 521), sendo exploradas em várias oficinas no estudo de textos do gênero artigo de opinião.

Como palavras finais, cabe retomar o questionamento inicial - *Afinal, a Olimpíada é um trabalho a mais, para além do currículo que temos de dar conta na escola?* -, para, finalmente, afirmar que, dada a íntima conexão e o amplo alcance em relação aos dizeres da BNCC, a Olimpíada de Língua Portuguesa é o trabalho curricular do(a) docente, é o currículo vivo e em ação. Em síntese, a Olimpíada corrobora o processo de (re)significação de experiências de estudantes, professores(as) e comunidade com a palavra, gerando efeitos (trans)formadores na trajetória escolar de "nossos" meninos e meninas, adolescentes e jovens e, portanto, uma potente aliada ao objetivo, expresso na BNCC, de *assegurar os direitos de aprendizagem e desenvolvimento a todos e a todas*.

Introdução ao gênero

O que é crônica?

Antes de começar... Vamos conhecer alguns segredos de uma boa crônica!

Um dos prazeres da vida é abrir o jornal num domingo preguiçoso, pular as seções de política e economia e ler, sem compromisso, uma crônica, que pode nos emocionar, fazer rir, pensar... e às vezes até fazer as pazes com certos desastres da vida. Mas o que é uma crônica?

Um ensaio?

Um tipo de conto?

Seria literatura?

Ou apenas jornalismo com toque de poesia?

Difícil definir? Não para Ivan ngelo. Cansado de ver as crônicas que escreve serem confundidas com artigos ou contos, ele resolveu nos fazer pensar sobre elas, confira na próxima página. Leia mais sobre Ivan Ângelo neste Caderno.

Sobre a crônica

Uma leitora se refere aos textos aqui publicados como "reportagens". Um leitor os chama de "artigos". Um estudante fala deles como "contos". Há os que dizem: "seus comentários". Outros os chamam de "críticas". Para alguns, é "sua coluna".

Estão errados? Tecnicamente, sim – são crônicas –, mas... Fernando Sabino, vacilando diante do campo aberto, escreveu que "crônica é tudo o que o autor chama de crônica".

A dificuldade é que a crônica não é um formato, como o soneto, e muitos duvidam que seja um gênero literário, como o conto, a poesia lírica ou as meditações à maneira de Pascal[1].

Leitores, indiferentes ao nome da rosa, dão à crônica prestígio, permanência e força. Mas vem cá: é literatura ou é jornalismo? Se o objetivo do autor é fazer literatura e ele sabe fazer...

Há crônicas que são dissertações, como em Machado de Assis; outras são poemas em prosa, como em Paulo Mendes Campos; outras são pequenos contos, como em Nelson Rodrigues; ou casos, como os de Fernando Sabino; outras são evocações, como em Drummond e Rubem Braga; ou memórias e reflexões, como em tantos. A crônica tem a mobilidade de aparências e de discursos que a poesia tem – e facilidades que a melhor poesia não se permite.

Está em toda a imprensa brasileira, de 150 anos para cá. O professor Antonio Candido observa: "Até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e pela originalidade com que aqui se desenvolveu".

Alexandre Eulálio, um sábio, explicou essa origem estrangeira: "É nosso familiar essay[2], possui tradição de primeira ordem, cultivada desde o amanhecer do periodismo nacional pelos maiores poetas e prosistas da época". Veio, pois, de um tipo de texto comum na imprensa inglesa do século XIX, afável, pessoal, sem-cerimônia e, no entanto, pertinente.

Por que deu certo no Brasil? Mistérios do leitor. Talvez por ser a obra curta e o clima, quente.

---

1. Blaise Pascal (1623-1662), matemático, filósofo e teólogo francês, autor de *Pensamentos*.
2. "Ensaio familiar." Ensaio é um gênero inaugurado por Michel de Montaigne (1533-1592); vem da palavra francesa essayer ("tentar"). Um ensaio é um texto onde se encadeiam argumentos, por meio dos quais o autor defende uma ideia.

A crônica é frágil e íntima, uma relação pessoal. Como se fosse escrita para um leitor, como se só com ele o narrador pudesse se expor tanto. Conversam sobre o momento, cúmplices: nós vimos isto, não é, leitor?, vivemos isto, não é?, sentimos isto, não é? O narrador da crônica procura sensibilidades irmãs.

Se é tão antiga e íntima, por que muitos leitores não aprenderam a chamá-la pelo nome? É que ela tem muitas máscaras. Recorro a Eça de Queirós, mestre do estilo antigo. Ela "não tem a voz grossa da política, nem a voz indolente do poeta, nem a voz doutoral do crítico; tem uma pequena voz serena, leve e clara, com que conta aos seus amigos tudo o que andou ouvindo, perguntando, esmiuçando".

A crônica mudou, tudo muda. Como a própria sociedade que ela observa com olhos atentos. Não é preciso comparar grandezas, botar Rubem Braga diante de Machado de Assis. É mais exato apreciá-la desdobrando-se no tempo, como fez Antonio Candido em "A vida ao rés do chão": "Creio que a fórmula moderna, na qual entram um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu quantum satis[3] de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma". Ainda ele: "Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas".

Elementos que não funcionam na crônica: grandiloquência, sectarismo, enrolação, arrogância, prolixidade. Elementos que funcionam: humor, intimidade, lirismo, surpresa, estilo, elegância, solidariedade.

Cronista mesmo não "se acha". As crônicas de Rubem Braga foram vistas pelo sagaz professor Davi Arrigucci como "forma complexa e única de uma relação do Eu com o mundo". Muito bem. Mas Rubem Braga não se achava o tal. Respondeu assim a um jornalista que lhe havia perguntado o que é crônica:

— Se não é aguda, é crônica

Ivan Ângelo. *Veja São Paulo*, 25/4/2007.

3. Em latim, "a quantidade necessária".

Crônica é um gênero de texto tão flexível que pode usar a "máscara" de outros gêneros, como o conto, a dissertação, a memória, o ensaio ou a poesia, sem se confundir com nenhum deles. É leve, despretensiosa como uma conversa entre velhos amigos, e tem a capacidade de, por vezes, nos fazer enxergar coisas belas e grandiosas em pequenos detalhes do cotidiano que costumam passar despercebidos.

Mas que tal enriquecer com outras informações essas primeiras ideias a respeito do que é crônica?

História das crônicas

A palavra "crônica", em sua origem, está associada ao vocábulo *"khrónos"* (grego) ou *"chronos"* (latim), que significa "tempo". Para os antigos romanos a palavra "chronica" designava o gênero que fazia o registro de acontecimentos históricos, verídicos, na ordem em que aconteciam, sem pretender se aprofundar neles ou interpretá-los. Com esse sentido ela foi usada nos países europeus.

A crônica contemporânea brasileira, também voltada para o registro jornalístico do cotidiano, surgiu por volta do século XIX, com a expansão dos jornais no país. Nessa época, importantes escritores, como José de Alencar e Machado de Assis, começam a usar as crônicas para registrar de modo ora mais literário, ora mais jornalístico, os fatos corriqueiros de seu tempo. É interessante observar que as primeiras crônicas brasileiras são dirigidas às mulheres e publicadas como folhetins, em geral na parte inferior da página de um jornal.

Olho atento ao cotidiano

A crônica é um gênero que ocupa o espaço do entretenimento, da reflexão mais leve. É colocada como uma pausa para o leitor fatigado de textos mais densos. Nas revistas, por exemplo, em geral é estampada na última página.

Ao escrever, os cronistas buscam emocionar e envolver seus leitores, convidando-os a refletir, de modo sutil, sobre situações do cotidiano, vistas por meio de olhares irônicos, sérios ou poéticos, mas sempre agudos e atentos.

Os muitos tons da crônica no Brasil

A crônica é um gênero que retrata os acontecimentos da vida em tom despretensioso, ora poético, ora filosófico, muitas vezes divertido. Nossas crônicas são bastante diferentes daquelas que circulam em jornais de outros países. Lá são relatos objetivos e sintéticos, comentários sobre pequenos acontecimentos, e não costumam expressar sentimentos pessoais do autor. Os cronistas brasileiros exprimem vivências e sentimentos próprios do universo cultural do país.

No Brasil, há vários modos de escrevê-las. Usando o tom da poesia, o autor produz uma **prosa poética**, como algumas crônicas escritas por Paulo Mendes Campos. Mas elas podem ser escritas de uma forma mais próxima ao **ensaio**, como as de Lima Barreto; ou a que você acabou de ler, de Ivan Ângelo; ou ser **narrativas**, como as de Fernando Sabino. As crônicas podem ser **engraçadas**, puxando a reflexão do leitor pelo jeito humorístico, como as de Moacyr Scliar, ou ter um tom **sério**. Outras podem ser próximas de **comentários**, como as crônicas esportivas ou políticas.

Os muitos tons da crônica no Brasil

Nem todas as crônicas resistem ao tempo. Publicadas em jornais e revistas, são lidas apenas uma vez e, em geral, esquecidas pelo leitor. A crônica literária, no entanto, tem longa duração e é sempre apreciada pelo estilo de quem a escreve e pelo tema abordado.

A produção de crônicas literárias é muitas vezes tarefa "encomendada" a escritores já reconhecidos pela publicação de outras obras, como contos e romances. São esses autores que, usando recursos literários e estilo pessoal, fazem seus textos perdurarem e serem apreciados apesar da passagem do tempo. Para conseguir esse efeito, os escritores não destacam os fatos em si, mas a interpretação que fazem deles, dando-lhes características de "retrato" de situações humanas atemporais. Os temas geralmente são ligados a questões éticas, de relacionamento humano, de relações entre grupos econômicos, sociais e políticos.

Em geral, na crônica a narração capta um momento, um flagrante do dia a dia; o desfecho, embora possa ser conclusivo, nem sempre representa a resolução do conflito, e a imaginação do leitor é estimulada a tirar suas próprias conclusões. Os fatos cotidianos e as personagens descritas podem ser fictícias ou reais, embora nunca se espere da crônica a objetividade de uma notícia de jornal, de uma reportagem ou de um ensaio.

O tempo das oficinas

Cada oficina foi organizada para tratar de um tema, de um assunto. Algumas poderão ser realizadas em uma ou duas aulas; outras levarão três ou quatro. Por isso, é essencial que você, professor(a), leia todas as atividades antecipadamente. Antes de começar a trabalhar com os(as) estudantes, é preciso ter uma visão do conjunto, de cada etapa e do que se espera que eles produzam ao final.

Aproprie-se dos objetivos e das estratégias de ensino, providencie o material e estime o tempo necessário para que sua turma faça o que foi proposto.

Enfim, é preciso planejar cada passo, pois só você, que conhece seus alunos e alunas, conseguirá determinar qual a forma mais eficiente de trabalhar com eles. Comece o quanto antes; assim, você terá mais tempo para desenvolver as propostas.

1 oficina

33
A ocasião faz o escritor

É hora de combinar

objetivos

- Apresentar a Olimpíada de Língua Portuguesa, motivando os(as) alunos(as) à participação.
- Estabelecer contato com o gênero crônica
- Ler uma crônica de Tiago Germano

prepare-se!

Você bem sabe que aulas significativas não são dadas por acaso: é preciso investir tempo e definir o que se quer e o que se pretende alcançar ao final de cada aula, além de refletir sobre as propostas de atividades e preparar o material necessário.

1ª etapa

Uma classe motivada

A importância de participar

Do seu entusiasmo vai depender o bom êxito da sua proposta de trabalho. Esse entusiasmo vai contagiar os alunos se você lhes der uma visão clara do que é essa Olimpíada e do que vão ganhar ao fazer parte dela. Como?
Lembre-se de que as atividades deste Caderno foram planejadas para abordar alguns dos conteúdos de ensino de língua portuguesa. Todos os alunos devem participar das oficinas, pois poderão alcançar uma escrita mais aprimorada.

atividades

- Comece perguntando o que eles sabem sobre olimpíadas em geral. O objetivo de qualquer pergunta é provocar respostas do outro; por isso dê tempo para que os alunos se manifestem. Para facilitar o diálogo e a aprendizagem cooperativa disponha as carteiras em círculo, semicírculo ou em forma de U.
- Apresente a Olimpíada de Língua Portuguesa, suas semelhanças e diferenças com uma olimpíada esportiva; mostre-lhes que, nesse caso, o objetivo é aprender a escrever **crônicas** sobre as pessoas, os costumes, a vida do lugar onde moramos.

▷ Não dê prontamente todas as informações sobre o concurso. Peça aos alunos que formem duplas e, por dois minutos, levantem dúvidas e façam perguntas. Depois, ouça os representantes de cada dupla e esclareça todos os pontos de uma só vez. É uma boa oportunidade para lembrar-lhes que todos sairão ganhando: primeiro, pela preparação intensiva para a Olimpíada, que começa com esta Oficina 1 e vai se estender por mais dez. Segundo, porque todos os textos produzidos na penúltima oficina vão se transformar em material de leitura para os outros alunos da escola. Nesse ponto você pode perguntar à turma: "O que fazer para que outras pessoas possam ler o que vocês vão escrever, aqui na sala de aula, sobre a nossa cidade?". Ouça as respostas. Talvez surjam ideias como: produzir um livro com as crônicas para ficar disponível na biblioteca ou em versão virtual; publicar periodicamente os textos nos jornais do bairro, da cidade ou no site da escola. Você também pode sugerir a criação de um blog colaborativo entre os alunos, como fez um grupo de semifinalistas, em 2012 <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/noticias/sobre-o-programa/artigo/530/infinitas-cronicas-sobre-um-blog-de-cronicas>.

2ª etapa

A descoberta de uma crônica

Entendido como funciona o concurso, é hora de ajudar os alunos a descobrir o que é uma crônica. Em vez de simplesmente ler ou ouvir a definição de crônica que está no dicionário, os alunos vão pensar e dizer o que acham que é esse gênero discursivo.

atividades

- Comece fazendo perguntas e, sem emitir comentários, aguarde um tempo para ouvir as respostas.
  - **Quem costuma ler crônicas em jornal ou revista ou em blogs da internet?**
  - **Quem já ouviu crônicas em programas de rádio ou televisão?**
  - **De que assuntos tratam essas crônicas?**

- Divida a classe em grupos. Entregue-lhes um jornal, uma revista semanal ou um livro que contenha crônicas (na versão física ou digital). A tarefa do grupo será consultar, ler esses materiais e escolher uma crônica para apresentar aos colegas.

Sobre suportes, olhares e palavras

Você pode encerrar esta etapa lembrando-lhes as situações de comunicação em que as crônicas costumam ser produzidas, ou seja, com que finalidade, para quem, onde circulam e em que suportes (livros, jornais, revistas, internet) são encontradas.
Destaque para os futuros cronistas que eles têm como tarefa, daqui por diante, desenvolver o um olhar atento e sensível aos fatos do dia a dia: um morador de rua solitário na calçada, a forma de o feirante atrair os compradores, um encontro no ônibus, o futebol dos meninos na pracinha, uma notícia de jornal que desperta curiosidade... Tudo isso é material para que eles possam, primeiro, refletir criticamente sobre questões sociais, ações, sentimentos e comportamento das pessoas e, depois, usar ao escrever a crônica deles, trazendo à tona a vida da cidade. Outra dica que você pode dar aos (as) seus(uas) alunos(as): cronista escolhe a dedo as palavras. Sua linguagem é simples, espontânea, quase uma conversa ao pé do ouvido com o leitor. Tempera os fatos diários com humor, ironia ou emoção, revelando peculiaridades que as pessoas, em sua correria, deixam de perceber.

3ª etapa

A descoberta de uma crônica

A melhor forma de aprender a fazer alguma coisa é observar um mestre no assunto em ação. Por isso, nesta e em outras oficinas, os estudantes vão ler crônicas de grandes escritores brasileiros. Elas estão neste Caderno e também em sites na web, como:

Portal da Crônica Brasileira <https://cronicabrasileira.org.br/>

Nesta primeira oficina o mestre será Tiago Germano. Sugerimos um roteiro para trabalhar a crônica de Germano, que você poderá seguir nas outras oficinas, a cada novo cronista apresentado.

atividades

- Por meio de perguntas, explore o que os alunos já sabem sobre o autor.
- Depois de ouvi-los, apresente alguma informação sobre quem é Tiago Germano. O quadro abaixo poderá ajudá-lo.

Para saber mais

Tiago Germano

O escritor Tiago Germano nasceu na cidade de Picuí, localizada na região Seridó do estado da Paraíba, em 1982. Ele é jornalista, formado pela Universidade Federal da Paraíba, e foi no jornalismo que iniciou sua escrita de crônicas, desde que se formou, no ano de 2005. Germano foi o vencedor do Prêmio Sesc de Crônicas Rubem Braga (2017), com o texto intitulado "Óculos Ray-Ban", escrito em homenagem ao pai. Esta crônica se soma a tantas outras que se encontram reunidas no livro *Demônios Domésticos.*

Para o escritor paraibano, o cotidiano é um tema que sempre aparece em seus textos, e por isso ele sempre procura não somente anotar aquilo que lhe chama atenção no dia a dia, mas também segue pesquisando, para no momento em que for escrever se sentir mais preparado: "É um aprendizado e treinamento constante, temos que trabalhar muito pela inspiração. Picasso dizia muito isso, que a inspiração existe mas ela tem que te achar trabalhando".

Entrevista com Tiago Germano: Portal Correio <https://youtu.be/cK7jWB1NPu0>

▷ Por meio de perguntas, explore um pouco o título "O papa vai ao banheiro?" – isso vai ajudar os alunos a descobrir as características de um bom título e aprender a criá-lo para as crônicas deles.

- **Esse título chama a atenção do leitor? Por quê?**
- **O que ele sugere?**
- **Pelo título dá para imaginar o assunto da crônica?**
- **Que situação vocês acham que essa crônica vai retratar?**
- **Peça aos alunos que leiam "O papa vai ao banheiro?"**
- **Pergunte-lhes o que mudou sobre a percepção do texto após a leitura.**

Em seguida, faça comentários sobre essa diferença. Utilize como apoio o texto "Buscando sentido".

Buscando sentido

Para ler um texto, não basta identificar letras, sílabas e palavras; é preciso buscar o sentido, compreender, interpretar, relacionar e reter o que for mais relevante.

Quando lemos algo, temos sempre um objetivo: buscar informação, ampliar conhecimento, meditar, entreter-nos. O objetivo da leitura é o que vai mobilizar as estratégias que o leitor utilizará. Sendo assim, ler um artigo de jornal é diferente de ler um romance, uma história em quadrinhos ou um poema.

Ler textos traz desafios para os alunos. Para vencê-los é fundamental a mediação de um professor, que deve ajudá-los a compreender, gradativamente, diferentes gêneros textuais por meio da leitura individual e autônoma. Algumas estratégias podem facilitar essa conquista: uma delas é a leitura cativante, emocionada, enfática, feita pelo professor; outra, a audição dos textos disponível neste Caderno.

Contudo, ouvir textos lidos em voz alta não pode substituir a leitura dos alunos, pois são jeitos diferentes de conhecer um mesmo texto. Além disso, é papel da escola desenvolver habilidades de leitura.

O papa vai ao banheiro?

Tiago Germano

No terceiro mês do catecismo, o padre nos deu a chance esperada: depois de doze semanas de aulas e de leituras bíblicas, tão pouco frequentadas quanto pouco entendidas, podíamos perguntar o que quiséssemos.

Fui o primeiro a erguer o braço. O padre, encanecido, pediu que eu me levantasse. Com a coragem que hoje, nos eventos de que participo, procuro, mas não acho, arranquei do fundo da alma a dúvida atordoante: "Padre, o Papa vai ao banheiro?"

A morte de João Paulo II, em meio à comoção mundial gerada pelo seu funeral, em 2005, me trouxe de volta essa lembrança distante. Junto com ela, o medo que eu sentia na infância daquele homem, do quadro que minha avó conservava pendurado ao lado da imagem de Jesus.

Eu não sabia a diferença entre Jesus e Deus. Minha avó tentou me explicar que Jesus não era Deus, mas que também podia ser. Que foi humano por 33 anos, mas que depois que morreu virou uma pomba. Nesse dia, descobri que o Papa tinha um papamóvel (o que fazia dele quase um herói de história em quadrinho) e que, se o Papa comia, ele também tinha que ir obrigatoriamente ao banheiro. A minha avó só não conseguiu me esclarecer por que João Paulo II lia os discursos tão devagar, como se não tivesse passado da alfabetização, ele que, segundo ela, era um dos homens mais inteligentes do mundo, sabia todas as línguas faladas por todos os povos. Na verdade, continuei com um medo brutal do Papa. Todos choravam quando se aproximavam dele.

Nunca imaginei, por exemplo, o Papa jovem, até que vi uma foto dele um pouco mais novo do que eu era naquela época. Careca, como sempre. Branco, como sempre. Mas humano, sem a aura de santidade que tanto me assombrava. Décadas depois, quando o vi ali, morto, estendido aos olhos da multidão, compreendi que a humanidade do Papa estava muito além das minhas cogitações infantis.

Ainda hoje me pego imaginando o Papa no banheiro, as vestes santas despidas do corpo enorme, e rio o riso proibido do catecismo. A última imagem que guardarei do Papa João Paulo II, o único e verdadeiro Papa da minha geração, é a de sua dor, que o igualou a cada ser humano neste planeta. Uma dor como a de Jesus, que era humano mas que também era Deus. E que talvez também fosse ao banheiro, mas só de vez em quando.

Demônios domésticos. [S. l.]: *Le Chien,* 2017.

Depois de ler e acompanhar a leitura da crônica, é hora de questionar o que a crônica provocou nos alunos:

- **Deixe que falem livremente: se gostaram, se não gostaram, se eles se surpreenderam, ou se emocionaram, ficaram com raiva... Abra espaço, neste momento inicial, para depoimentos livres, bem do campo das sensações mesmo.**
- **Alguém já viveu uma situação como a descrita na crônica? Ou conhece outra pessoa que vivenciou algo parecido?**
- **Há algo que ficou difícil de entender?**
- **Quem gostaria de citar um trecho curioso da crônica?**
- **Você consegue identificar no texto os momentos em que o autor utilizou humor?**
- **Quais são os personagens que aparecem na história? O autor se faz presente? Sua história compõe parte da crônica? Destaque os trechos que apontam isso.**

Sobre “O papa vai ao banheiro?”

Só pelo título da crônica de Tiago Germano já é possível reconhecer o humor presente nela, ao aproximar a figura de uma autoridade religiosa da prática mais corriqueira de ir ao banheiro. Ao discutir o texto com os alunos, é importante mostrar que não se trata de ser ou não religioso, muito menos de ser ou não um seguidor da Igreja da qual o papa é o líder, a Católica. Trata-se de se colocar no ponto de vista do cronista, que recorda um episódio de sua infância e procura mostrar o mundo a partir dessa visão infantil.

Esse traço, o humor do autor, ganha espaço em algumas passagens da crônica. Olhem só este trecho: “Ainda hoje me pego imaginando o Papa no banheiro, as vestes santas despidas do corpo enorme, e rio o riso proibido do catecismo”. O cronista faz aqui aquele exercício de imaginação que todos nós fazemos quando somos crianças e também quando somos adultos. Sem vergonha, sem preocupação de cair no ridículo, sem nenhuma repressão. Muito à vontade, o autor desenha em seu pensamento aquela figura sem roupas, peladão, ali no banheiro, como qualquer um de nós, seres humanos, fazendo xixi, fazendo cocô, escovando os dentes, tomando banho.

Pois então é esse um dos traços mais marcantes nas crônicas, o humor, a ironia, a gozação. É muito natural e corriqueiro as pessoas fazerem comentários divertidos com situações consideradas sagradas. E é justamente esse comentário comum no nosso dia a dia que o autor foi buscar no trecho apontado.

Outro ponto bem importante nessa crônica é a presença da história do autor, que aparece quando ele cita a avó: “A minha avó só não conseguiu me esclarecer por que João Paulo II lia os discursos tão devagar, como se não tivesse passado da alfabetização, ele que, segundo ela, era um dos homens mais inteligentes do mundo, sabia todas as línguas faladas por todos os povos.”.

Essa figura feminina que é um dos personagens da crônica é um membro da família, e ela passa a fazer parte da narrativa, da história. E ao integrar a avó para a narrativa, é como se todos nós (o escritor e nós, os leitores) já fôssemos

velhos conhecidos. Ao falar de sua avó, o autor permite que nós, seus leitores, imaginemos que a avó estivesse ali, presente, participando da conversa.

Esse é outro recurso que a crônica permite. Trazer pessoas para entrar na roda de conversa, como se estivéssemos numa cena presencial. Mais ou menos assim: a pessoa puxa uma cadeira e entra na conversa.

Outro ponto que vale destacar é a sinceridade que o autor usa para dizer que sentia medo do papa quando era criança. Como neste trecho: "Na verdade, continuei com um medo brutal do Papa. Todos choravam quando se aproximavam dele". Essa confissão, de que tinha medo daquela figura papal, nos mostra que isso acontece com muitas crianças, que por receio do desconhecido acabam travando uma relação de apreensão, de receio e de medo. Esse é um sentimento que nos toma a todos, jovens, crianças e adultos. Todos somos de carne e osso, somos seres humanos que temos medo de muita coisa, em particular do que é desconhecido. A crônica dá espaço para esse tipo de revelação/confissão, porque é uma espécie de conversa entre amigos.

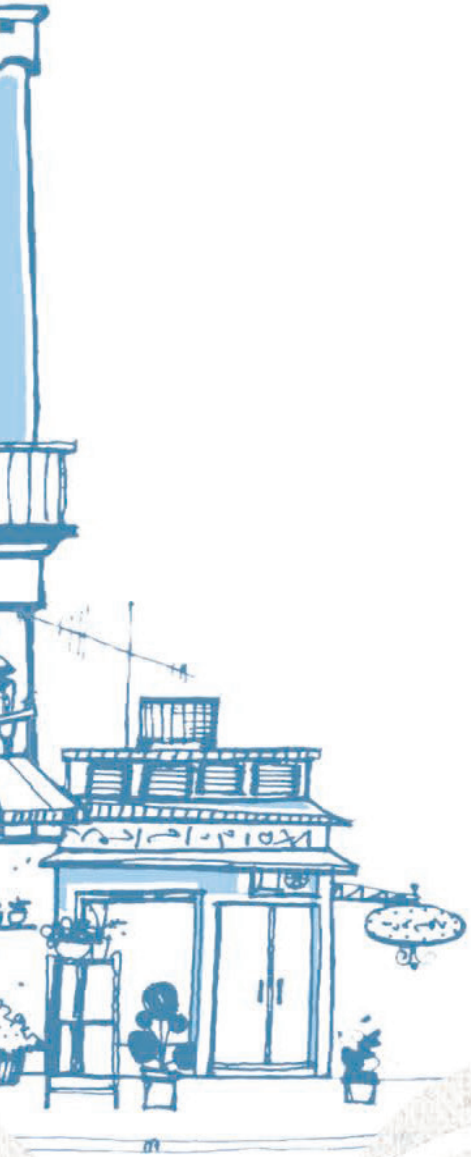
Há palavras que o vento não leva

O registro é muito importante para você aperfeiçoar o seu trabalho. Ele nos ajuda a fazer questionamentos e descobrir soluções que nos fazem crescer. Sabemos que é mais uma tarefa, mas precisamos desenvolver essa prática e vencer a falta de tempo.

Você pode utilizar o campo de anotações para registrar as atividades desenvolvidas, suas impressões e dificuldades e as reações do grupo. Como diz a educadora Madalena Freire (1996): "O registrar de sua reflexão cotidiana significa abrir-se para seu processo de aprendizagem".

oficina

45
A ocasião faz o escritor



Balaio de crônicas

objetivos

- Aproximar os alunos do gênero crônica.
- Possibilitar-lhes que identifiquem a diversidade de estilo e de linguagem entre autores de épocas diferentes.
- Distinguir o tom de lirismo, ironia, humor ou reflexão em diferentes crônicas.
- Favorecer a percepção de que tudo pode caber numa crônica – como em um grande balaio.

prepare-se!

Vamos prosseguir com o trabalho de aproximação ao gênero crônica, possibilitando que os(as) estudantes tomem contato com a grande multiplicidade de estilo e linguagem de textos.

1ª etapa

A imensidão que é a crônica

atividades

- Divida a classe em pequenos grupos e proponha a leitura de algumas das crônicas sugeridas e disponíveis na coletânea, localizada ao final deste caderno:
  - **Catadores de tralhas e sonhos (Milton Hatoum)**
  - **Conduções (Lilia Guerra)**
  - **Regra para uso dos bondes (Machado de Assis)**
  - **Face a face (Mário Viana)**
  - **Alegrias (José Falero)**
  - **Expedição à padaria (Vanessa Barbara)**
  - **Ser brotinho (Paulo Mendes Campos)**

- **Exercitando na prática**. A proposta é que cada grupo leia a crônica e em seguida faça os comentários orais e anotações, seguindo os tópicos:
  - **Tempo cronológico:** é possível reconhecer que cada uma das crônicas está tratando de épocas diferentes? Por quê?
  - **Maneiras de tratar o assunto:** com o auxílio dos comentários, cada grupo terá a oportunidade de confirmar o jeito e o tom que cada um dos autores escolheu para construir o seu texto e expressar suas ideias.
  - Que **sentimentos ou emoções** a crônica nos despertou?
    Raiva, medo, alegria, impaciência, curiosidade, nostalgia (saudades)?
  - A **linguagem** era atual? Era de difícil compreensão?
    O que ou em que passagens as ideias e a narrativa não ficaram claras?
  - Qual é o **assunto** central da crônica?

- Qual **a personagem ou os personagens** que aparecem na crônica? Como eles estão construídos no texto? Qual o olhar do cronista para eles?
- O **autor** fazia parte da situação narrada ou estava como observador, de fora? Quais são as marcas no texto que possibilitam essa percepção?

Colabore com os grupos fazendo uma prévia e abordando os diferentes autores, as diferentes épocas e lugares em que viveram. Estamos tratando objetivamente de Machado de Assis, Paulo Mendes Campos, Milton Hatoum e os jovens cronistas. Comentários pontuais sobre as diferenças temporais e culturais ajudarão os alunos a entender a importância de Machado de Assis como cronista, por exemplo. Como era a época, a cidade e o país em que ele viveu, mostrando aos alunos a importância de uma tradição brasileira de cronistas. E como tal, há séculos que o gênero crônica vem sendo praticado pelos escritores brasileiros, incluindo um dos consagrados, Machado de Assis.

- Peça que analisem o jeito de narrar que o cronista utilizou para captar o acontecimento e provocar reflexão e/ou crítica: adotou um tom sério e compenetrado? Ou, ao contrário, fez rir? Será que foi irônico, insinuando que suas palavras significavam o contrário do que diziam? Ou valeu-se de lirismo, fazendo comparações e metáforas poéticas?

- Após essa discussão, organize uma roda de conversa em que um representante de cada grupo possa apresentar comentários sobre o que puderam perceber e analisar na crônica lida. Em seguida, faça um quadro (cada professor vai verificar quais as condições mais apropriadas para fazer este quadro) e preencha os campos junto com a turma. A sugestão é utilizar o quadro "Análise de uma crônica". Também é possível realizar esta atividade por meio da ferramenta Padlet (https://pt-br.padlet.com/), um mural virtual em que o aluno tem a possibilidade de incorporar textos, áudios e vídeos em recados autocolantes digitais.

Análise de uma crônica

	MACHADO	HATOUM	L GUERRA	J FALERO	M VIANA	Paulo .M. Campos
Tema ou assunto	Comportamento nos transportes públicos	Vida na rua	Olhar crítico para a periferia	O mundo que nos rodeia	Cotidiano de quarentena	Juventude e seus comportamentos
Personagem	Passageiros	Carroceiro	Periferia	Tráfico Autor da crônica	Usuários da vídeo chamada	Uma garota
Tom	Irônico	Lírico poético	Crítico	Deúncia crítica	Observação comportamento	Lírico

Sugestões

- Para melhor compreender um texto, é preciso saber em que situação de comunicação ele foi produzido: "Quem é o autor? Para quem ele escreveu? Em que veículo ele publicou a crônica (jornal, revista, internet, livro)?

- Crie um espaço de leitura bem convidativo. Que tal deixar sempre disponíveis jornais, revistas e livros de crônicas? Você sabia que muitos livros do Programa Nacional de Biblioteca na Escola (PNBE) trazem crônicas?

- Outra coisa: mural e varais precisam estar sempre atualizados, com indicações de leitura, resenhas de livros, apreciações das crônicas lidas ao longo do trabalho, fotos pitorescas. Convide uma equipe de voluntários, entre os alunos, para se responsabilizar por essa organização!

- Para que os alunos percebam que a crônica pode divertir, sensibilizar, humanizar e permitir uma convivência íntima com a palavra, você precisa estimulá-los a exercitarem a leitura. Peça que façam pesquisas e indique alguns livros, jornais, revistas e sites nos quais eles possam pesquisar. Alguns sites que você pode indicar:

  > Domínio Público <http://www.dominiopublico.gov.br>

  > Portal da Crônica Brasileira <https://cronicabrasileira.org.br>

  > Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br>

  > Biblioteca Digital Brasil – Fundação Biblioteca Nacional <http://bndigital.bn.gov.br>

  > Biblioteca Nacional Sem Fronteiras <https://bsf.org.br>

- Combine com eles para trazerem as crônicas encontradas na aula seguinte.

oficina 3

Primeiras linhas

objetivos

- Produzir a primeira escrita de uma crônica.
- Encorajar os alunos a continuar aprendendo a escrever crônicas.

prepare-se!

Você deverá explicar aos alunos como escolher um fato ligado ao cotidiano de cada um para escrever sua primeira crônica. Leia esses primeiros textos e faça anotações para saber o que cada um tem que melhorar.

1ª etapa

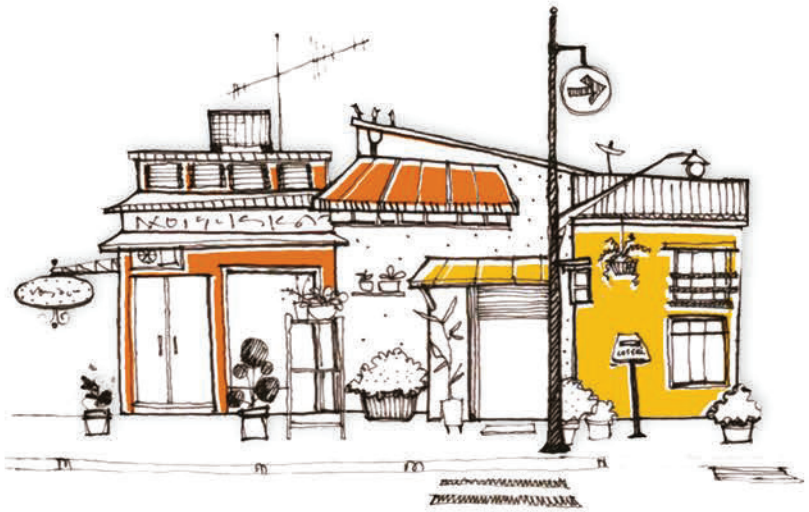
Elementos que as crônicas têm em comum

Com base na pesquisa realizada pelos alunos, será possível saber como se escreve uma crônica.

atividades

Peça aos alunos que comentem as crônicas trazidas, de acordo com o combinado na oficina anterior e com base nos tópicos abaixo.

- **Dados do autor e tema da crônica.**
- **Veículo em que foi publicada e a que tipo de leitor se destinou.**
- **O tom da escrita (bem-humorado, poético, irônico, reflexivo, sério).**



Peça aos alunos que procurem identificar os elementos que todas as crônicas, por mais diferentes que sejam, têm em comum. Com base nos exemplos extraídos das apresentações anteriores, crie com seus alunos um cartaz com os elementos contidos em uma crônica. Também é possível realizar esta atividade por meio da ferramenta *Padlet <https://pt-br.padlet.com>*.

- **Título sugestivo.**
- **Cenário curioso – ou visto a partir de alguma curiosidade que é destacada pelo cronista.**
- **Foco narrativo, ou seja, o autor escolhe o ponto de vista que vai adotar: escreve na primeira pessoa (eu vi, eu fiz, eu senti) e se transforma em parte da narrativa – é o autor-personagem; ou fica de fora e escreve na terceira pessoa (ele fez, eles sentiram) – é o autor-observador.**
- **Uma ou várias personagens, inventadas ou não – o autor pode ser uma delas.**
- **Enredo, isto é, narra um momento, um acontecimento, um episódio banal do cotidiano, e a partir daí passa uma ideia, provoca uma emoção.**
- **Tom, que pode ser poético, humorístico, irônico ou reflexivo.**
- **Linguagem coloquial (uma "conversa" com o leitor).**
- **Desfecho.**

É hora de pensar no título! Lembrando que o título é o que o leitor lê primeiro, é a síntese de tudo que está no texto. Vamos brincar de elaborar novos títulos para as crônicas que os alunos trouxeram, tendo em vista que a brincadeira envolve dialogar com outras linguagens, como, por exemplo, letras de músicas, títulos de filmes, expressões e palavras que estão na boca do povo, entre outros.

Que tal começar trazendo alguns exemplos que estão espalhados pelas publicações em papel e também pela internet:

- ✓ "Conheça os astronautas negros da Nasa que já foram ao espaço"
- ✓ "Um podcast para chamar de seu: os temas de cada tribo"
- ✓ "Usar máscaras cirúrgicas reduz à metade perigo de contaminação; se o contaminado usar, probabilidade fica abaixo dos 20%"

E, também títulos de algumas crônicas produzidas na 6ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa:

- ✓ "Do "buteco da Antônia" à Dona Maria"
- ✓ "Manoel e o vendedor de bugigangas"
- ✓ "O sono roubou o tempo"
- ✓ "O dia em que a noite ficou vermelha"

Sem o uso de verbos:

- ✓ "Força, mamãe" (Crônica de Vanessa Bárbara, Revista Piauí)
- ✓ "O dilema das redes" (nome do longa-metragem Jeff Orlowski)
- ✓ "SUS em primeiro lugar"
- ✓ "Basta de queimadas!"

Que tal fazermos um primeiro exercício? Divida a sala em dois grupos: um se encarrega de criar títulos usando um verbo, em qualquer tempo: presente, passado ou futuro. O outro, sem o uso de verbos, somente com substantivos, adjetivos, pronomes, preposições e/ou advérbios.

2ª etapa

Escrevendo mais e mais

atividades

- Peça aos alunos que pensem: em suas vivências, nos lugares que frequentam; nas pessoas com as quais convivem; nos assuntos que estão circulando na cidade, na comunidade; em algo que tenha ocorrido no dia a dia deles e chamado a atenção. É dessa simples observação que cada um dos(as) estudantes escreverá uma crônica.
- Em seguida, incentive-os(as) a compartilhar com o grupo a situação que identificaram mentalmente.
- À medida que os (as) alunos(as) falam, anote os fatos lembrados. Terminada a lista, mostre que todos conseguiram agir como verdadeiros cronistas. Olharam os fatos corriqueiros da cidade e escolheram um episódio a respeito do qual querem escrever, individualmente, uma crônica.
- **O próximo passo é escolher o tom** – poético, bem-humorado, crítico, lírico – com que vão narrar o tema "**O lugar onde vivo**"e optar pelo foco narrativo: na primeira pessoa (autor-personagem) ou na terceira pessoa (autor-observador).
- Dê-lhes tempo para escolher o tom e o foco narrativo que mais lhes agrade; em seguida, comente a importância do(a) aluno(a)-autor(a) levar em conta a situação de produção:
  - **Quem escreve?**
  - **Para quem? (Para colegas de classe? Para a comunidade? Para um júri?)**
  - **Com qual finalidade? (Competir? Divulgar? Comunicar?)**
  - **Onde a crônica será publicado? (Jornal, livro, revista, blog, livro digital, mural da escola, vídeo no Youtube)**

- Em seguida, peça a cada um deles que escreva uma crônica.
- Finalizada a escrita, peça aos(as) alunos(as) que releiam o que escreveram – agora como cronistas. Caso haja tempo, proponha que troquem os textos entre si, fazendo comentários e sugestões. Depois da leitura do(a) colega, o(a) aluno(a) poderá rever o texto para escrever outra versão.
- Antes que coloquem a mão na massa, lembre-lhes de que essa crônica é ainda uma primeira versão, que será lida apenas por você. O objetivo é fazer uma avaliação inicial do que eles já sabem e do que precisam aprender sobre como escrever uma crônica. Os alunos também vão fazer uma autoavaliação para descobrir os aspectos que precisam ser melhorados. É importante recomendar-lhes que guardem com cuidado o primeiro texto, para compará-lo com o texto final, que será escrito na Oficina 10, e ver com os próprios olhos o quanto evoluíram na caminhada.
- Uma dica para a classe: na maioria das vezes o cronista cria o título depois de escrever a crônica.

3ª etapa

O valor da primeira escrita

A primeira produção propicia um diagnóstico dos conhecimentos e das dificuldades de cada aluno. Esses dados darão pistas para que você possa planejar as intervenções necessárias no desenvolvimento de cada etapa do trabalho.

Abaixo há o exemplo de uma **produção inicial** que poderá ajudá-lo na avaliação de seus alunos e a planejar os próximos passos do trabalho. Confira também o bilhete do professor, incentivando a aluna.

Escola: Professor Antônio Barifaldi
Aluna: Mariana Camargo
Ano escolar: 6º ano

"O dia que a Vai-Vai ganhou"

O dia que a Vai-Vai foi campeã foi uma festa imensa foi tudo de graça e faz mais de cinco anos que eu saio e o ano que vem eu vou desfilar na ala Show porque eu saía na ala das crianças.

A Vai-vai faz mais de 30 anos que desfila. Eu saio com várias crianças e a fantasia é linda e a gente ensaia de quinta a domingo na Vai-vai. Minha mãe desfila na bateria tem mais de 20 anos. Todo mundo acha a bateria da Vai-vai nota mil.

Eu amo a Vai-vai e eu não vou sair de lá tão cedo. Eu canto assim eu nunca vou te abandonar Vai-vai porque te amo.

Mariana,

Quer dizer que temos uma sambista na nossa classe? Adorei saber que você gosta de desfilar na avenida, deve ser muito emocionante mesmo! Você transmite essa emoção e seu amor pela escola. No decorrer das aulas, você vai entender porque seu texto ainda não é uma crônica. E, melhor ainda, tenho certeza de que vai escrever belas crônicas!

4ª etapa

Análise da primeira escrita

▷ Aspectos que você pode analisar na primeira produção:

- ✓ O tema é adequado?
- ✓ Há apenas a descrição do fato, o relato da situação?
  Ou o relato é a base para a interpretação, que faz pensar?
- ✓ O tom da narrativa foi bem escolhido?

▷ A partir desses parâmetros, o texto da aluna poderia ser avaliado assim:

- ✓ Mariana escolheu um tema próximo de sua realidade. Parece que ela já conseguiu definir "o que dizer" e o foco narrativo (autor-personagem). Ela pode, inclusive, aproveitar esse tema na produção final. Mas, ela ainda não escreveu uma crônica, e sim um relato de experiência pessoal (a descrição do fato).
- ✓ Será preciso ajudá-la a perceber as peculiaridades de uma crônica. Com o desenvolvimento dos próximos passos (leitura de crônicas e atividades de escrita), ela vai exercitar o "como dizer".
- ✓ O texto apresenta também problemas de pontuação. É um aspecto fundamental para a etapa posterior ao desenvolvimento do tema e a estrutura do texto.

Primeira escrita

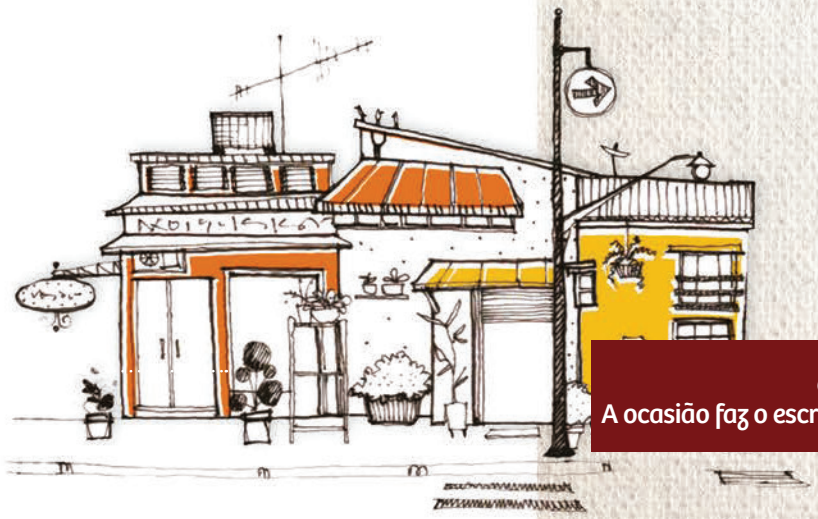
A produção inicial indica o que os alunos e as alunas já sabem sobre o gênero e dá pistas para que o(a) professor(a) possa intervir adequadamente no processo de aprendizagem. Esse primeiro texto também é importante para que os alunos e alunas avaliem a própria escrita. Com sua ajuda, eles e elas serão capazes de perceber o que é preciso melhorar e poderão envolver-se mais nas atividades das oficinas.

Além disso, será possível comparar essa produção com o texto final e identificar os avanços, realizando-se um processo de avaliação continuada. Para saber mais, leia o artigo "Singularidade do cotidiano local em crônica" <https://bityli.com/bNKGQ>, que integra a revista *Na Ponta do Lápis*, nº 34, de janeiro de 2020; e a publicação *"O que nos dizem os textos dos alunos" <https://www.escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/2734/2011_oquenosdizem.pdf>* .

Lembrete

Sugestões para o trabalho com os alunos

≫ É importante elogiar o progresso dos alunos e ao mesmo tempo indicar os pontos em que precisam melhorar. Dê dicas para chegar lá.
≫ A ideia é *alimentá-los*. Portanto, nada de deixá-los inseguros, ressaltando erros e deficiências. Devolva a primeira crônica com bilhetinhos animadores, como o escrito para Mariana.
≫ Em seguida você pode pinçar exemplos positivos de diferentes trabalhos: pegue o título engraçado de um, destaque o tom humorístico da narrativa de outro, comente a metáfora de um terceiro, e assim por diante.



oficina 4

Histórias do cotidiano

objetivos

- Explorar os elementos constitutivos de uma crônica e os recursos literários utilizados pelo autor.
- Empregar as figuras de linguagem.
- Ler uma crônica de Antonio Prata e outra de Vanessa Barbara.

prepare-se!

As atividades desta etapa ajudarão os alunos e alunas a compreender melhor algumas figuras de linguagem.

1ª etapa

Os recursos do cronista

atividades

- Faça um cartaz bem colorido com as principais figuras de linguagem e afixe-o no mural. Utilize como sugestão o quadro da página ao lado, para analisar as crônicas a partir desta Oficina 4.

- Explique aos alunos que as figuras de linguagem são recursos utilizados pelos autores para realçar uma ideia. Diga-lhes também que um bom cronista tem dois instrumentos básicos: o olhar e a linguagem. Com o olhar ele reconhece o acontecimento, o momento que merece ser preservado, o qual outros nem notam; com a linguagem, retrata a situação, e as figuras de linguagem o ajudam a fazer isso com sucesso.

Figuras de linguagem

Comparação: expressão de termo comparativo. Quase sempre acompanhada da conjunção "como".

Faço versos como quem chora
De desalento... de desencanto...

Manuel Bandeira

Metáfora: comparação mental ou abreviada em que prevalece a relação de semelhança. Não aparece a conjunção "como".

Na sua mente povoa só maldade.
Meu coração é um balde despejado.

Catacrese: metáfora que caiu no uso popular, corriqueira, muito comum.

As pernas da mesa estão bambas.
Quero morar no coração da cidade.

Metonímia: designação de um pormenor pelo conjunto de que se quer falar.

Ler Clarice Lispector. (autor pela obra)
Comer o pão (por alimento) que o diabo amassou (por sofrimento).

Personificação ou prosopopeia: atribuição de ações, qualidades ou sentimentos a seres inanimados.

O tempo passou na janela e só Carolina não viu.

Chico Buarque de Holanda

Hipérbole: afirmação exagerada.

Falei mil vezes para você!
Morri de estudar para o vestibular.

Sinestesia: interpretação de planos sensoriais, mistura de sensações de sentidos diferentes. Como na metáfora, relaciona elementos de universos diferentes.

Senti um cheiro doce no ar.

Antítese: contraposição de uma palavra ou frase a outra de sentido oposto.

Toda guerra finaliza por onde
devia ter começado: a paz.
Vivo só na multidão.

Ironia: sugestão pela entonação e pelo contexto de algo contrário ao que pensamos, geralmente com intenção sarcástica.

A excelente D. Inácia era mestra na arte de judiar de crianças.

Monteiro Lobato

Eufemismo: emprego de termos considerados mais leves para suavizar uma expressão considerada cruel ou ofensiva.

Foi para o céu, em vez de morreu.
Está forte, em vez de está gorda.

2ª etapa

As figuras de linguagem na prática

atividades

- Nesta etapa, faremos a leitura de uma crônica de Antonio Prata, que trata da realidade instaurada pela pandemia do novo Coronavírus.
- Ofereça a análise "Sobre O novo normal" aos alunos. Assim, eles poderão compará-la com sua própria interpretação da crônica.
- Apresente alguns dados sobre o cronista, as informações disponíveis no "Para Saber Mais Antonio Prata" podem ajudar.

O novo normal

Antonio Prata

Primeira festa pós-quarentena. O anfitrião, ansioso, passa de roda em roda entretendo os convidados. Ao lado da janela avista, sozinho, um desconhecido.

— Oi, tudo bem? Você é o...?

— Novo Normal.

— Não acredito! Você é o Novo Normal?!

— Eu mesmo.

— Rapaz! Você chegou, finalmente! Faz um ano que só falam de você! Ah, o Novo Normal vai ser assim, o Novo Normal vai ser assado! Posso te dar um abraço?

O Novo Normal recua.

— Ah, claro! Contágio, né? Óbvio! Gente, gente! Vem cá! Esse aqui é o Novo Normal!

Uma meia dúzia se aproxima, uns estendem as mãos, outros já se espicham pra um beijo.

— Péra, pessoal, o Novo Normal é sem abraço, beijo ou aperto de mão, certo, Novo? Pode chamar de Novo?

— Prefiro Novo Normal, pra não confundir com o partido.

Uma convidada o olha, curiosa.

— Não sei por que, mas confesso que eu te esperava baixo, gordinho e careca.

— Muita gente me imagina assim. Acho que é o nome, né? Novo Normal, muito "o", lembra ovo... Mas durante a quarentena o pessoal comeu muito, o Novo Normal é alto.

— Escuta, cê aceita uma bebida? Uma comida?

— Obrigado, eu engordei 7 kg durante a quarentena e bebi demais. Os hábitos do Novo Normal agora são comida saudável e zero álcool.

Uma convidada abandona, discretamente, a taça de vinho sobre uma mesa. Um convidado dispensa uma empada num vaso de pacová. Um outro puxa papo.

— Fala mais de você. O Novo Normal gosta de sair? De ir no cinema? No teatro? Em show?

— Não. Nada disso rola com o Novo Normal. Com a quarentena, as relações à distância se estabeleceram pra ficar.

Uma convidada, decepcionada, toma a dianteira:

— E aquela previsão de que o Carnaval pós-quarentena ia ser tão louco que faria Sodoma e Gomorra ficarem parecendo Aparecida do Norte?

— Deu chabu. O Novo Normal é saudável, cauteloso, precavido. O carnaval pós pandemia será pelo Zoom. Quem quiser anotar aí, aliás: www.telecotech.ziriguizoom.med.

— Ponto med?!

— É. O Carnaval agora é organizado pelo Ministério da Saúde. E o Carnaval de rua, pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, porque é todo dentro do Minecraft.

— Que horror! Eu tô solteira! Como eu vou arrumar um namorado, assim?

— Uma das coisas que a quarentena provou é que todo mundo pode viver sem sexo, contanto que o Pornhub e o Redtube liberem o acesso.

— Você não tem namorada?

— Presencialmente, não.

Deprimido com o Novo Normal, o anfitrião sai da roda discretamente e vai tomar uma água na cozinha. Ali encontra uma galera aglomerada, morrendo de rir de uma história contada por um gordinho, baixinho, careca, uma versão gente fina de um George Costanza, com uma cerveja numa mão e um cigarro na outra. O anfitrião cutuca uma amiga por ali:

— Quem é o figura?!

— Não tá reconhecendo? É o Velho Normal! Saindo daqui a gente vai pra um caraoquê na Liberdade e vamos terminar a noite comendo uma bisteca no Sujinho. Topa?

Quatro e meia da manhã, abraçados, todos sobem a Consolação pulando e cantando: "Ooooo! Velho Normal voltô ô ô! Velho Normal voltô ô ô! Velho Normal voltôôôô oooo!".

Fonte: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2020/06/o-novo-normal.shtml

Sobre “O novo normal”

A crônica de Prata é marcada pelo humor, mas uma dose de humor que alcança a ironia. Diante da situação complexa e difícil que estamos enfrentando, o cronista escolheu o caminho do humor ácido.

E é com um tom bastante irônico que ele comenta a chegada desse personagem que está no centro do texto como protagonista, o Novo Normal. Sem saber ao certo de quem se trata, Prata imagina uma festa onde o personagem vai sendo apresentado para as pessoas que estão ali. De forma ficcional, o cronista vai exercitando a reação das pessoas para esse personagem.

Como tudo o que é novo, o Novo Normal causa estranhamento nos primeiros momentos da conversa, mas, com o passar das horas e a convivência com os outros convidados, torna-se uma figura enturmada. Ou seja, a figura que já se tornou natural, comum. E aí encontramos uma visão metafórica sobre a situação que estamos vivenciando desde março do ano de 2020.

A crônica está estruturada em diálogos, os quais, diferentemente de um texto corrido, nos contam uma história por meio de frases que os personagens trocam. É essa troca de falas que vai construindo a sequência dos episódios, até a hora do término da festa, em que todos, já superamigos, saem festejando e cantarolando por uma das principais ruas de São Paulo.

Ao usar palavras comuns às conversas e leituras do dia a dia das pessoas, o texto tem fácil leitura e comunicação, o que nos mostra que o autor escolheu essa seleção de palavras para deixar o texto fácil de ser compreendido, num papo direto e reto com o maior número possível de leitores.

Por outro lado, vale notar que tratar de assuntos que ainda não deixam as pessoas à vontade, como a ausência da prática sexual, é algo que causa estranheza, por isso o cronista aqui também escolheu o caminho da ironia e do humor, ao dizer: “contanto que o Pornhub e o Redtube liberem o acesso”.

Para saber mais

Antonio Prata

Antonio Prata é um cronista presente num grande veículo da imprensa, o jornal *Folha de S.Paulo*. Peça que os alunos pesquisem informações a respeito e tragam-nas, para vocês conversarem. Depois, leia com a turma a entrevista concedida pelo escritor que está presente no link <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/entrevistas/artigo/1849/entrevista-com-antonio-prata>.

Feita a leitura, destaque fragmentos como estes, em que o autor fala especificamente sobre o gênero crônica:

> **Acho que crônica é uma espécie de lupa que você coloca em um assunto. E qualquer assunto que você olhar com uma lupa é interessante.**
> **[...] consigo ir puxando esse fio para ver aonde ele leva. A crônica é um exercício livre de escrita. Você não precisa de uma história. Uma das graças de escrever é ver onde aquilo vai dar. [...]**
> **Muitas vezes também a crônica não nasce de algo vivido; às vezes eu crio uma situação, um encontro com uma pessoa, um vizinho. A crônica não é um relato fiel, a situação que eu estou dizendo que aconteceu, muitas vezes não aconteceu, é ficção.**

Ao debater com a turma, saliente a noção apresentada por Prata sobre a crônica como uma lupa colocada num assunto, destaque o aspecto da liberdade que o gênero possibilita e, ainda, da invenção. É importante que os alunos reconheçam que, na mesma medida em que a crônica abre espaço para o registro do cotidiano, esse cotidiano não precisa ter sido realmente vivido por aquele que a escreve, mas sim pode ser projetado a partir de alguma situação, estendida pela inventividade do escritor.

atividades

▷ Vamos retomar a crônica lida e fazer o reconhecimento das figuras de linguagem.

Começando pelo texto de Antonio Prata:

> Uma convidada abandona, discretamente, a taça de vinho sobre uma mesa.
>
> Um convidado dispensa uma empada num vaso de pacová. (1)

1 **eufemismo:** no lugar de escrever que a convidada joga a empada fora, o autor dá uma amenizada, dizendo que ela "dispensa" . O mesmo com a taça de vinho, no lugar de dizer que a pessoa deixa de lado, "abandona".
Falando então do personagem central dessa crônica, o Novo normal, podemos entender que o cronista criou esse personagem metaforicamente para apresentar essa nova situação em que estamos vivendo a partir das restrições e do isolamento social com a pandemia do novo Coronavírus.

▶ **Este trecho poderia ficar mais interessante? Quem conhece uma metáfora para expressar o sentido desse comportamento na perspectiva do narrador?**

▷ Assim como na crônica de Prata, a **metáfora** é a figura de linguagem que está mais presente no texto quando ele se refere a esse personagem chamado Novo Normal, que ganha corpo, ganha vida e passa de fato a se concretizar.

▷ Há nas outras crônicas aqui lidas e analisadas que apresentam figuras de linguagem, como em:

Catadores de tralhas e sonhos

Milton Hatoum

"Aqui só carrego bagunça, mas sou homem de paz" (1). A que mais me chamou atenção foi uma carroça linda, com uma pintura geométrica que lembra um quadro de Mondrian. Na lateral, estava escrito: "Carrego todo tipo de tralha, e carrego um sonho dentro de mim" (2) ./ Sei que não é fácil encontrar um sonho nas ruas; mas encontrei carroceiros simpáticos e um assunto para escrever esta crônica

1 **antítese**: embora pareça que esteja tudo bagunçado, porque ele carrega de tudo (as chamadas tralhas), ele se diz um homem de paz, que se ajusta a viver em ordem com suas coisas e entre as pessoas.

2 **metáfora**: Carregar um sonho é uma maneira metafórica de dizer que tem entre suas metas, uma em especial que é um sonho. Na realidade não se pode "carregar" um sonho, somente no sentido figurado.

▷ Na crônica "Conduções" de Lilia Guerra, também encontramos figuras de linguagem:

A carcaça de uma poltrona repousa na esquina da Nascer. Apresenta cicatrizes de queimadura. (1)

Se divertem assistindo ao balé das labaredas . (2)

As ruas daqui são pobretonas. Desvalidas. (3)

Tento passar indiferente por essas pessoas jogadas nos colchões úmidos pelos líquidos da madrugada. (4)

1 **personificação**: dá aos objetos traços de humanos e animais. Já que a poltrona ganha uma carcaça (que normalmente é um elemento do corpo do animal).

2 **personificação**: as labaredas passam a bailar, ou seja assumem uma ação humana.

3 **personificação**: As ruas passam a adquirir qualidades e ações dos seres humanos.

4 **metáfora**: referência aos líquidos (urina, chuva, bebidas).

3ª etapa

A crônica e as questões do nosso mundo

Quando os alunos e alunas comentaram situações que poderiam merecer uma crônica, talvez o "Coronavírus" ou a "quarentena" tenham aparecido em alguma falas. Afinal, o ano de 2020 trouxe uma situação inédita para o mundo, uma pandemia que modificou a vida de todos nós.

atividades

- Proponha a leitura da crônica "As locutoras da quarentena" de Vanessa Barbara.
- Apresente algumas informações sobre a autora. O texto Sobre Vanessa Barbara pode ajudar.

As locutoras da quarentena

Vanessa Barbara

Tenho enorme admiração por esses tenores que cantam ópera nas janelas para entreter os vizinhos durante a quarentena. Há ainda aquelas pessoas que tocam instrumentos musicais ("Ode à Alegria", de Beethoven, é uma opção comum), dão aulas de ginástica, projetam filmes nas fachadas, parabenizam coletivamente os aniversariantes e cant am bingo (aconteceu na Espanha).

Meus vizinhos – coitados – não têm tanta sorte. Só o que eles ouvem a tarde toda é minha voz sem graça narrando, da varanda, acontecimentos absolutamente prosaicos para minha filha, Mabel, de quase 2 anos. (É o que dá ser vizinho de escritora.)

Outro dia, por exemplo, devem ter acompanhado com desânimo minha arrastada descrição de uma moça de blusa azul descendo a escadaria da rua: "Ela vai descer devagarzinho, olha só, segurando no corrimão… Que cuidadosa! Ela está carregando uma sacola? Ou é uma bolsa? Para onde será que está indo?" Observamos em silêncio o percurso da mulher, que agora caminha pela calçada. "Ela vai trazer bolo para a Mabel", responde a minha filha depois de pensar um pouco. Acho essa hipótese bastante digna.

Desviamos a atenção para um senhor que passeia com os cachorros. "Olha! Acho que é o Francesco!", eu grito, com excessiva alegria, referindo-me a um golden retriever do nosso prédio. Mabel não dá muita bola e começa a brincar de achatar o nariz no vidro.

Peço sinceras desculpas aos vizinhos, mas estamos fazendo o possível para nos entreter nesta quarentena. Conversar é o que há de mais prático em nosso limitado arsenal de distrações, sobretudo quando as respostas podem ser tão engraçadas. Minha expertise na função de cronista de varandas veio bem a calhar. Quando o tempo está bom, passamos um sem-número de horas nesse espaço exíguo observando o (pouco) movimento e nos alimentando de qualquer migalha de agitação registrada nas redondezas. Um ponto alto da nossa tocaia ocorreu duas semanas atrás, quando uma menina disparou a correr pela rua até alcançar uma amiga, que seguia bem à frente.

"Corre muito!", reparou minha filha, com verve de comentarista de olimpíada. Foi eletrizante o reencontro. "Será que elas vão pegar o trenzinho juntas?", especulei, apontando para a estação de metrô. "O coronavírus está na cola dela", disse Mabel, do nada. Passamos dias rememorando o episódio. Os vizinhos já devem ter ouvido dezenas de elegias ao ocorrido, todas caudalosas feito parágrafos proustianos sem sombra de ponto-final.

O vizinho da frente, aliás, continua acendendo as luzinhas de Natal toda noite. (Já passamos da Páscoa.) Nós fazemos o mesmo, naquilo que eu não sei mais se é uma competição acirrada ou um solidário meneio de cabeça. Outro vizinho acena de vez em quando para nós. Ele fica sentado na varanda por longos períodos e deve observar com curiosidade a nossa dupla sapateando, pulando e fazendo movimentos aleatórios de ioga. Às vezes, Mabel usa a minha barriga como tambor. Ou então ficamos brincando com as sombras, abrindo e fechando as cortinas, catando fios de cabelo no chão, contando quantos carros vermelhos passam na rua. Até os sinos da igreja servem de tópico para as nossas histórias.

Por uma dessas tristes ironias, moramos perto de um estacionamento de ambulâncias do Hospital Sancta Maggiore. Um de nossos passatempos mais recorrentes hoje em dia é acompanhar o movimento das ambulâncias subindo e descendo a ladeira do estacionamento. Ficamos imaginando que os veículos são amigos e trabalham o dia todo levando pessoas ao hospital, mas sempre voltam para descansar e compartilhar as novidades. As sirenes são seus gritos agudos, as luzes vermelhas são um recado de que vão voltar.

Um dia apareceu no chão da varanda um enorme besouro morto, já meio seco. Cantamos uma música para ele e ficamos conversando baixinho sobre a vida de aventuras que ele teria levado. Em outra ocasião, acompanhamos a saga de uma aranha tentando subir pela parede e caindo repetidas vezes. Juro que não fiz nenhuma analogia de autoajuda. O vento é outro fenômeno que serve de assunto para nossas infinitas confabulações: basta soprar uns balões e deixá-los na varanda para que comecem a dançar para lá e para cá.

Quando venta forte, temos assunto. Quando o ar está parado, idem. Comentamos o cheiro de sopa, de bife à milanesa e de pipoca que vem das outras janelas. Compramos ovos imaginários para os vizinhos e saímos distribuindo a todos os interessados. (Para Mabel, não há quem resista a um bom prato de ovos mexidos.)

E temos também a Lua, as estrelas e o planeta Vênus; a estação espacial internacional e os satélites Starlink; as nuvens carregadas e os pedaços de céu azul. Poucos. Mas suficientes.

Fonte: https://www.itaucultural.org.br/secoes/colunistas/brechas-urbanas/locutoras-quarentena

Para saber mais

Vanessa Bárbara

Vanessa Bárbara é jornalista, escritora e tradutora. Nasceu em São Paulo no ano de 1982. Nos últimos cinco anos, ela tem atuado como colunista em diversas publicações, como os jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S.Paulo*, e atualmente segue com uma coluna de opinião no *The International New York Times* e na *Revista Piauí* . Entre suas obras, estão o romance Noites de alface, que veio na sequência à primeira obra, *O livro amarelo do terminal*. Não se restringindo ao gênero crônica, a escritora dedicou-se também a um projeto de roteiro para HQ (*A máquina de Goldberg*, ilustrada por Fido Nesti). Foi com o livro de crônicas *Operação impensável* que ela venceu o Prêmio Paraná de Literatura 2014, quando começou a ficar mais conhecida entre o público. Outra coletânea de crônicas, *O louco de palestra* (2014), fez parte da edição especial da revista *Granta*, que escolheu os *20 Melhores Jovens Escritores Brasileiros*.

Sobre "As locutoras da quarentena"

A crônica traz um relato das atividades de uma mãe e de uma criança pequena nos momentos iniciais da mudança total de nosso cenário, causada pela pandemia. A alteração provocada pelo isolamento social em razão da pandemia do coronavírus resultou em muitas situações que não estavam programadas e que saíram completamente da sua rotina e normalidade. Por exemplo, as crianças, os jovens e os adultos não foram para a escola e passaram a ficar em casa, acompanhando de suas residências as aulas.

No caso de Vanessa Bárbara, Mabel, sua filha pequenina, provavelmente iria para uma creche infantil. Iria, mas não foi. Teve e tem que ficar em casa, onde sua mãe, que passou a trabalhar ali também, tem que permanecer praticamente sem saídas para a rua.

Essa nova situação, de permanecer todo o tempo em casa, no momento em que a casa se transformou na sala de aula e também no escritório, tem levado

as pessoas a variadas reações. Umas ficam tranquilas, fazendo uma série de atividades, como leitura, cursos pela internet, assistem muito mais tevê, dão conta de séries com muitos episódios. Mas outras têm mais dificuldade, não conseguem se concentrar em tudo, angustiam-se por não poderem ver a rua e o movimento. Há pessoas que têm conseguido trabalhar e estudar e ficar com a família toda dentro de casa, porém nem todas as famílias e as casas são iguais – muito ao contrário.

Inventar brincadeiras e atividades para distrair as crianças pequenas, muito cheias de energias, tem sido tarefa de muitos pais e mães, como é o caso de Vanessa.

Assim, cada um à sua maneira vai criando um jeito para passar tantas horas sem poder sair para a rua e sem poder frequentar lugares que ainda estão com restrições.

Essa nova maneira de viver por causa da pandemia está criando novas formas de enfrentar o dia a dia, a rotina em casa e, nessa rotina, não falta o olhar e a observação do que acontece de fato com os vizinhos, já que se fica mais tempo olhando para os lados e para os vizinhos.

A realidade também aparece nessa vizinhança de Bárbara, quando cita o hospital que está muito perto de sua casa, onde a movimentação tem sido intensa, por conta dos doentes.

As coisas, as ações que os vizinhos andam fazendo "fora do comum", ou fora da rotina também estão no texto. Gente que já estava com luzinhas de Natal em pleno primeiro semestre do ano, ou pessoas que passaram a cozinhar em casa, sem nunca ter fritado um ovo na vida.

Essa capacidade da crônica em trazer para o leitor o que está acontecendo dentro de cada cantinho de nossa casa em tempo real é uma das marcas desse texto.

Como já vimos no texto de Tiago Germano, o humor também está presente na crônica, embora aqui, na de Vanessa Bárbara, seja em tom mais tímido. O riso infantil, inocente, sem os vícios dos adultos está ali na figura de Mabel, e oferece ao leitor essa oportunidade de também exercitar o olhar para situações mais ligadas à intimidade das casas.

- Após a leitura da crônica de Vanessa Barbara, você pode mostrar aos alunos a análise Sobre As locutoras da quarentena; assim, eles poderão confrontá-la com as ideias deles.

- Além de, como sempre, explorar a situação de comunicação, a autora, o objetivo da leitura, o título, a antecipação de hipóteses sobre o conteúdo da crônica, aproveite as oficinas para analisar também as habilidades de leitura, onde seus alunos precisam de mais fôlego. Eles já conseguem identificar efeitos de ironia ou humor? Reconhecem os elementos constitutivos da crônica? Já estabelecem relações entre partes de um texto, identificando as repetições e substituições que contribuem para a continuidade dele? Já sabem inferir uma informação implícita em um texto, deduzir significados e conteúdos, extrapolar?

  Se possível, pesquise na biblioteca ou na internet outras crônicas sobre esse assunto e leve-as para a sala de aula. Dessa forma, os alunos podem comparar os(as) autores e seus estilos ao tratar de um mesmo tema.

4ª etapa

Faça um desafio à turma

Será que conhecem alguém que viveu uma situação difícil ou inesperada durante a pandemia?

Podem imaginar uma situação assim?

atividades

- Pedir para a turma a escrita de uma nova crônica sobre algum acontecimento interessante vivenciado durante o isolamento social. Retome os elementos importantes que já foram estudados nas oficinas anteriores e peça para que se atentem às características do gênero. Lembrando que, como toda narrativa, a crônica apresenta os elementos esperados: acontecimento a ser narrado, narrador, personagens, desenrolar da narração, ou seja, o enredo, o conflito e uma finalização.

- Nessa atividade, os alunos poderão escolher a forma de discurso com a qual se sentem mais à vontade – discurso direto, indireto ou indireto livre.

Para saber mais

Tipos de Discurso

Discurso direto: o narrador reproduz textualmente as palavras, falas, as características da personagem. Ao construir o discurso direto, o autor atualiza o acontecimento, tornando viva e natural a personagem, a cena. Como se fosse uma peça teatral, o autor agiliza a narrativa. Usa-se o travessão e certos verbos especiais, que chamamos de verbos "de dizer" ou verbos dicend (falar, dizer, responder, retrucar, indagar, declarar, exclamar).

Discurso indireto: o narrador "conta" o que a personagem disse. Conhecemos suas palavras indiretamente. Há uma intensa identidade, quase se misturam narrador e personagem.

Discurso indireto: livre ou misto: o narrador incorpora na sua linguagem a fala das personagens e assim nos transmite a essência do pensamento ou do sentimento. No discurso indireto livre existe a inserção sutil da fala da personagem sem as marcas do discurso direto, porém com toda a sua força e vivacidade.

Estratégia de leitura

Existem alguns modos de mostrar como um texto é estruturado ou apontar determinados recursos linguísticos. Um deles é sublinhar ou circular – de diferentes cores – os elementos que se quer destacar.

Atenção!

Já escreveu no seu diário hoje? É fundamental avaliar o processo de trabalho, dando continuidade aos seus registros. Como foi o desempenho dos alunos no decorrer das atividades de leitura? Foi fácil desenvolvê-las? Houve dúvidas, dificuldades? Quais? Que habilidades de leitura precisam ser retomadas com a turma?

Desafie a turma a conhecer o grande escritor do século XIX: Machado de Assis. A tarefa será trazer informações sobre a vida e a obra desse autor conhecido como "O bruxo do Cosme Velho", bem como crônicas suas, que falam da cidade e de seu cotidiano.

5 oficina

Uma prosa bem afiada

objetivos

- Conhecer mais a vida e a obra de Machado de Assis.
- Ouvir, ler e analisar uma crônica de Machado de Assis, identificando personagens, cenário, tempo, tom e recursos literários.

prepare-se!

É importante que os alunos entrem em contato com autores considerados referência na literatura brasileira. Embora Machado de Assis seja mais conhecido por seus romances, o escritor soube fotografar o cotidiano carioca também em crônicas. Nesta oficina, você pode apresentar não só sua produção literária como também o contexto social e histórico do Rio de Janeiro.

1ª etapa

Machado de Assis, o cronista

Mesmo sabendo que os(as) alunos(as) do Ensino Fundamental II já possuem experiência com leitura, é importante que a classe leia várias crônicas e possa observar os aspectos que são comuns a todas e aqueles que se diferenciam tendo em vista o tema, o estilo do autor, a época em que foi escrita, o suporte de publicação etc. A mediação do professor ao longo do processo – antes, durante e depois da leitura – é fundamental para o êxito do trabalho.

Lembrete

Para essa leitura diversificada utilize os textos da Coletânea; ao selecioná-la, leve em conta o interesse dos alunos e as habilidades de leitura que pretende ampliar. Procure aprofundar seus conhecimentos antes de trabalhar com os alunos. A revista Na Ponta do Lápis nº 8 <https://bityli.com/WjuLI>, edição especial sobre Machado de Assis, traz vários artigos sobre a vida e a obra desse autor. Você também pode acessar sites que contenham fotos antigas do Rio de Janeiro, como o do Instituto Moreira Salles <https://ims.com.br> e o blog "O Rio de Antigamente" <http://oriodeantigamente.blogspot.com>.

atividades

- Após caminhar pelos mais variados estilos, o estudo agora se concentra nas crônicas de Machado de Assis. Por meio de perguntas, explore o que a classe já sabe sobre o autor.
- Depois de ouvir os alunos, se for necessário, forneça mais informações sobre quem foi Machado:

Joaquim Maria Machado de Assis
Rio de Janeiro (RJ), 21/6/1839 – Rio de Janeiro (RJ), 29/9/1908

Filho de um pintor de paredes mulato e de uma lavadeira, Joaquim Maria Machado de Assis nasceu pobre, no subúrbio carioca, e tornou-se o mais importante dos escritores brasileiros. Publicou poemas, crônicas, contos e romances em capítulos nos jornais para os quais trabalhou. A vivência nos jornais transformou o garoto de subúrbio num homem da cidade. O grande tema de toda a sua obra foi justamente a vida na cidade (no caso, o Rio de Janeiro, na época capital política e cultural do Brasil), as reflexões sobre seu dia a dia e sobre a alma de seus moradores. Um verdadeiro historiador do cotidiano! Todos os acontecimentos da cidade mereciam seus escritos: espetáculos artísticos, disputas políticas, fatos econômicos, relações afetivas, sociais – tudo era registrado por sua pena. Os acontecimentos em si, na verdade, não foram o cerne de seus textos. O que importava era a reflexão profunda que os acontecimentos suscitavam em Machado e o modo como ele conseguia passá-la para os leitores. As crônicas de Machado, escritas ao longo de quarenta anos, são sempre atuais. Muitas delas serviram como espaço de denúncia da escravidão e de outras graves questões da época. Embora os conteúdos políticos e sociais estivessem sempre presentes em seus escritos, Machado não lhes dava um tom trágico, como faziam muitos autores seus contemporâneos. Ele refletia sobre esses acontecimentos históricos e provocava os leitores com uma "arma" literária eficaz, que manejava muito bem: a ironia. Embora sua obra fosse reconhecida pelos jornais, editoras de livros e seu público, Machado não conseguia viver de seus escritos. Foi funcionário público, como muitos autores radicados no Rio de Janeiro daquela época. Como capital política do país num tempo em que muitos dos empregos públicos eram de natureza burocrática, de "meio expediente", a estrutura do funcionalismo público permitia que os escritores ocupassem parte de seu tempo na produção literária. No caso de Machado, somente no fim da vida os recursos provenientes de sua obra tornaram-se suficientes para provê-lo.
Acesse o site www.machadodeassis.org.br e o vídeo para saber mais sobre o autor.

2ª etapa

O confronto título-texto

Trabalhar com o título da crônica, como já vimos, ajuda os alunos a criar bons títulos. É uma ótima forma também de motivar a audição da crônica.

atividades

- Apresente o título do texto: "Um caso de burro". Peça aos alunos que anotem a opinião deles acerca desse título para conferi-la após ouvirem a crônica.
- Por meio de perguntas, explore um pouco esse título.
  - **Esse título desperta a atenção do leitor? Por quê? O que ele sugere?**
  - **Pelo título, dá para imaginar o assunto da crônica?**
  - **Ele insinua de que personagens a crônica irá tratar? Qual o cenário?**
- Avise os alunos que colocará o áudio para que eles ouçam "Um caso de burro".

Crônica

Um caso de burro

Machado de Assis

Quinta-feira à tarde, pouco mais de três horas, vi uma coisa tão interessante, que determinei logo de começar por ela esta crônica. Agora, porém, no momento de pegar na pena, receio achar no leitor menor gosto que eu para um espetáculo, que lhe parecerá vulgar, e porventura torpe. Releve a importância; os gostos não são iguais.

Entre a grade do jardim da Praça Quinze de Novembro e o lugar onde era o antigo passadiço, ao pé dos trilhos de bondes, estava um burro deitado. O lugar não era próprio para remanso de burros, donde concluí que não estaria deitado, mas caído. Instantes depois, vimos (eu ia com um amigo), vimos o burro levantar a cabeça e meio corpo. Os ossos furavam-lhe a pele, os olhos meio mortos fechavam-se de quando em quando. O infeliz cabeceava, mais tão frouxamente, que parecia estar próximo do fim.

Diante do animal havia algum capim espalhado e uma lata com água. Logo, não foi abandonado inteiramente; alguma piedade houve no dono ou quem quer que seja que o deixou na praça, com essa última refeição à vista. Não foi pequena ação. Se o autor dela é homem que leia crônicas, e acaso ler esta, receba daqui um aperto de mão. O burro não comeu do capim, nem bebeu da água; estava já para outros capins e outras águas, em campos mais largos e eternos. Meia dúzia de curiosos tinha parado ao pé do animal. Um deles, menino de dez anos, empunhava uma vara, e se não sentia o desejo de dar com ela na anca do burro para espertá-lo, então eu não sei conhecer meninos, porque ele não estava do lado do pescoço, mas justamente do lado da anca. Diga-se a verdade; não o fez – ao menos enquanto ali estive, que foram poucos minutos. Esses poucos minutos, porém, valeram por uma hora ou duas. Se há justiça na Terra valerão por um século, tal foi a descoberta que me pareceu fazer, e aqui deixo recomendada aos estudiosos.

O que me pareceu, é que o burro fazia exame de consciência. Indiferente aos curiosos,

como ao capim e à água, tinha no olhar a expressão dos meditativos. Era um trabalho interior e profundo. Este remoque popular: por pensar morreu um burro mostra que o fenômeno foi mal entendido dos que a princípio o viram; o pensamento não é a causa da morte, a morte é que o torna necessário. Quanto à matéria do pensamento, não há dúvidas que é o exame da consciência. Agora, qual foi o exame da consciência daquele burro, é o que presumo ter lido no escasso tempo que ali gastei. Sou outro Champollion, porventura maior; não decifrei palavras escritas, mas ideias íntimas de criatura que não podia exprimi-las verbalmente.

E diria o burro consigo:

"Por mais que vasculhe a consciência, não acho pecado que mereça remorso. Não furtei, não menti, não matei, não caluniei, não ofendi nenhuma pessoa. Em toda a minha vida, se dei três coices, foi o mais, isso mesmo antes haver aprendido maneiras de cidade e de saber o destino do verdadeiro burro, que é apanhar e calar. Quando ao zurro, usei dele como linguagem. Ultimamente é que percebi que me não entendiam, e continuei a zurrar por ser costume velho, não com ideia de agravar ninguém. Nunca dei com homem no chão. Quando passei do tílburi ao bonde, houve algumas vezes homem morto ou pisado na rua, mas a prova de que a culpa não era minha, é que nunca segui o cocheiro na fuga; deixava-me estar aguardando autoridade."

"Passando à ordem mais elevada de ações, não acho em mim a menor lembrança de haver pensado sequer na perturbação da paz pública. Além de ser a minha índole contrária a arruaças, a própria reflexão me diz que, não havendo nenhuma revolução declarado os direitos do burro, tais direitos não existem. Nenhum golpe de estado foi dado em favor dele; nenhuma coroa os obrigou. Monarquia, democracia, oligarquia, nenhuma forma de governo, teve em conta os interesses da minha espécie. Qualquer que seja o regime, ronca o pau. O pau é a minha instituição um pouco temperada pela teima que é, em resumo, o meu único defeito. Quando não teimava, mordia o freio dando assim um bonito exemplo de submissão e conformidade. Nunca perguntei por sóis nem chuvas; bastava sentir o freguês no tílburi ou o apito do bonde, para sair logo. Até aqui os males que não fiz; vejamos os bens que pratiquei."

"A mais de uma aventura amorosa terei servido, levando depressa o tílburi e o namorado à casa da namorada – ou simplesmente empacando em lugar onde o moço que ia ao bonde podia mirar a moça que estava na janela. Não poucos devedores terei conduzido para longe de um credor importuno. Ensinei filosofia a muita gente, esta filosofia que consiste na gravidade do porte e na quietação dos sentidos. Quando algum homem, desses que chamam patuscos, queria fazer rir os amigos, fui sempre em auxílio deles, deixando que me dessem tapas e punhadas na cara. Em fim…"

Não percebi o resto, e fui andando, não menos alvoroçado que pesaroso. Contente da descoberta, não podia furtar-me à tristeza de ver que um burro tão bom pensador ia morrer. A consideração, porém, de que todos os burros devem ter os mesmos dotes principais, fez-me ver que os que ficavam não seriam menos exemplares do que esse. Por que se não investigará

mais profundamente o moral do burro? Da abelha já se escreveu que é superior ao homem, e da formiga também, coletivamente falando, isto é, que as suas instituições políticas são superiores às nossas, mais racionais. Por que não sucederá o mesmo ao burro, que é maior?

Sexta-feira, passando pela Praça Quinze de Novembro, achei o animal já morto.

Dois meninos, parados, contemplavam o cadáver, espetáculo repugnante; mas a infância, como a ciência, é curiosa sem asco. De tarde já não havia cadáver nem nada. Assim passam os trabalhos deste mundo. Sem exagerar o mérito do finado, força é dizer que, se ele não inventou a pólvora, também não inventou a dinamite. Já é alguma coisa neste final de século. *Requiescat in pace.*

Disponível em https://www.recantodasletras.com.br/cronicas/5252213/

3ª etapa

O que Machado queria mesmo dizer?

Por meio de perguntas, você vai ajudar os alunos a "ouvir" melhor o autor da crônica. Os estudantes vão começar a se relacionar com o texto como futuros escritores.

atividades

- Depois da audição da crônica, organize um bate-papo coletivo.
- Em seguida, divida os alunos em grupos e peça-lhes que leiam "Um caso de burro" e respondam por escrito a algumas questões:
  - **O texto correspondeu às expectativas levantadas pelo título?**
  - **Qual é o foco narrativo? O autor é personagem, usa a primeira pessoa ou não se envolve, apenas conta o que aconteceu com outros?**
  - **Qual é o foco narrativo? O autor é personagem, usa a primeira pessoa ou não se envolve, apenas conta o que aconteceu com outros?**

- **Que ideias e emoções foram despertadas pela leitura?**
- **Para Machado, o burro é metáfora de quem ou de quê?**
- **Onde Machado emprega o recurso da prosopopeia?**

Agora compare as ideias deles com a análise que fizemos da crônica machadiana, lembrando que essa é apenas uma possibilidade.

Sobre "Um caso de burro"

Machado inicia o texto nomeando como crônica aquilo que escreve. Dirige-se explicitamente ao leitor, indicando que conversa com ele. Esse preâmbulo leva o leitor a se sentir considerado e, por isso mesmo, a aceitar o convite para ler a crônica.

Logo no parágrafo seguinte o autor conta quem é a personagem central, um burro como tantos outros. Apresenta também o conflito que move a narrativa: uma cena de quase morte. Mas observe como ele apresenta tudo isso: diz que ali não seria um lugar para descanso, indicando certa recriminação: "O que faz esse burro aqui?". Ele, no entanto, não faz a recriminação explicitamente. A recriminação implícita introduz um tom levemente irônico ao texto.

"O burro não comeu do capim, nem bebeu da água; estava já para outros capins e outras águas, em campos mais largos e eternos." Essa frase acentua o tom irônico do texto, jogando com a oposição entre elogio e recriminação. Precede o elogio com uma frase em que aparecem palavras recriminatórias: diz que o burro "não foi abandonado inteiramente", isto é, foi abandonado, ainda que não de todo; emprega "alguma piedade" para dizer da quase ausência desse sentimento. Além desse jogo, usa eufemismos para falar da morte: "em campos largos e eternos", reforçando o tom irônico.

O tom irônico continua quando aponta para aquilo que o menino faria, mas não fez (enquanto o cronista estava presente; nada garante que não tenha feito depois), e quando exagera o valor da descoberta: poucos minutos valeram uma, duas horas, um século! E, mais que isso, a experiência vivida foi exageradamente importante, o que vale como matéria de reflexão para os sábios! Como se vê, o exagero também é um recurso para a construção da ironia.

O burro é o símbolo da ignorância, daí o inédito (irônico) de estar meditando. Essa situação servirá para que o cronista/narrador faça uma reflexão. Começa comparando-se

com Champollion (o sábio francês que decifrou a escrita egípcia), exagerando sua própria importância: decifrará os últimos pensamentos do burro – que só medita porque está morrendo, não o fazendo enquanto viveu. E quando usa o ditado popular "de pensar morreu um burro" leva o leitor a aproximar-se de certo tipo humano.

E para confirmar essa aproximação Machado prossegue a narrativa, dando voz ao próprio burro, que fala de si como se fosse homem. "Por mais que vasculhe a consciência, não acho pecado que mereça remorso…" A metáfora do burro vai se delineando: diz respeito a um tipo humano, que se ajusta, aceita o destino, pensa de maneira simplista e moralista.

Ao continuar a confissão, o animal prossegue indicando as ações que o aproximam de muitos humanos. A transposição de elementos da esfera do humano para a do animal irracional é um recurso de distanciamento usado pelo autor, que leva o leitor a perceber melhor a crítica feita ao tipo de humano que valoriza a submissão e a conformidade. A crítica do autor a esse tipo de vida se evidencia ainda mais na filosofia expressa pelo burro, a única que ele pode ensinar: a valorização do porte grave e do controle dos sentidos, ou seja, sua filosofia tem a profundidade das aparências.

Depois da confissão do burro, o cronista começa a se despedir do leitor. "Não percebi o resto, e fui andando…" Continua seu caminho, abandonando o bicho à sua sorte, mas ainda ironizando: diz-se triste ao ver morrer tão bom pensador, mas isso é um pretenso elogio, pois até então não fez mais que depreciar o modo de vida do animal. Nota-se o tom de lástima assumido pelo cronista quando considera que outros burros continuariam a viver.

Ao final do parágrafo, apresenta sua grande pergunta, aquela que foi delineada no início da crônica: por que não se investigar o moral do burro? Fica implícita uma exagerada e, por isso, falsa convocação: "Sábios, estudem o moral do bicho!".

Na sexta-feira, ao passar pelo mesmo local, o cronista encontrou o animal já morto. A marcação do tempo cotidiano define o gênero da narrativa, a crônica. O narrador deixa claro que seu texto foi escrito com base na observação dos lugares que se percorre cotidianamente, os lugares familiares que se transformam conforme o momento: na quinta à tarde o burro agoniza; na sexta pela manhã está morto; na sexta à tarde, nem cadáver havia. Eis aqui o material da crônica.

O autor finaliza o texto retomando sua reflexão a respeito da natureza do animal: nem inventou a pólvora, nem seu sucedâneo mais terrível na época, a dinamite, e o despacha: que descanse em paz!

atividades

- Você também pode explorar a análise da crônica "Um caso de burro" com seus alunos de forma individual. Peça-lhes que leiam silenciosamente o texto, com os seguintes objetivos:
  - **Identificar o assunto da crônica e suas personagens;**
  - **O conflito da narrativa;**
  - **As situações em que o narrador acentua o tom irônico;**
  - **O desfecho.**
- Se quiserem, poderão anotar as conclusões no caderno. O importante é que tenham a oportunidade de expor para a classe o que pensaram.
- Ao esclarecer a situação comunicativa, lembre à turma que essa crônica, hoje, faz parte do livro Obras completas de Machado de Assis (Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. 4), mas foi originalmente escrita para ser publicada no jornal. Machado escrevia para leitores adultos, moradores de um Rio de Janeiro entre o final do Império e o início da República, em uma época de escassa democracia – a escravidão havia sido abolida recentemente – e em que a maioria da população era excluída de todos os direitos civis. Esse será o momento de mostrar imagens antigas da cidade do Rio de Janeiro (os tílburis, meios de transporte parecidos com charretes, e os bondes puxados por cavalos e burros), como alguns disponíveis no *blog* O Rio de Antigamente. Desafie os alunos a descobrir o sentido de palavras e expressões familiares aos leitores da época ou que estão em português de Portugal ou latim, como "passadiço", "patuscos"; "qualquer que seja o regime, ronca o pau", "*requiescat in pace*". Para tanto, você pode inseri-las em contextos familiares, como: "Aqueles garotos que esconderam os óculos da vovó gostam de fazer graça – são uns patuscos".
- Para encerrar, peça aos alunos que confrontem os palpites deles – sempre lembrando que qualquer texto se abre a múltiplas interpretações.

oficina

91
A ocasião faz o escritor

Trocando em miúdos

objetivos

- Refletir sobre a diferença entre notícia e crônica.
- dentificar os recursos de estilo e linguagem numa crônica de Moacyr Scliar.

prepare-se!

Muitas vezes os alunos têm dificuldade em ir além da descrição do fato, ou da simples narração, ao escrever uma crônica. Você deverá reunir características das notícias e compará-las com as das crônicas para ajudá-los a superar esse empecilho.

1ª etapa

Da notícia à crônica

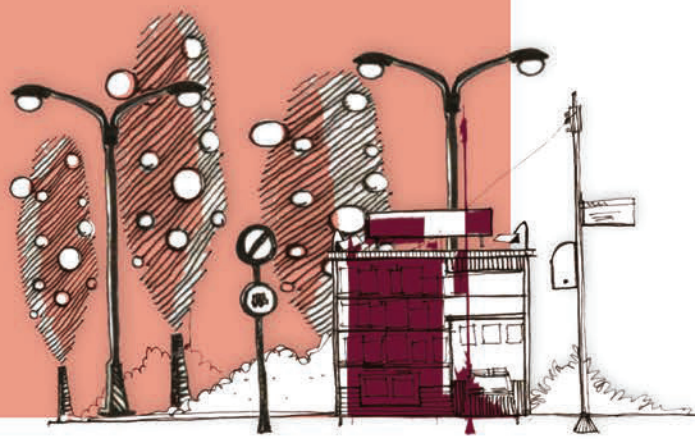
atividades

- Há várias formas de apresentar Moacyr Scliar ao grupo, mas talvez você possa começar lendo para os alunos a manchete de uma notícia publicada no jornal *Folha de S. Paulo* em 10 de setembro de 2001:

> **"Cobrador usa intimidação como estratégia. Empresas de cobrança usam técnicas abusivas, como tornar pública a dívida."**
>
> (*Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 10/9/2001.)

- Retome com o grupo o principal objetivo de textos como esse: relatar o fato ocorrido de maneira o mais impessoal possível, evitando a ambiguidade, e faça um pequeno levantamento de ideias para transformar essa notícia em crônica.

- Pergunte então se alguém já leu as crônicas de Moacyr Scliar baseadas em notícias de jornal. Junte as informações que os alunos já tiverem e, se preciso, as complemente com o texto sobre o autor.



Para saber mais

Moacyr Jaime Scliar

Porto Alegre (RS), 23/3/1937 – Porto Alegre (RS), 27/2/2011

Formou-se em medicina em 1962. Especialista em saúde pública e doutor em ciências pela Escola Nacional de Saúde Pública, Moacyr Scliar exerceu a profissão no Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência (Samdu). Seu primeiro livro publicado foi *Histórias de médicos em formação*, contos baseados em sua experiência como estudante. Em 1968 publica *O carnaval dos animais*, também livro de contos, que Scliar considera de fato sua primeira obra. É autor de mais de setenta obras, entre romances, ensaios, contos, ficções e infantojuvenis, dos quais muitos traduzidos para vários idiomas. As crônicas de Scliar têm como temática os fatos do cotidiano, noticiados em jornais ou ouvidos na rua. Elas se caracterizam pelo humor fino e ágil, pela preferência por temas sociais e pelas tensões dos relacionamentos humanos próprias da vida contemporânea. Foi membro da Academia Brasileira de Letras de 2003 a 2011. Um dos escritores mais representativos e premiados da literatura brasileira contemporânea.

2ª etapa

Conversando sobre crônica

atividades

- Apresente o título do texto: “Cobrança”. Faça um jogo de livre associação pedindo aos alunos que digam rapidamente, um depois do outro, tudo o que lhes vem à cabeça ao ouvir a palavra “cobrança”.
- Divida os alunos em trios e leia com eles o texto “Cobrança”. A leitura deve começar pela exploração do título.
- Fale sobre a situação de comunicação em que a crônica “Cobrança” foi produzida: o veículo inicial foi o jornal, só depois foi publicada no livro *O imaginário cotidiano.*
- Após a leitura, com a ajuda do *datashow,* projete o texto e ressalte os elementos desse gênero e os recursos linguísticos utilizados pelo autor, grifando-os com cores e da seguinte forma:

Cobrança

Moacyr Scliar

Partilha fatos cotidianos com seu leitor, dando singularidade a eles.

Ela abriu a janela e ali estava ele, diante da casa, caminhando de um lado para outro. Carregava um cartaz, cujos dizeres atraíam a atenção dos passantes: "Aqui mora uma devedora inadimplente."

— Você não pode fazer isso comigo — protestou ela.

— Claro que posso — replicou ele. — Você comprou, não pagou. Você é uma devedora inadimplente. E eu sou cobrador. Por diversas vezes tentei lhe cobrar, você não pagou.

— Não paguei porque não tenho dinheiro. Esta crise...

— Já sei — ironizou ele. — Você vai me dizer que por causa daquele ataque lá em Nova York seus negócios ficaram prejudicados. Problema seu, ouviu? Problema seu. Meu problema é lhe cobrar. E é o que estou fazendo.

— Mas você podia fazer isso de uma forma mais discreta...

Traz aspectos de oralidade para a escrita: expressões de conversa familiar e íntima, repetições e o pronome "você".

— Negativo. Já usei todas as formas discretas que podia. Falei com você, expliquei, avisei. Nada. Você fazia de conta que nada tinha a ver com o assunto. Minha paciência foi se esgotando, até que não me restou outro recurso: vou ficar aqui, carregando este cartaz, até você saldar sua dívida.

Neste momento começou a chuviscar.

— Você vai se molhar — advertiu ela. — Vai acabar ficando doente.

Ele riu, amargo:

— E daí? Se você está preocupada com minha saúde, pague o que deve.

— Posso lhe dar um guarda-chuva...

— Não quero. Tenho de carregar o cartaz, não um guarda-chuva.

Ela agora estava irritada:

— Acabe com isso, Aristides, e venha para dentro. Afinal, você é meu marido, você mora aqui.

— Sou seu marido — retrucou ele — e você é minha mulher, mas eu sou cobrador profissional e você é devedora. Eu a avisei: não compre essa geladeira, eu não ganho o suficiente para pagar as prestações. Mas não, você não me ouviu. E agora o pessoal lá da empresa de cobrança quer o dinheiro . O que quer você que eu faça? Que perca meu emprego? De jeito nenhum. Vou ficar aqui até você cumprir sua obrigação.

Chovia mais forte, agora. Borrada, a inscrição tornara-se ilegível. A ele, isso pouco importava: continuava andando de um lado para outro, diante da casa, carregando o seu cartaz.

Emprega verbos flexionados na primeira e terceira pessoas.

Vale-se de discurso direto no diálogo, verbos de dizer.

Usa marcas de tempo e lugar que revelam fatos cotidianos.

In: O imaginário cotidiano.
São Paulo: Global, 2001. © by herdeiros de Moacyr Scliar.

3ª etapa

Recursos discursivos e linguísticos

atividades

- Proponha questões que propiciem aos alunos analisar os recursos discursivos e linguísticos utilizados pelo cronista, bem como determinar o tom predominante. Dê a todos a oportunidade para que se expressem.
  - **O autor é observador ou personagem (foco narrativo)?**
  - **Como o narrador introduz as personagens?**
  - **Existe um elemento surpresa?**
  - **Que aspectos do cotidiano são narrados? De que forma?**
  - **Como é o diálogo das personagens?**
  - **É possível localizar o conflito? E o desfecho?**

- Lembre aos alunos que a crônica é um texto curto que narra episódios corriqueiros e às vezes banais. O tom da narrativa é o da conversa, do bate-papo informal. Há poucas personagens e o fato ocorre em um tempo breve (minutos, algumas horas, período do dia). O lugar onde o episódio ocorre geralmente é um só, bem determinado.

- Peça-lhes que releiam o texto para apreender o tom irônico do autor e o uso de expressões típicas do discurso familiar para revelar as desavenças na vida do casal. Depois, proponha-lhes ensaiar o diálogo em voz alta: um dos membros fará o papel do narrador e os outros dois, das personagens; planejem a entonação de voz, pausa, gestos, para expressar o diálogo estabelecido entre o marido e a mulher.

- Proponha aos alunos que ouçam essa crônica, disponível na aba Áudios. Comente com eles que várias são as possibilidades de leitura em voz alta, pois a entonação influencia o modo como o leitor interpreta o texto.

- Para enriquecer a análise da crônica de Moacyr Scliar, você poderá compartilhar com eles o texto abaixo.

Sobre “Cobrança”

Observe que o cronista escreve num tom jocoso. Como narrador, não faz rodeios; logo no título vai direto ao tema: trata-se de uma cobrança.

No primeiro parágrafo, de forma também concisa e direta, introduz as personagens: cobrador e devedora inadimplente. Não as caracteriza, não diz nada a respeito delas. Indica algumas ações e onde elas ocorrem – o essencial para que o leitor visualize a cena. Ele também estabelece um diálogo entre ambas, explicitando ligeiramente a situação.

Em seguida o cronista introduz um elemento surpresa: o leitor, agora, já não está na frente de um cobrador, mas de um marido cobrador, o Aristides. A mulher, que não ganha um nome, já não é uma mulher qualquer, mas a mulher do cobrador! Essa revelação altera as previsões do leitor e, por isso mesmo, o surpreende; o leitor está perante uma situação aparentemente inusitada. Isso o obriga a mudar o curso de seu pensamento.

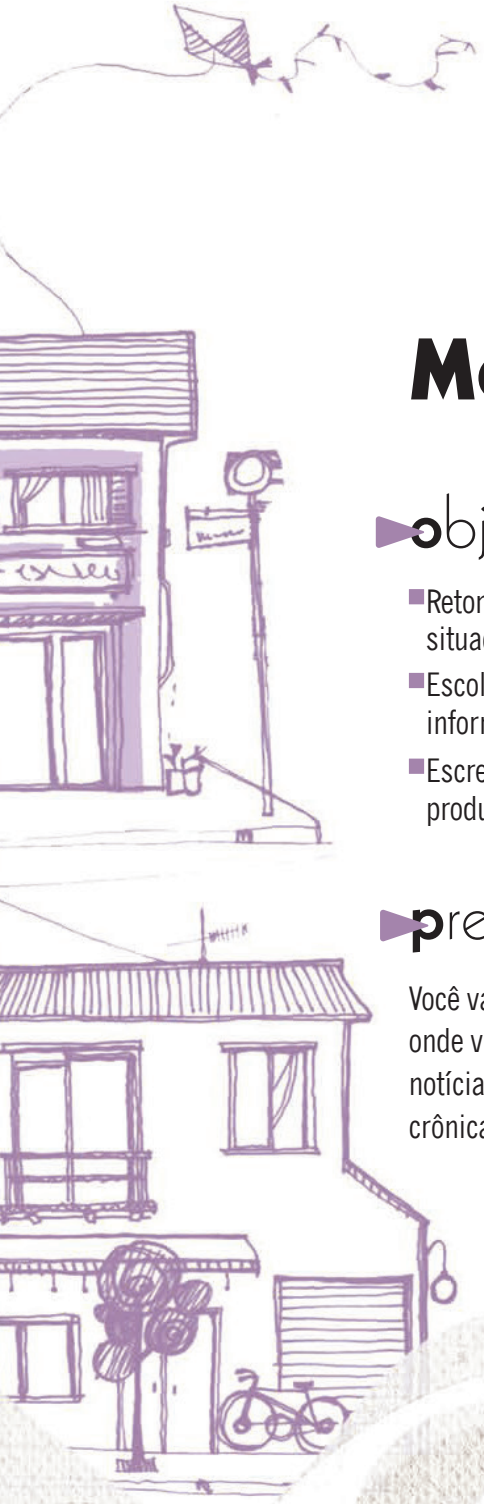
Utilizando-se do recurso do desdobramento dos papéis (marido/mulher; cobrador/devedora), o cronista surpreende o leitor e o conduz à reflexão esperada, ou seja, o cronista viabiliza uma reflexão quando apresenta ao leitor os diferentes papéis que o sujeito social exerce, que muitas vezes são conflitantes. Com isso, o inédito da situação fica mais acentuado e a narrativa pode continuar, agora enriquecida de um novo aspecto.

Neste momento, entra com maior força o cotidiano – elemento tão fundamental e caracterizador do gênero. O autor do texto apresenta ao leitor o cerne da questão que a crônica aborda: mulher gastadeira, marido que adverte, mulher que não liga para a advertência e as possíveis consequências disso. Quantos dos leitores não ouviram falar disso ou mesmo já não viveram situação parecida? O diálogo é pontuado por um narrador lacônico que constrói a cena e indica o essencial do estado psicológico da personagem, por exemplo, irritada. Ele interrompe duas vezes o diálogo somente para indicar dados essenciais para que o leitor visualize a cena e compreenda a história, e fecha o texto, concisamente, no último parágrafo, retomando o texto inicial.

Assim, essa crônica, como muitas outras, refere-se a um tipo de comportamento humano, um comportamento atemporal, o que, por um lado, facilita a identificação do leitor e, por outro, estabelece a atualidade do assunto. Além disso, o cronista a escreve com recursos bastante interessantes, de forma que a crônica deixa de ser “descartável”, adquirindo um sabor literário.

oficina 7

A ocasião faz o escritor



Merece uma crônica

objetivos

- Retomar as crônicas trabalhadas até o momento e analisar tema, situação escolhida, tom do texto e foco narrativo.
- Escolher fatos, situações ou notícias que serão foco da crônica e obter informações sobre eles.
- Escrever uma crônica como exercício preparatório à realização do produto final.

prepare-se!

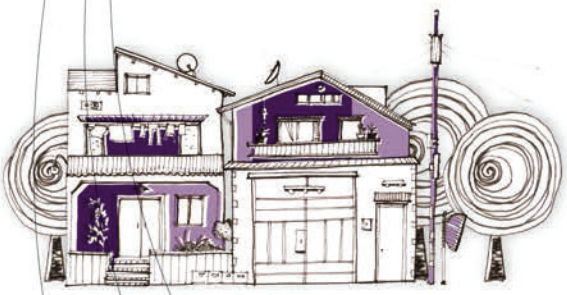
Você vai ajudar a turma a repensar o que dizer e como dizer sobre o lugar onde vivem. Para isso, consulte jornais físicos ou on-line e selecione notícias pitorescas e inusitadas que mereçam ser assunto de uma crônica.

1ª etapa

A notícia como fonte

Falamos por várias vezes que o cronista é aquele autor que vive uma experiência, que imagina uma cena a partir de depoimentos, de conversas com outras pessoas. Mas muitas vezes esse cronista vai buscar inspiração lendo fatos e notícias que acontecem pelo mundo afora. Fatos e fotos podem sim ajudar na busca do tema que estamos procurando.

Para a crônica não tem tema proibido. Na crônica cabe tudo. Cachorro andando de ônibus e sentado na janelinha? Ah… isso pode. Vamos conferir essa notícia publicada na internet e comprovar que assunto puxa assunto.



Por Portal do Holanda 02/11/2020 2h07 — em **Bizarro**

Cachorro sozinho no ônibus (Foto: Reprodução)

O vídeo de um cachorro andando sozinho de ônibus viralizou nas redes sociais. Nas imagens, o cãozinho aparece sentado em uma das poltronas do transporte coletivo. A cena chamou a atenção dos internautas e garantiu mais de 26 mil visualizações na web. "Eu fui pegar o carro, olha quem entrou e sentou aqui. Tem condição? Se eu falar, a pessoa fala que é mentira", disse o homem que estava filmando o cachorro.

"Doguinho independente indo ao pet shop sozinho", brincou uma pessoa. "Aí que lindinho, ainda olhando para a câmera!", outra se derreteu. "Vira-lata caramelo deveria ser reconhecido como raça brasileira", reforçou uma terceira.

Fonte: https://www.portaldoholanda.com.br/bizarro/video-de-cachorro-andando-de-onibus-sozinho-viraliza-na-web-veja

Bem, o que se viu é realidade, aconteceu mesmo. E como essa, existem muitas cenas no nosso dia a dia que parece ficção, parece literatura. Mas não é. Então, agora é o momento de você fazer anotações para verificar onde estão suas inspirações.

atividades

- Depois de efetuar a leitura dessa notícia curiosa, é o momento de conversar livremente, na esfera das informações, das ideias, das sensações e das emoções. Dividir a turma em pequenos grupos (trios ou duplas) e a cada grupo solicitar, após 10 minutos de discussão entre eles, as seguintes respostas:

  - **Quais são os dados e informações que aparecem no texto.**
  - **Quais as ideias que surgiram.**
  - **Quais os sentimentos que foram despertados.**

- Uma vez anotadas as respostas, fazer a leitura em voz alta com o objetivo de compartilhar entre todos e todas estudantes da turma.
- Voltar a perguntar para todos e todas se o tema pode se transformar numa crônica, e qual o título que escolheriam? Deixar mais 10 minutos para que respondam e apresentem sugestões de títulos.
- Peça aos alunos que reservem o dia seguinte para a busca de informações sobre alguma notícia interessante de sua cidade. É fundamental localizar o jornal ou site em que a notícia foi publicada para lê-la na íntegra e procurar saber se o fato noticiado foi veiculado em outras mídias. Podem também pesquisar letras de canção, poemas, crônicas que tenham relação com o tema escolhido. Essa pesquisa vai ajudar os alunos a ter o que dizer quando forem esboçar as personagens e elaborar a crônica.

2ª etapa

O começo da produção individual

atividades

- Escolhido o assunto e com as informações sobre ele em mãos, diga aos alunos que chegou a hora de escrever a visão pessoal deles sobre o fato, usando imaginação, inventividade, lirismo e humor.
- Dê aos alunos alguns minutos para planejar a escrita da crônica, respondendo para si mesmos as seguintes perguntas:
  - **Qual o foco narrativo?**
  - **Quem são as personagens?**
  - **Qual o enredo, como, onde e quando vai se desenrolar a narrativa?**
  - **Vou narrar em tom humorístico, lírico, irônico ou crítico?**
  - **Existe um elemento surpresa?**
  - **Como vai ser o desfecho? Aberto ou conclusivo?**
- Marque um tempo para a produção da crônica. Quando estiverem prestes a terminar, lembre-lhes a importância de um bom título.
- Assim que a escrita ficar pronta, incentive os alunos a trocar os textos entre si. Peça-lhes que leiam e comparem as diversas formas de dizer dos autores (como o fato foi narrado, a intenção do autor e o efeito causado no leitor). E, mais importante, comentem e apontem o que acharam mais difícil para escrever uma crônica.
- Se a turma tiver fôlego, reescreva, junto com cada aluno, os parágrafos iniciais dos textos deles.

Lembrete

Não se esqueça! Seu comentário sobre a produção dos alunos é essencial para o crescimento deles.

oficina

105
A ocasião faz o escritor

Olhos atentos no dia a dia

objetivos

- Apurar o olhar para o lugar onde se vive.
- Esclarecer dúvidas a respeito do foco narrativo e de como iniciar uma crônica.
- Apreender as semelhanças entre o ato de escolher um assunto para uma foto e a ação de escolher um tema para ser retratado em uma crônica.

prepare-se!

Nesta oficina você pedirá aos alunos que fotografem pessoas, cenas, situações do dia a dia que possam ser narrados em uma crônica. É muito importante que você ajude seus alunos a definir o foco narrativo

1ª etapa

Habilidades para iniciar uma crônica

Uma das grandes dificuldades de qualquer escritor é começar o texto. Para ajudar seus alunos e alunas a vencer esse desafio propomos algumas atividades.

atividades

- Promova a escrita coletiva do primeiro parágrafo de uma crônica, com base em uma notícia. Por exemplo:

A notícia

Um professor propôs como assunto da crônica o temporal que se abateu na cidade de São Paulo no início da semana.

- Veja as propostas de "abertura" de três alunos relacionadas a essa mesma notícia:

Primeiro aluno – A tempestade

O céu anunciava tempestade. Em dias como esse, o fluxo de carros aumenta na cidade de São Paulo. Todos querem chegar em casa antes da chuva. Caos total!

Segundo aluno – Toró

Relâmpagos e trovoadas anunciam a chegada de um toró. O corre-corre natural da hora do rush em São Paulo se intensifica em dia de chuva. Se qualquer chuvinha já alaga ruas e avenidas, imagine uma tempestade! O trânsito fica impossível. Os alagamentos contribuem para a aflição dos trabalhadores que querem chegar em casa a qualquer custo.

Terceiro aluno – Sofrimento

A história começa com a enorme fila de pessoas que se forma na estação Sé do Metrô para o embarque. São dezenove horas. Todos querem chegar em casa. O desespero transparece no rosto de cada um. Cotoveladas, empurra-empurra, gritaria, pés castigados. Todo dia de chuva acontece isso.

- Anote as diferentes sugestões de "começos" dos textos dos alunos.
- Peça a eles que comparem os parágrafos e indiquem qual deles é o mais adequado para iniciar a crônica.
- Outra ideia para exercitá-los é pedir-lhes que deem continuidade ao texto de cronistas consagrados. Mostre aos alunos apenas o início de algumas crônicas já publicadas. Peça-lhes que se coloquem no lugar do cronista e completem, de forma coerente, o texto iniciado por ele. Para tanto sugerimos abaixo os parágrafos de abertura de três crônicas, que estão na íntegra.
- Depois que os alunos completarem esses textos você pode projetá-los na íntegra, e retomar as marcas próprias da crônica e os recursos linguísticos utilizados pelo autor.
- Feito isso, proponha-lhes que identifiquem e anotem as semelhanças ou diferenças entre o que eles escreveram e as crônicas escritas pelos três autores.

O cajueiro

Rubem Braga

O cajueiro já devia ser velho quando nasci. Ele vive nas mais antigas recordações de minha infância: belo, imenso, no alto do morro atrás da casa. Agora vem uma carta dizendo que ele caiu.

Eu me lembro do outro cajueiro que era menor e morreu há muito tempo. Eu me lembro dos pés de pinha, do cajá-manga, da grande touceira de espadas-de-são-jorge (que nós chamávamos simplesmente "tala") e da alta saboneteira que era nossa alegria e a cobiça de toda a meninada do bairro porque fornecia centenas de bolas pretas para o jogo de gude.

In: *Cem crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

A bola

Luis Fernando Verissimo

O pai deu uma bola de presente ao filho. Lembrando o prazer que sentira ao ganhar a sua primeira bola do pai. Uma número 5 sem tento oficial de couro. Agora não era mais de couro, era de plástico. Mas era uma bola.

O garoto agradeceu, desembrulhou a bola e disse "Legal!". Ou o que os garotos dizem hoje em dia quando gostam do presente ou não querem magoar o velho. Depois começou a girar a bola, à procura de alguma coisa.

In: *Comédias para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. © by Luis Fernando Verissimo.

São Paulo: as pessoas de tantos lugares

Milton Hatoum

À primeira vista, São Paulo assusta. Aos poucos, o susto cede ao fascínio, à surpresa da descoberta de muitos lugares escondidos ou ocultados numa metrópole da qual a natureza parece ter sido banida. Isto só em parte é verdade. Há vários parques e jardins – Aclimação, Villa-Lobos, Burle Marx, Água Branca e tantos outros –, sem contar o Ibirapuera, que simboliza uma promessa de urbanismo mais civilizado, ou de um processo urbano mais humanizado, interrompido pela ganância das construtoras e da especulação imobiliária em conluio com o poder público municipal.

In: *Revista da Folha*, 25/5/2008.

2ª etapa

Habilidades para definir o foco narrativo de uma crônica

É possível que nas oficinas anteriores você tenha percebido que alguns alunos ainda têm sérias dificuldades com **o foco narrativo**. Nesta etapa você vai poder ajudá-los.

atividades

▷ Leia o começo de duas crônicas de Luis Fernando Veríssimo.
Neles alguém narra um fato.

A. "Eu sabia fazer pipa e hoje não sei mais. Duvido se hoje pegasse uma bola de gude conseguisse equilibrá-la na dobra do dedo indicador sobre a unha do polegar, quanto mais jogá-la com a precisão que tinha quando era garoto. Outra coisa: acabo de procurar no dicionário, pela primeira vez, o significado da palavra "gude". Quando era garoto nunca pensei nisso, eu sabia o que era gude, gude era gude…"

Luis Fernando Verissimo. *Comédias para se ler na escola*
Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. © by Luis Fernando Verissimo

B. "O apelido dele era "Cascão" e vinha da infância. Uma irmã mais velha descobrira uma mancha escura que subia pela sua perna e que a mãe, apreensiva, a princípio atribuiu a uma doença de pele. Em seguida descobriu que era sujeira mesmo…"

Luis Fernando Verissimo. *Comédias para se ler na escola.*
Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. © by Luis Fernando Verissimo

▷ Peça aos alunos que observem as palavras (verbos e pronomes) destacadas no texto A e respondam:

- **Em que pessoas estão empregadas as formas verbais e os pronomes?**
- **O autor participa da história como personagem?**

▷ Agora, vejam no texto B os verbos e os pronomes empregados pelo autor e respondam:

- **Em que pessoas estão as formas verbais e os pronomes sublinhados?**
- **O autor participa dos fatos? Ele também é personagem da crônica?**

▷ Peça-lhes que reescrevam o texto abaixo transformando o autor-personagem em autor-observador.

"[...] O meu fusca deslizava dócil e macio no asfalto, eu ia para a cidade feliz da vida. Tomara banho, fizera barba e, metido além do mais num terno novo, saíra para enfrentar com otimismo a única perspectiva sombria naquela manhã de cristal: a da hora marcada do dentista..."

Fernando Sabino. *"O enviado de Deus"*, in: Elenco de cronistas modernos. 21ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

3ª etapa

Entre fatos e fotos

Ajude os alunos a selecionar um aspecto da realidade e "iluminá-lo", seja com uma foto, seja com uma crônica.

atividades

- Traga para a sala de aula fotos de lugares de sua cidade (ou bairro) em que as pessoas costumam se encontrar, bater papo, caminhar, praticar esportes, passear. Você também pode utilizar as fotos disponíveis na Coletânea e neste Caderno.
- Distribua uma foto, em branco e preto ou colorida, para cada equipe (duplas ou trios) e peça aos alunos que identifiquem se a foto é antiga ou atual e observem os elementos nela presentes: cenário, objetos, cores, forma, luminosidade, ângulo, movimento, semblante das pessoas. O que elas contam? Que impressões, reações e sentimentos despertam?
- Instigue os grupos a debater as questões abaixo e depois compartilhar as descobertas com a classe.
  - **O que você vê nesta foto? O que lhe chama a atenção?**
  - **Quando e onde foi produzida? Como é o ambiente?**
  - **O que a cena sugere?**
  - **Quem são as personagens?**
  - **Qual elemento se encontra em primeiro plano, em destaque?**
  - **Que outros detalhes você observa nesta foto?**
  - **Coloque-se no lugar do fotógrafo. Que ângulo foi escolhido para ser fotografado?**
  - **Que influências o fotógrafo pode ter sofrido para a definição do ângulo?**

▷ Proponha aos alunos que planejem uma crônica com base na notícia "Cooperifa vai encher de poesia o céu de São Paulo".

Cooperifa vai encher de poesia o céu de São Paulo

A Cooperifa realiza, pelo sétimo ano consecutivo, o Poesia no ar, e vai encher o céu de São Paulo de poesia.

Nessa noite mágica da periferia paulistana, o sarau vai acontecer normalmente até às 22h30; depois todos os poemas lidos, mais as mensagens e poemas dos convidados serão colocados em balões de gás (500 bexigas) e enviados via aérea para toda a cidade.

Onde todos querem violência, nós poesia.

Quem não puder comparecer no Sarau da Cooperifa nesse dia, não se preocupe, se tiver sorte vai receber nossa poesia em casa, sem alarde e abençoada pelo sereno da madrugada.

POESIA NO AR
Dia 17 de abril 20h45
Bar do Zé Batidão
Rua Bartolomeu dos Santos, 797 – Chácara Santana
Periferia – SP

Notícia publicada em <http://cooperifa.blogspot.com.br>.

4ª etapa

Alunos fotografam o dia a dia

atividades

- Apurado o olhar, anime a turma a sair a campo em busca de fotos instigantes: cenas da cidade; fatos do dia a dia; situações pitorescas; imagens que retratam a vida, os valores culturais e estéticos das pessoas da comunidade.
- Diga aos alunos que essas imagens serão o ponto de partida para a escrita da crônica.

Lembrete

Veja três exemplos de crônicas, disponíveis na coletânea ao final deste caderno, escritas a partir de imagens:
O Português diferente de cada um; História de pescador e A Oriental de Natal, que foram produzidas por alunos semifinalistas da 3ª edição da Olimpíada a partir de fotos tiradas durante o Encontro Regional realizado em Natal, em 2012.

5ª etapa

Planejamento e escrita da crônica inspirada na foto

atividades

- Instigue os alunos a pensar em como trazer a vida retratada na foto para a crônica.
- Peça a cada aluno que faça um esboço da crônica que irá escrever com base na foto tirada por ele.
  - **Foco narrativo** (autor-observador ou autor-personagem).
  - **Personagens.**
  - **Tom da narrativa** (humorístico, irônico, lírico, crítico).
  - **Enredo** (o elemento surpresa, que pode ser tanto uma personagem quanto a descoberta de uma situação inusitada).
  - **Espaço** (em que parte da cidade, em que cenário, ocorreu a situação).
  - **Tempo** (lembre que a crônica se passa em um curto espaço de tempo – minutos, horas).
  - **Desfecho:** pode ser aberto, conclusivo, surpreendente. No desfecho aberto o leitor é instigado a pensar, criar sua solução, dar continuidade à narrativa, os leitores viram coautores da história.
- Depois de planejada a crônica, estipule um prazo para que os alunos desenvolvam o esquema que criaram e escrevam um texto que chame a atenção, envolva o leitor.
- Finalizada a escrita, organize uma roda para que os autores possam compartilhar a leitura dos textos e das fotos.

6ª etapa

Lendo imagens

atividades

- Ajude os alunos, por meio de perguntas, a estabelecer relações entre as decisões e ações do fotógrafo e as do cronista.
  - **Por que você tirou essa foto?**
  - **Como escolheu esse ângulo?**
  - **Por que esse objeto está iluminado e esse outro, não?**
- Finalize, comentando que existe um diálogo entre a imagem capturada pela lente do fotógrafo e a situação apreendida pelo imaginário do cronista.

117
A ocasião faz o escritor

Cronicar em parceria: inspiração e transpiração

objetivos

- Produzir coletivamente uma crônica, inspirando-se na leitura, discussão e análise de uma crônica e escolhendo uma perspectiva própria para a escrita.
- Analisar a produção coletiva em relação às características do gênero crônica e aos efeitos de sentido pretendidos.
- Reescrever coletivamente o texto produzido para aperfeiçoá-lo.

prepare-se!

A escrita coletiva – o fazer junto – possibilita aos alunos uma experiência modelar, que vai ajudá-los na elaboração da escrita individual. Sua orientação é essencial. Leia as sugestões desta oficina e planeje detalhadamente como fará isso com os alunos.

1ª etapa

Leitura de uma crônica para trocar ideias e inspirar-se para a escrita coletiva

Escrever crônicas envolve conhecer possibilidades, ler diferentes autores, prestando atenção no que escrevem e em como escrevem. Requer experimentar e praticar, em conjunto e individualmente, a escrita da sua própria versão de uma crônica que você leu e de novas crônicas. Implica em compartilhar ideias e alternativas e tomar decisões e, desse modo, construir a sua própria voz de cronista.

A escrita coletiva possibilita aos alunos vivenciarem, juntos e de maneira colaborativa, a prática de buscar o gancho para a escrita, de pensar no que gostariam de dizer, de organizar ideias por escrito, pensar em modos de dizer e seus possíveis efeitos de sentido, de aguçar o olhar para detalhes do texto, de reescrever para aprimorar. Escrevendo juntos, eles irão conhecer os movimentos e os desafios da escrita, compartilhar dúvidas e soluções e saber que podem contar com a ajuda do colega para aprender e construir o seu próprio texto. Nesta oficina sugerimos a construção de um texto coletivo a partir da leitura da crônica **"Tatuagens para todos"**, de Carol Bensimon. Confira as sugestões de leitura e de escrita colaborativa e planeje a sua aula.

Leitura de uma crônica para trocar ideias e inspirar-se para a escrita coletiva

Tatuagens para todos

Carol Bensimon

Sou o último ser humano que se imaginava com uma tatuagem - a tela em branco entre os amigos, a pessoa que não muda tanto assim, mas que tem medo do aspecto permanente da tinta. Um belo dia, no entanto, começo a pensar em carregar para sempre no braço um tipo específico de árvore, que simbolizaria uma experiência x, muito importante na minha vida, e blá blá blá. Instantes depois, estou falando sobre essa vontade no Facebook. Estou pedindo opiniões. Estou recebendo incontáveis incentivos. Um conhecido me passa o contato de uma tatuadora que está com a agenda cheia pelos próximos 10 meses. Por que agora todo o tipo de gente, de todas as idades, quer rosas, nomes de filho, frases em alemão ou robôs guerreiros na pele?

Começo a pensar sobre a popularização da tatuagem e deixo minha árvore meio de lado. Melhor ter certeza. Sinto que apenas isso - "um tempo para amadurecer a ideia" - já me coloca anos-luz distante do pessoal de vinte e poucos anos, que normalmente não frita a cabeça refletindo sobre o desenho perfeito, o mais significativo entre todas as opções cogitadas, ou se ele vai fazer sentido depois de uma década ou mais. Segundo uma pesquisa realizada nos Estados Unidos em 2014, 36% dos jovens norte-americanos de 18 a 25 anos tinham ao menos uma tatuagem.

Quando falamos em tatuagem, não há dúvida de que estamos falando da construção e da exposição de uma identidade. Nessa segunda metade do século 21, além de querermos nos sentir muito especiais e únicos, parece que precisamos estampar o que somos em praça pública - ou na arena virtual - o mais rápido possível, já que quase ninguém tem tempo ou paciência para se conhecer de fato. Nesse sentido, etiquetas facilitam e likes são muito bem-vindos. Em texto para a revista The Atlantic sobre tatuagens, o escritor Chris Weller resume muito bem essa ideia: "A modernidade nos leva a declarar nossa identidade com convicção, quer já a tenhamos encontrado ou não."

Weller acredita, além disso, que o ato de tatuar-se não se relaciona simplesmente com a busca por esse "eu"; a narrativa que vai se construindo na pele é a própria identidade. Ler esse acúmulo de desenhos e frases como uma narrativa da vida de alguém, aliás, pode explicar o fato de que a maioria dos tatuados consegue lidar com marcas do passado que talvez não façam tanto sentido hoje, algo semelhante a "essa cicatriz aqui foi de quando sofri um acidente de moto". Uma parte de nossa história, em resumo, para o bem ou para o mal. Ainda assim, segundo uma pesquisa divulgada pelo The Guardian, 23% dos adultos britânicos se dizem arrependidos de ter feito uma tatuagem.

Um tempo atrás, eu achava que essa questão da permanência era de certa forma uma contradição, afinal havia nas tatuagens algo de tão instantâneo, tão transitório, tão dependente da estética de determinado período, que o fato de elas serem algo inapagável me parecia uma espécie de "apesar". O mesmo para a dor do processo (em uma época em que tentamos a todo custo evitar dores, físicas ou psicológicas). De maneira que fiquei surpresa quando, no já citado texto, Weller oferece uma outra chave de interpretação: a nova geração não está fugindo de um senso de estabilidade e permanência, mas está buscando isso desesperadamente. Faz sentido. Ela está dizendo que não quer que o mundo gire tão rápido. Que precisa se definir, ser e ter alguma coisa, no meio desse turbilhão. Soma-se a isso o fato de que, diferente das anteriores, essa é uma geração que ainda não conquistou coisas concretas (e alguns deles simplesmente não estão interessados nisso). Se não há carros, casas, carreiras sólidas, relacionamentos de décadas, há então tatuagens. Algo que dure. Precisamos todos de algo que dure.

Uma estranha na cidade. [S. l.]: Dublinense, 2016.

atividades

- Organize os alunos em semicírculo para facilitar a interação e a participação de todos na discussão da leitura, na análise da crônica e na negociação de escrita coletiva do texto.

- Organize os alunos em semicírculo para facilitar a interação e a participação de todos na discussão da leitura, na análise da crônica e na negociação de escrita coletiva do texto.

- Explique que eles vão ler uma crônica e discuti-la para depois escrever colaborativamente.

- Discuta com os alunos suas expectativas de leitura a partir do título "Tatuagem para todos".

- Peça que a turma leia em silêncio o primeiro parágrafo e o início do segundo até a frase "Melhor ter certeza" e discuta:

  - **Qual é a situação apresentada no texto?**

  - **De que modo as características atribuídas à narradora contribuem para essa situação? Que reflexões poderiam ser feitas a partir da situação levantada?**

- Siga lendo o texto até o final do quarto parágrafo e discuta:

  - **Quais reflexões a dúvida "fazer ou não fazer uma tatuagem" gerou?**

  - **Que opiniões e dados são apresentados para trazer diferentes perspectivas sobre o tema? Que outras perspectivas poderiam ser levantadas?**

- Convide a turma a ler o último parágrafo e expressar seus entendimentos, reações e opiniões:

  - **Há uma mudança de opinião da narradora sobre as tatuagens? Se sim, o que mudou? O que no texto aponta para isso?**

  - **Você concorda com a conclusão da crônica? Por quê?**

Construa na lousa o quadro a seguir e completá-lo com os alunos a partir das seguintes perguntas: Como as relações entre tatuagem e identidade são construídas ao longo do texto? O que fazer uma tatuagem diz sobre as pessoas?

Parágrafo	Características de quem faz uma tatuagem
1	não ter medo de mudar e não ter medo do que é permanente
2	aceitar imperfeições e mudanças de opinião ao longo do tempo
3	querer expor rápida e publicamente o que se é mesmo que ainda não se conheça bem (a busca pelo "eu")
4	estar construindo a própria identidade a partir da narrativa das tatuagens
5	ser e ter alguma coisa que dure (em um mundo que gira rápido demais)

Amplie a discussão, em grupos ou em conjunto, a relação do tema com "o lugar onde vivo" desde as suas perspectivas:

- **Que opiniões você ou o seu grupo tem sobre tatuagens ou outros aspectos relacionados à aparência (piercing, estilo de cabelo, estilo de vestir, etc.)? Que valores são associados a esses aspectos em diferentes contextos? Esses valores mudaram ao longo do tempo? Dê exemplos.**
- **Que aspectos expõem as identidades de sua geração? De outras gerações?**
- **Que valores são importantes para a sua geração? Para outras gerações?**
- **A partir do seu ponto de vista, que outro final / título / tom (poético, bem-humorado, crítico, lírico, crítico etc.) você daria à crônica? Como ficaria o texto?**

2ª etapa

Estudo da construção da voz, da organização composicional e dos efeitos de sentido de aspectos linguístico-discursivos

atividades

- Analise com o grupo a construção da voz na crônica (em primeira pessoa: autor-personagem).
- Observe com a turma a organização de parágrafos e os efeitos de sentido de tempos verbais e justaposição de orações no texto.
- Explore o início e o final da crônica, e levante outras possibilidades para compreender efeitos de sentido pretendidos.
- Escreva na lousa as citações a seguir e, após discuti-las com a turma, proponha que, em duplas ou grupos, os alunos apontem na crônica trechos em que a voz do texto (o "eu" da escrita, a persona ficcional) se constitui como a voz do autor empírico (o sujeito social, histórico e ideológico que produziu o texto e que fala de si próprio, do que observa e do que pensa). Você pode perguntar: Que marcas textuais constroem a voz do texto (quem escreve)? Esses trechos poderiam ser também a voz do autor empírico? Qual é o efeito de sentido dessa reciprocidade?
- Discuta os trechos apontados pelos alunos, salientando como, na crônica, a construção da voz no texto é essencial para que o diálogo com o leitor seja estabelecido. O pacto de leitura leva em conta que a crônica é um gênero que pode reunir características de realidade e de ficção.

[...] nas crônicas de inscrição subjetiva, há uma voz textual recíproca à identidade do autor empírico, o que verificamos por meio de indícios textuais, entre eles informações biográficas, nome do autor, entre outros. Esse enunciador fala sobre sua identidade, sobre sua trajetória, como acontece em gêneros biográficos – autobiografia, cartas, diários etc. Ao falar de si, o cronista cria uma persona, uma imagem, quase uma personagem [...]. Dessas imprecisões, bem como dos discursos assumidos, pode surgir uma autoficção, um "dizer a si mesmo" que não se aprisiona ao factual, que é, também, criação. (BECKER, 2013a, p. 46)

[...] por definição [a crônica] não pretende ser ficcional in toto, e portanto [é] um texto da ordem da dissertação no sentido de ser um depoimento de uma voz real, de alguma pessoa real. (FISCHER, 2009, p. 82)

Registre na lousa o quadro a seguir, para analisar o propósito de cada parágrafo e os tempos verbais utilizados. Complete as informações sobre o primeiro parágrafo com a turma, para dar um exemplo, e peça que, em duplas, completem as informações sobre os demais parágrafos. Após, discuta as respostas com a turma.

Parágrafo	Propósito	Tempo verbal e função
1	Apresentação da questão: a partir da vontade de fazer uma tatuagem, pergunta sobre a razão de as pessoas quererem fazer uma tatuagem do que é permanente pergunta sobre a razão de as pessoas quererem fazer uma tatuagem	Passado – referir-se a uma ação no passado Presente – descrever fluxo de pensamento e narrar um acontecimento no passado
2	A partir da questão levantada, relaciona a tatuagem com uma geração	Passado – apresentar resultado de pesquisa Presente – descrever fluxo de pensamento
3	Relaciona a tatuagem com a necessidade contemporânea de exposição da identidade	Presente – refletir sobre os sentidos atuais da tatuagem
4	Relaciona a tatuagem com a necessidade contemporânea de construir a identidade	Passado – fala para referir-se a uma tatuagem feita Presente – refletir sobre os sentidos atuais da tatuagem
5	Expressa a mudança de opinião sobre o sentido atribuído à tatuagem	Passado – expressar opinião anterior Presente – expressar opinião atual

▷ Analise com a turma as opções da autora para a construção do primeiro parágrafo e os efeitos de sentido provocados pelos tempos verbais e pelas orações justapostas (ao invés de orações coordenadas). Com base nas atividades a seguir, explique os efeitos de sentido do uso do presente histórico, contrastando-o com o uso dos verbos no passado. Discuta também o efeito de sentido do uso de orações justapostas em contraste com orações subordinadas temporais. Confira se os alunos percebem como o uso do presente histórico e a justaposição de orações conferem vivacidade ao texto, convidando o leitor a se colocar na cena descrita como se tivesse presenciando os acontecimentos.

- **"Sou o último ser humano que se imaginava com uma tatuagem" Quais efeitos esse modo de iniciar a crônica pode causar no leitor? Sugira outros modos de começar. Que efeitos poderiam causar?**
- **"Por que agora todo o tipo de gente, de todas as idades, quer rosas, nomes de filho, frases em alemão ou robôs guerreiros na pele?" Que efeitos esse modo de finalizar o primeiro parágrafo pode causar no leitor? Sugira outros modos de escrever esse trecho. Que efeitos poderiam causar?**

▷ Compare as seguintes versões com o mesmo trecho escrito pela autora. Quais são as diferenças? Em comparação com o original, que efeitos de sentido são perdidos ou acrescentados pelos diferentes modos de dizer?

Um belo dia, no entanto, comecei a pensar em carregar para sempre no braço um tipo específico de árvore, que simbolizaria uma experiência x, muito importante na minha vida, e blá-blá-blá. Instantes depois, estava falando sobre essa vontade no facebook. Estava pedindo opiniões. Estava recebendo incontáveis incentivos. Um conhecido me passou o contato de uma tatuadora que estava com a agenda cheia pelos dez meses seguintes.	Um belo dia, no entanto, comecei a pensar em carregar para sempre no braço um tipo específico de árvore, que simbolizaria uma experiência x, muito importante na minha vida, e blá-blá-blá. Logo que surgiu a ideia, falei sobre essa vontade no facebook. Depois de pedir opiniões e receber incontáveis incentivos, um conhecido me passou o contato de uma tatuadora que estava com a agenda cheia pelos dez meses seguintes.

Verifique com a turma as opções da autora para a construção do último parágrafo discutindo as seguintes perguntas: De que modo o texto apresenta a mudança de opinião sobre o sentido de tatuagens? O que a frase "Faz sentido" expressa nesse parágrafo? De que modo a última frase se relaciona com o título da crônica?
Depois, levante com a turma modos alternativos para:

- **expressar a mudança de opinião da narradora, por exemplo, com expressões referenciais opostas (substantivos e adjetivos); orações justapostas ou subordinadas para marcar o antes e o agora; uma narrativa de ter feito uma tatuagem e o que o corpo dizia antes e diz agora;**

- **finalizar a crônica, por exemplo, expressando um sentimento, formulando uma pergunta, marcando uma nova voz para o autor do texto.**

Pratique o uso do presente histórico e de orações justapostas na narrativa. Você pode solicitar aos alunos que contem algum acontecimento que vivenciaram usando esses recursos. Eles podem contar oralmente em aula, e depois a turma reflete sobre como esse jeito de contar e descrever uma sequência de ações se relaciona com movimentos do corpo (inflexões de voz, gestos, olhares, etc.) para trazer a cena para o momento atual. Podem também selecionar cenas de filmes e contá-las por escrito (um grupo usa presente histórico e orações justapostas; outro grupo usa verbos no passado e orações subordinadas temporais) para que o outro grupo descubra de que filme é a cena. Depois analisarem em conjunto as diferenças dos modos de narrar.

3ª etapa

Geração de ideias

atividades

- Levante, a partir da crônica lida com a turma, ideias sobre o que eles vão escrever, buscando o que mais se aproxima dos desafios identitários do grupo, para que possam falar do seu lugar de vida e de modo autoral.

- Escreva na lousa a primeira frase da crônica lida: "Sou o último ser humano que se imaginava..." e peça que a turma dê sugestões para completá-la com algo inusitado para eles, anotando-as na lousa. Você também pode preparar saquinhos diferentes com várias opções e distribuí-los para grupos de alunos, para que conversem sobre as sugestões e levantem outras ideias. Por exemplo: ...com piercing no nariz, com cabelo raspado, de terno e gravata, escrevendo uma crônica, concorrendo para representante de classe, mudando de bairro/cidade, estudando nesta escola, cuidando de um bebê, morando no campo.

Peça aos alunos que selecionem das frases que elaboraram duas que consideram interessantes para escrever uma crônica. Escreva-as na lousa em colunas e peça para os alunos levantarem ideias que poderiam desenvolver. Você pode instigá-los com perguntas e ir anotando na lousa as ideias.

- **Por que não se imaginavam assim (ou fazendo isso)? O que pensavam sobre isso?**
- **Que significados são atribuídos a tal comportamento?**
- **Como esse comportamento se relaciona à exposição e à construção da identidade de sua geração e de sua própria identidade no lugar onde vive?**
- **Que outras perspectivas há? O que sabem e o que descobriram ao ler e conversar sobre o tema com colegas e com pessoas de outras gerações?**
- **Como mudaram ou poderiam mudar de opinião?**

Começar com duas alternativas permite dar-se conta de que talvez para uma delas eles tenham mais conhecimentos para contribuir, e que a outra exigiria pesquisa. Eles então escolhem a opção que será escrita coletivamente. Apague a coluna das ideias que não serão utilizadas e use esse espaço para começar a escrita coletiva da crônica selecionada.

4ª etapa

A escrita coletiva

atividades

- Elabore com a turma o planejamento do texto e, depois, construam um texto coletivo na lousa. Todos contribuem, opinam, organizam, refletem sobre a seleção de recursos expressivos e seus efeitos de sentido, reescrevem, revisam.

- Releia com o grupo as ideias levantadas e construa um esquema para planejar a escrita, fazendo anotações sobre:
  - **Como construir o primeiro parágrafo? Como apresentar a situação?**
  - **Que palavras, frases, sentimentos, imagens querem usar? Como esses elementos podem contribuir para criar a voz e o tom do texto?**
  - **Quantos parágrafos o texto terá? Qual será o propósito de cada parágrafo? Como eles se relacionam para construir a unidade do texto?**
  - **Como será o parágrafo final? O que ele deverá retomar para construir a unidade do texto?**
  - **O que não pode faltar?**

- Inicie a escrita do texto. Vá coordenando a prática de tomada de decisões e a monitoração da produção escrita, adequando as ideias apresentadas oralmente para o discurso escrito. Nesse momento, a ideia é construir um texto inicial, focalizando a voz do texto, a fluência das ideias, a organização de parágrafos, para ter uma noção do todo.

- Releia com os alunos o que eles escreveram, atentando para que os parágrafos estejam organizados em torno do tópico e para que eles se relacionem de modo a construir a coesão do texto como um todo.

Sugira alternativas de palavras e construções frasais para que a turma possa ir decidindo o que considera mais adequado para construir os efeitos de sentido desejados. Na construção da autoria do texto, é fundamental lidar com alternativas possíveis, selecionar e compreender a razão das escolhas feitas. Você pode instigar essa etapa da escrita com perguntas e sugestões:

- **Este trecho contribui para construir a voz do texto? Que estratégias podem ser usadas para tornar a voz do texto mais clara para o leitor?**
- **Esta palavra contribui para construir o tom do texto? Que outra palavra poderia ser usada?**
- **Este trecho poderia ficar mais vívido? Que outro jeito de dizer poderia transportar o leitor para a cena narrada?**
- **Este trecho poderia ficar mais interessante? Quem conhece uma metáfora para expressar o sentido desse comportamento na perspectiva do narrador?**
- **A leitura está fluente? O ritmo está bom? Seria melhor usar conectores neste trecho?**
- **Quem sabe aqui uma comparação, uma sequência pergunta-resposta ou causa-consequência?**

5ª etapa

Releitura para aperfeiçoar o texto e criar o título

atividades

- Releia com a turma o texto escrito. Em duplas ou grupos, os alunos trocam suas impressões sobre a estrutura composicional, os recursos linguístico-discursivos e culturais da crônica, com especial atenção ao uso dos tempos verbais e à coesão do texto, comentando e dando sugestões para aperfeiçoar o texto. Em seguida, decidem sobre o título da crônica.

- Distribua o texto escrito para os alunos. Em duplas ou grupos, eles se colocam no lugar de leitores, analisam e anotam sugestões. Você pode ajudá-los a partir de perguntas como:

  - **O texto está com jeito de crônica? Por quê? Há algo que não está bem? Como poderia melhorar?**
  - **Qual é a voz do texto? Está bem construída? Algo a melhorar?**
  - **Qual é o tom da crônica? Está bem construído? Algo a melhorar?**
  - **A crônica pode interessar outros leitores? Por quê?**
  - **Tem algo sobrando? Falta algo?**

- Compartilhe as opiniões e sugestões de todos, proceda aos ajustes do texto, coordenando a discussão e negociando as alterações, levando em conta a coerência interna do texto e os efeitos de sentido desejados.

- Revise o texto para verificar se atende às convenções da escrita (seleção lexical, concordância nominal e verbal, pontuação, ortografia, etc.). É importante levar em conta a voz e o leitor construídos no texto e compreender que as convenções da escrita podem ser rompidas (por exemplo, o texto pode ter marcas da oralidade, apresentar marcas de variedades linguísticas locais ou próprias do autor) para causar determinados efeitos de sentido no leitor. Aproveite para estudar aspectos linguístico-discursivos a partir das necessidades levantadas pelos alunos, trazendo explicações, exemplos e atividades lúdicas para praticá-los.

- Escreva na lousa os títulos pensados na etapa 3. Discuta com a turma quais títulos são mais interessantes, se há sugestões para aperfeiçoá-los ou se há novas propostas. Discuta as razões para as preferências. Após a discussão, caso não haja unanimidade, você pode propor uma defesa dos títulos preferidos e uma votação para eleger o título da crônica.

oficina 10

A ocasião faz o escritor

Ofício de cronista

objetivos

- Retomar os elementos constitutivos da crônica, com base nas ideias de Ivan Ângelo.
- Escrever, individualmente, a primeira versão de uma crônica.

prepare-se!

Agora os alunos produzirão sozinhos a crônica que será aperfeiçoada na próxima oficina. Mostre a eles que todos são capazes de escrever crônica. Incentive-os a transformar ideias em literatura.

1ª etapa

Refletindo um pouco mais sobre o gênero

Você preparou muito bem a turma para chegar até aqui. Antes da escrita da primeira versão do texto final, vamos aproveitar para trabalhar ainda mais com os contornos – bastante fluidos – do gênero crônica, esse que é um gênero que fica essencialmente ***entre***: entre a literatura e o jornalismo, principalmente, e mais vários ***entres***, como reforçaremos aqui.

O primeiro passo é criar um clima acolhedor e estimulante para a audição de "Sobre a crônica", de Ivan Ângelo. A seguir, peça que os alunos façam uma leitura silenciosa do mesmo texto, para então darem início às atividades a seguir.

Sobre a crônica

Uma leitora se refere aos textos aqui publicados como "reportagens". Um leitor os chama de "artigos". Um estudante fala deles como "contos". Há os que dizem: "seus comentários". Outros os chamam de "críticas". Para alguns, é "sua coluna".

Estão errados? Tecnicamente, sim – são crônicas –, mas... Fernando Sabino, vacilando diante do campo aberto, escreveu que "crônica é tudo o que o autor chama de crônica".

A dificuldade é que a crônica não é um formato, como o soneto, e muitos duvidam que seja um gênero literário, como o conto, a poesia lírica ou as meditações à maneira de Pascal[1].

Leitores, indiferentes ao nome da rosa, dão à crônica prestígio, permanência e força. Mas vem cá: é literatura ou é jornalismo? Se o objetivo do autor é fazer literatura e ele sabe fazer...

Há crônicas que são dissertações, como em Machado de Assis; outras são poemas em prosa, como em Paulo Mendes Campos; outras são pequenos contos, como em Nelson Rodrigues; ou casos, como os de Fernando Sabino; outras são evocações, como em Drummond e Rubem Braga; ou memórias e reflexões, como em tantos. A crônica tem a mobilidade de aparências e de discursos que a poesia tem – e facilidades que a

1. Blaise Pascal (1623-1662), matemático, filósofo e teólogo francês, autor de *Pensamentos*.

melhor poesia não se permite.

Está em toda a imprensa brasileira, de 150 anos para cá. O professor Antonio Candido observa: "Até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e pela originalidade com que aqui se desenvolveu".

Alexandre Eulálio, um sábio, explicou essa origem estrangeira: "É nosso familiar essay[2], possui tradição de primeira ordem, cultivada desde o amanhecer do periodismo nacional pelos maiores poetas e prosistas da época". Veio, pois, de um tipo de texto comum na imprensa inglesa do século XIX, afável, pessoal, sem-cerimônia e, no entanto, pertinente.

Por que deu certo no Brasil? Mistérios do leitor. Talvez por ser a obra curta e o clima, quente.

A crônica é frágil e íntima, uma relação pessoal. Como se fosse escrita para um leitor, como se só com ele o narrador pudesse se expor tanto. Conversam sobre o momento, cúmplices: nós vimos isto, não é, leitor?, vivemos isto, não é?, sentimos isto, não é? O narrador da crônica procura sensibilidades irmãs.

Se é tão antiga e íntima, por que muitos leitores não aprenderam a chamá-la pelo nome? É que ela tem muitas máscaras. Recorro a Eça de Queirós, mestre do estilo antigo. Ela "não tem a voz grossa da política, nem a voz indolente do poeta, nem a voz doutoral do crítico; tem uma pequena voz serena, leve e clara, com que conta aos seus amigos tudo o que andou ouvindo, perguntando, esmiuçando".

A crônica mudou, tudo muda. Como a própria sociedade que ela observa com olhos atentos. Não é preciso comparar grandezas, botar Rubem Braga diante de Machado de Assis. É mais exato apreciá-la desdobrando-se no tempo, como fez Antonio Candido em "A vida ao rés do chão": "Creio que a fórmula moderna, na qual entram um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu quantum satis[3] de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma". Ainda ele: "Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas".

Elementos que não funcionam na crônica: grandiloquência, sectarismo, enrolação, arrogância, prolixidade. Elementos que funcionam: humor, intimidade, lirismo, surpresa, estilo, elegância, solidariedade.

Cronista mesmo não "se acha". As crônicas de Rubem Braga foram vistas pelo sagaz professor Davi Arrigucci como "forma complexa e única de uma relação do Eu com o mundo". Muito bem. Mas Rubem Braga não se achava o tal. Respondeu assim a um jornalista que lhe havia perguntado o que é crônica:

— Se não é aguda, é crônica

2. "Ensaio familiar." Ensaio é um gênero inaugurado por Michel de Montaigne (1533-1592); vem da palavra francesa essayer ("tentar"). Um ensaio é um texto onde se encadeiam argumentos, por meio dos quais o autor defende uma ideia.
3. Em latim, "a quantidade necessária".

atividades

- Pergunte aos alunos se já leram crônicas de Ivan Ângelo em jornais ou revistas.

- Ofereça alguns dados sobre o autor. Para ajudá-lo, confira o quadro "Sobre Ivan Ângelo".

Saiba mais

Sobre Ivan Ângelo
Barbacena (MG), 4/2/1936

É jornalista desde os 20 anos. Seus livros *A festa* (1975) e *Amor?* (1995) receberam o Prêmio Jabuti, concedido pela Câmara Brasileira do Livro. Foi colunista dos jornais *Correio de Minas* e *Diário de Minas*, ambos de Belo Horizonte. Em 1996, estreou como cronista no jornal *O Tempo*, também de Belo Horizonte, e desde 1999 publica crônicas quinzenais na revista Veja São Paulo. Dono de um texto exemplar, ocupa lugar de destaque na crônica atual. Seus livros, *Melhores crônicas* e *Certos homens*, atraem o leitor pelo título, prendem-no desde a primeira frase e só o libertam na última linha.

- Depois de ouvirem "Sobre a crônica", caso a escola disponha de datashow, projete o texto e – junto com os alunos – vá lendo os parágrafos enquanto chama a atenção para os elementos do gênero que ali se expressam, bem como para os recursos linguísticos utilizados pelo autor.

- Peça que cada aluno leia um parágrafo em voz alta. Ao final de cada parágrafo, você poderá fazer os comentários adequados ou as perguntas que induzam os estudantes a analisar a crônica sobre a crônica.

- Vamos navegar um pouco pelos contextos criados pelo texto. Para isso, observe que entre as palavras sublinhadas na crônica de Ivan Ângelo estão os nomes de escritores e críticos literários que ele menciona. Cabe lembrar aos alunos de que todos os nomes citados aqui são de autores. Não é necessário apresentar uma biografia de todos, não. Você pode apenas solicitar que pesquisem na internet quem são esses autores citados e onde atuam (ou atuaram), a fim de poderem juntos compreender por que seus nomes estão no texto de Ângelo e as próprias citações que ele faz.

- Com isso, você vai possibilitando que os alunos percebam que o texto que estão lendo é uma crônica que discute o próprio gênero, ou seja, é uma metacrônica. E que é tratando de si mesma que ela traz depoimentos de outros cronistas e algumas citações de pesquisadores dos estudos literários, como é o caso dos críticos literários e professores Antonio Candido e Davi Arrigucci Jr, os quais se dedicaram a estudar teoricamente as crônicas, pensando-as a partir do universo da literatura e do universo do jornalismo. Mas também aparecem nessa crônica vários escritores. São eles: Machado de Assis, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Eça de Queirós, Rubem Braga, Nelson Rodrigues, que igualmente dedicaram-se à escrita de crônicas. E cada um deles, em seu tempo e à sua maneira, tornaram seus estilos consagrados.

Sugestão

Para trabalhar ainda mais com os alunos o gênero que eles vão produzir e que é o assunto do texto de Ivan Ângelo, a crônica, você pode apresentar-lhes algumas informações que vão ajudar na construção da análise conjunta. Visando ajudá-lo nessa tarefa, apresentamos mais uma seção:

Saiba mais

“Sobre a crônica”

Sim! Existem diferenças entre os textos chamados de reportagens, artigos, colunas, notas, notícias, editoriais e matérias.

Vamos lá. Quando fazemos essas referências, estamos tratando de gêneros de textos no campo jornalístico. Isso mesmo, são gêneros textuais que estão espalhados entre as publicações: nos jornais (nas versões impressas, ou nas versões que estão na internet, como em sites e em blogs, por exemplo); nas revistas (também em versões impressas ou nas versões que estão na internet); e em outros espaços na web.

Como aponta Ivan Ângelo, há uma diferença entre reportagem e crônica. Para começo de conversa, o texto das reportagens é mais longo, pode trazer depoimentos (declarações de uma ou de várias pessoas, que são os entrevistados), e também traz uma dose maior de informações e de dados. Portanto, é um texto que mostra como é a realidade, ou seja, que traz fatos, que são acontecimentos.

Já os contos, poemas, romances, novelas e ensaios são textos de gêneros literários e, como tal, são produções textuais literárias com diferentes características. Os textos literários têm em comum a ficção, por isso, todos esses gêneros fazem uso da invenção, da criatividade do autor.

O conto, por exemplo, que pode ser confundido com a crônica, apresenta mais elementos literários que a crônica como a presença de um enredo mais desenvolvido, com momentos de tensão para o desenvolvimento da ação de um ou mais personagens. O conto também costuma lançar mão de uma linguagem mais literária, no sentido de que as figuras literárias aparecem mais; é mais longo, pois desenvolve mais o assunto (o tema) e as ações dos personagens, dando lugar também a mais espaço para as descrições e a caracterizações dos ambientes (dos espaços). Não se pode deixar de destacar que o conto é um texto que está mais comprometido com a ficção, ou seja, com a criação do autor, em que há uma mistura de imaginação, com anotações e dados do próprio autor,

e bastante criatividade.

Nesta crônica que estamos analisando, essas marcas são igualmente fáceis de serem reconhecidas e encontradas. Veja como o autor conversa com o leitor, como se estivesse num bate-papo, presencial ou virtual. Daí esse clima de intimidade e de proximidade junto ao leitor. Por isso, Ivan ngelo, a exemplo de muitos e muitos cronistas, lança mão de uma linguagem que deixa a comunicação mais facilitada entre o leitor e o texto, ao usar esse tom de informalidade, como se realmente estivesse sentado à nossa frente. O vocabulário (o léxico) de seu texto é repleto de palavras que são fáceis de ser entendidas e, mesmo quando recorre a palavras menos conhecidas, como é o caso de familiar essay, sectarismo, prolixidade, quantum satis, com a ajuda de pesquisa e dos dicionários, como fizemos aqui, o assunto fica bastante claro para quem está lendo o texto. Essa facilidade de se fazer entender é outra das características da crônica.

E para terminar esses breves comentários, não podemos deixar de apontar que o texto é também marcado pela ironia e pelo humor, outros dois elementos que aparecem muito nas crônicas, em particular desse autor. Vamos lá, que tal propor que a turma localize em que momentos esses elementos se deixam aparecer/reconhecer no texto?

Um deles é este:

Por que deu certo no Brasil? Mistérios do leitor. Talvez por ser a obra curta e o clima, quente. O comentário de Ângelo aqui pode nos levar a algumas chaves de leitura:

a) Primeiro a questão do texto curto, sem necessidade de muito tempo para sua leitura e, portanto, de dedicação, o que pode levar ao entendimento de que o público brasileiro se identifica com textos de leitura rápida, textos que não precisam de muitas horas para leitura e compreensão; de que o público brasileiro não gosta de ler textos longos.

b) Em segundo lugar, o aspecto do clima quente, que faz com que o brasileiro acorde cedo para trabalhar ou para começar o dia, e não permite que, por trabalhar, por enfrentar o calor, o brasileiro fique muito tempo parado em uma leitura. Como somos um país com uma das maiores costas atlânticas do mundo, não teríamos tanto tempo para gastar com a leitura de textos, porque teoricamente vamos para a praia, mas mesmo na praia poderíamos nos dedicar a um texto curto e rápido como essa crônica, não é mesmo?

Outro trecho:

Mas Rubem Braga não se achava o tal. Aqui se justifica que o escritor, um dos autores mais consagrados nesse gênero literário, a crônica, tinha essa forma de se posicionar diante da imprensa e, também, do mundo. Não era um escritor elitista, que se achava um sujeito dono de conhecimentos mais elevados em relação ao universo do público. É com bom humor que Ângelo traz essa questão – que não é comum a todos os escritores, mas é bem mais comum a todos os cronistas –, sem grandes discussões. E aqui se pode entender que, ao defender o autor Rubem Braga, Ângelo igualmente está se defendendo.

Passamos para o ponto comum de dúvidas. Mas afinal, a crônica é literatura ou é jornalismo? No trecho abaixo, Ivan Ângelo trata de responder (e esclarecer) tal questionamento:

"Mas há um caso em que escrever para jornal prejudica o escritor. É o caso do cronista, daquele que tem de usar a sua capacidade de tecer enredos e ficções, de criar personagens e de recriar a sociedade, colocando-a a serviço de uma produção cotidiana, fugaz, fácil de ser compreendida pelo grande público leitor de jornais, tangenciando os problemas mais profundos. Sim, o jornalista é um escritor, mas não é um criador".

Fonte: COSTA, Cristiane H. <www.penadealuguel.com.br>, 27 de julho de 2006.

2ª etapa

Escrevendo a crônica

Essa é a hora de relembrar a situação de comunicação: cada um dos alunos é um autor que vai escrever sobre situações do lugar onde vivem para colegas, educadores, pais e familiares.

atividades

- Reserve um tempo para a turma planejar a crônica antes de escrevê-la.
- Valorize as aprendizagens conquistadas e tranquilize a classe: cada aluno trabalhou bastante para esse momento e pode sentir-se confiante para escrever a crônica. O incentivo do professor, como sempre, é decisivo.
- Agora, só resta desejar boa escrita a todos!

Lembrete

O mais importante é que todas as crônicas produzidas nesta oficina – depois de revisadas e aprimoradas – sejam publicadas, no site ou no blog da escola, no jornal da cidade ou do bairro, ou reunidas num livro que ficará na biblioteca da escola para apreciação de todos.

oficina 11

145
A ocasião faz o escritor

Assim fica melhor

objetivos

- Fazer o aprimoramento e a reescrita do texto.

prepare-se!

Para o aprimoramento coletivo, você vai utilizar uma das crônicas escritas na oficina anterior para ser reescrita nesta oficina. Para tanto vai precisar da autorização do aluno (autor) que a escreveu para que o seu trabalho seja analisado. E, na reescrita individual, sempre que possível, prepare orientações particularizadas, que ajudem os alunos a aperfeiçoar seu próprio texto.

1ª etapa

Aprimoramento coletivo

Como vimos na Oficina 9, quando você ajudou o grupo a aperfeiçoar a crônica escrita coletivamente, o aprimoramento e reescrita do texto é primordial, mas um pouco trabalhoso.

Antes de propor a cada aluno que reveja e refine o texto dele, individualmente, convém repetir o trabalho realizado na Oficina 9 e apurar um texto coletivamente, reescrevendo-o. A diferença é que na Oficina 9 todos estavam aperfeiçoando uma crônica escrita pelo grupo. Dessa vez, o processo se repete, mas com a crônica de um dos colegas, que foi consultado anteriormente e permitiu que o texto dele fosse usado para o enriquecimento de todos.

Para exemplo, foi escolhido o texto da aluna Mariana.

Atenção!

Essa atividade, em que o texto de um aluno é analisado e aperfeiçoado por todos, exige o consentimento dele para tal e pressupõe um grupo onde exista respeito mútuo e cooperação. Caso nenhum de seus alunos autorize o aprimoramento do texto coletivamente, utilize o exemplo deste Caderno.

Texto final da aluna

Samba no pé

A Bela Vista estava em festa. A alegria contagiava todo o povo do bairro. A escola de samba Vai-Vai foi campeã do carnaval paulista. Pela 13a vez nossa escola foi vitoriosa.

Meu coração quase saiu pela boca de tanta emoção, mas meus pés continuavam sambando. Faz cinco anos que desfilo na ala das crianças, mas ano que vem serei promovida para a ala Show. Não vejo a hora!

O toque da bateria convidou a comunidade a entrar na folia. Ninguém resistiu! Marcelinho estava todo suado, pingando. O bumbo não parava de fazer bum-bum-bum! Meu coração bateu no mesmo ritmo. Marcelinho nem olhava para mim, só enxergava as meninas da ala Show.

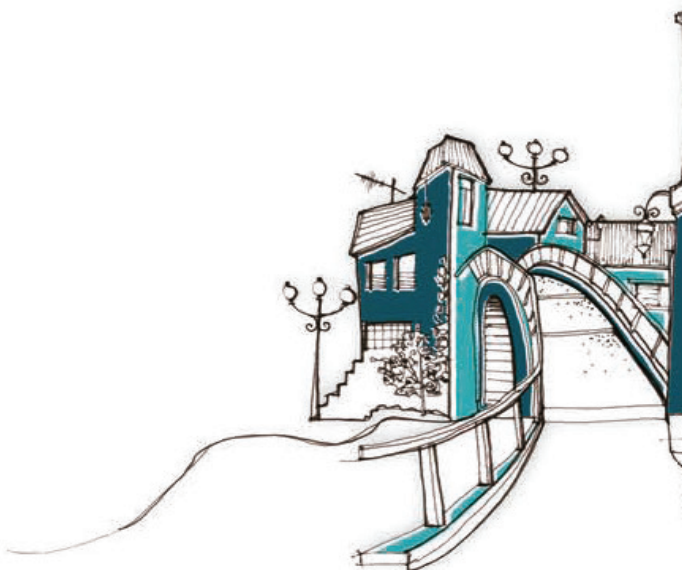
O bum-bum-bum não parava, contagiava a todos. Nossa bateria é nota mil, todo ano ela é muito aplaudida. Mas meu coração já não batia do mesmo jeito, por causa do olhar do Marcelinho para a ala Show. Mas meus pés continuaram sambando e a minha cabeça pensando: Ano que vem será diferente, me aguarde!

atividades

Prepare as perguntas com antecedência. Note que o título é o último tópico a ser mexido.

- **Como podemos reescrever esse texto para que as frases não sejam tão explicativas, mas sugiram a emoção da autora, despertando a imaginação, envolvendo o leitor?**
- **Como é a Bela Vista? É preciso ampliar um pouco as referências locais.**
- **Há passagens que se repetem e podem ser modificadas, ou as repetições são necessárias?**
- **Alguns trechos podem ser reagrupados?**
- **As onomatopeias são precisas, adequadas? Poderíamos fazer uso do samba-enredo da escola?**
- **O título mostra que o texto falará sobre uma escola de samba, ou sobre o carnaval, mas instiga a imaginação do leitor? Faz referência ao episódio central da crônica?**

Observação: Adapte as questões aqui sugeridas para o texto que será aperfeiçoado pelo grupo. Depois de cada pergunta, espere os alunos se manifestarem. Ouça as contribuições e só então as materialize, escrevendo a nova versão do texto.



Texto aprimorado coletivamente

A levada do meu samba vai te enlouquecer

Ao lado de uma das principais avenidas de São Paulo, conhecido por seus cortiços, teatros e cantinas, encontra-se o famoso bairro da Bela Vista. Assim que chega fevereiro nada disso importa, todo mundo é Vai-Vai. Por onde se passa o som é um só: "Desperta gigante, é novo amanhecer. A levada do meu samba, vai te enlouquecer...".

Neste ano, pela 13a - vez nossa escola foi vitoriosa. O esquidum, dum, dum marcava o ritmo de milhares de pés. A bateria convidava a comunidade a cair na folia.

Pela última vez eu desfilava na ala das crianças, mal posso esperar minha passagem à ala Show!!! Farei 13 anos e já sou uma sambista de verdade! Olhe só, minha mãe desfila na bateria há mais de vinte anos, não poderia ser diferente... "Esbanja talentos musicais, herança de gênios imortais".

Puxando o samba, pingando suor, Marcelinho só tinha olhos para as colombinas da ala Show. Esquidummm, dum... Meu coração derretia de ciúmes, o compasso da bateria foi esmorecendo dentro de mim. Continuei sambando, era dia de festa e meus pés não conseguiam parar! Vi minha prima dançando, vestida de colombina. E me lembrei de que sou poucos meses mais nova, mas sambo muito melhor! Ano que vem será diferente. Marcelinho, me aguarde!

- Essa é uma sugestão, mas há outras formas de fazer a reescrita coletiva. Depois da análise de todos os textos, escolha alguns trechos que precisam ser revisados e reescritos e fragmentos de várias produções que apresentam o mesmo tipo de problema e faça atividades de reflexão sobre a língua portuguesa com eles. Você, por certo, vai encontrar sua própria forma de realizar essa etapa.

- É preciso ver o texto do aluno como um instrumento para ele comunicar o que quer, e não como um espaço em que se procuram erros, lacunas, falhas. Se entenderem que a escrita é um processo, cheio de "vai e vem", em que reformulamos também ideias e pensamentos, além de fazer correções gramaticais e ortográficas, fica muito mais fácil. Essa é uma importante tarefa da escola!

2ª etapa

Reescrita individual

É a hora de cada aluno e aluna se voltarem para o próprio texto.

atividades

- Proponha a eles que leiam, olhem novamente para a crônica que escreveram, agora com olhar crítico. O roteiro da próxima página poderá orientá-los na revisão e no aprimoramento.

- Peça aos alunos que usem marcador de texto ou lápis de outra cor para assinalar tudo o que pretendem modificar.

- Fique atento, pois alguns alunos vão precisar de atenção especial para o aprimoramento do texto. Nesse caso, sente-se ao lado dele e faça algumas perguntas, leia o texto em voz alta para que ele perceba o que não ficou claro, onde estão os problemas.

- Também, sempre que possível, prepare um bilhete com observações individualizadas, que orientem os alunos a rever e aperfeiçoar o texto. Encoraje os alunos a superar mais esse desafio.

Roteiro para a revisão da crônica

- O cenário da crônica reflete o lugar onde você vive?
- Ela cumpre o objetivo a que se propõe: emocionar, divertir, provocar reflexão, enredar o leitor?
- E o episódio escolhido, como é tratado pelo autor? Há um modo peculiar de dizer?
- Organiza a narrativa em primeira ou terceira pessoa?
- As marcas de tempo e lugar que revelam fatos cotidianos estão presentes?
- Que tom o autor usa ao escrever: irônico, humorístico, lírico, crítico?
- Utiliza uma linguagem simples, espontânea, quase uma conversa informal com o leitor?
- O enredo da crônica está bem desenvolvido, coerente? Há uma unidade de ação?
- No desenrolar do texto, as características da narrativa (personagem, cenário, tempo, elemento surpresa ou conflito e desfecho) estão presentes?
- Faz uso de verbos de dizer?
- Os diálogos das personagens são pontuados corretamente?
- Há alguma palavra que não está escrita corretamente, frases incompletas, erros gramaticais, ortográficos? E a pontuação está correta?
- O título mobiliza o leitor para leitura?

3ª etapa

Exposição ao público

Depois de intenso trabalho é importante fazer uma avaliação do percurso realizado junto com os alunos e celebrar com eles os avanços conquistados.

Enalteça os textos produzidos e discuta a forma de publicação e apresentação à comunidade escolar.

Agora, é pensar como será o lançamento e a divulgação do evento. Ouça e anote todas as ideias dos jovens autores. Depois, junto com eles, faça um plano de ação para realizar o evento de lançamento. Bom trabalho!

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de; et al. *Elenco de cronistas modernos*. 21ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. "Fragmentos sobre crônica", in: *Enigma e comentários*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. 37. ed. rev. e ampl. São Paulo: Lucerna: 2001.

CALKINS, Lucy McCormick. A arte de ensinar a escrever: o desenvolvimento do discurso escrito. Trad. Daise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

CANDIDO, Antonio. "A vida ao rés do chão", in: *Para gostar de ler – Crônicas 5*. São Paulo: Ática, 1981.

CEGALLA, D. P. Novíssima gramática da língua portuguesa. 48.ed. revisada. São Paulo: Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

—. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp/Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.

CONY, Carlos Heitor. *Crônicas para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

DOLZ, Joaquim; e OLLAGNIER, Edmée (orgs.). *O enigma da competência em educação*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

DOLZ, Joaquim; e PASQUIER, Auguste. "Um decálogo para enseñar a escribir", in: *Cultura y Educación*, 1996.

DOLZ, Joaquim; e SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004,

FREIRE, Madalena. *Observação, registro e reflexão*. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

GOLDBERG, Natalie. Escrevendo com a alma - liberte o escritor que há em você. Trad. Camila Lopes Campolino. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

GUIMARÃES, Florianete e Margaret Guimarães. A Gramática Lê O Texto, São Paulo: Editora Moderna, 1997.

MACHADO, Anna Rachel e colabs.; ABREU-TARDELLI, Lília Santos e CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes (orgs.). *Linguagem e educação – O ensino e a aprendizagem de gêneros textuais*. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

MARCUSCHI, Luiz A. *Linguística do texto: o que é, como se faz*. Recife: UFPE, 1983.

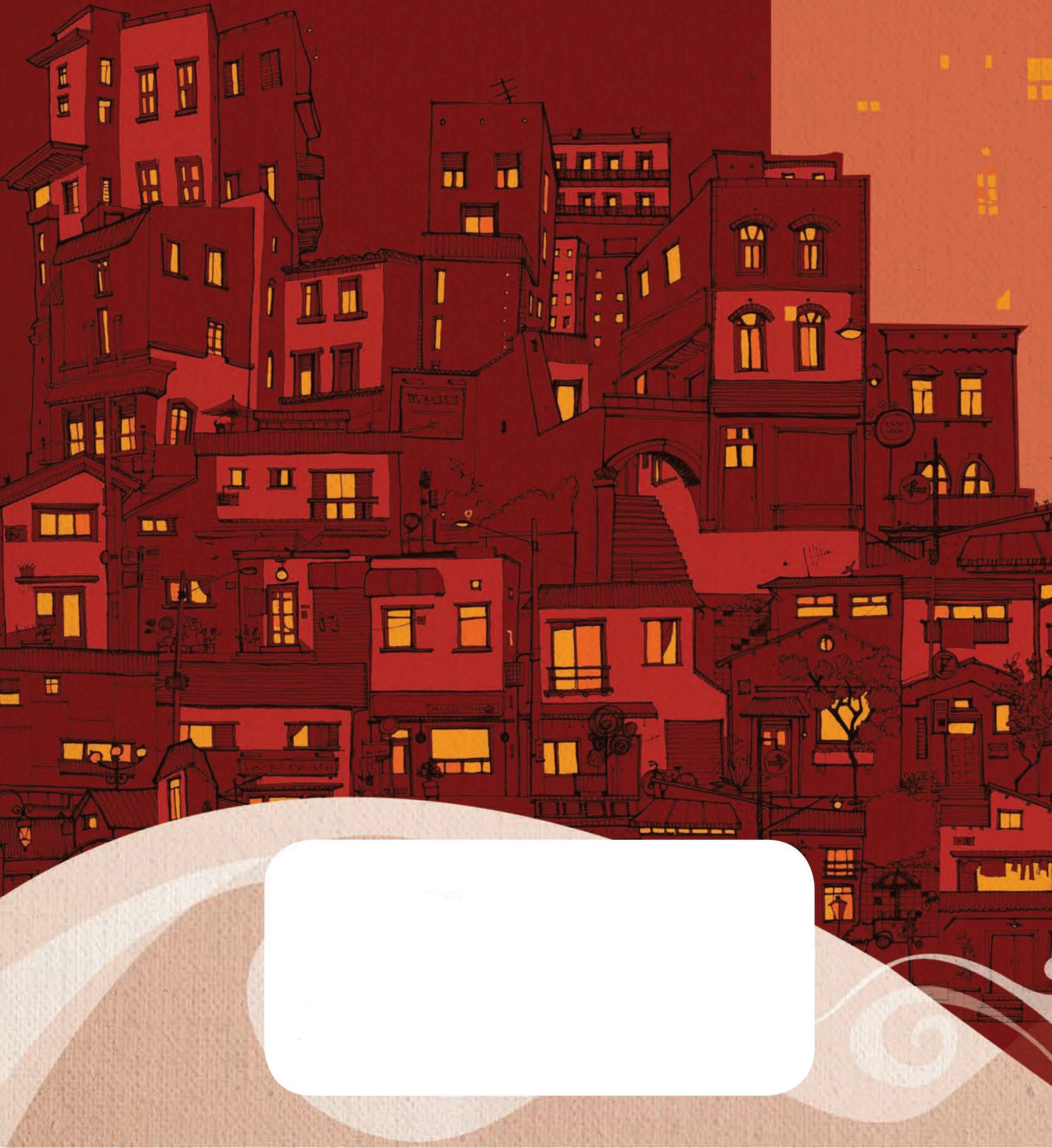
NASCIMENTO, E. L. (org.). Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino. São Carlos: Claraluz, 2009.

NOGUEIRA, Armando. *Os melhores da crônica brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

SÁ, Jorge de A. Crônica. São Paulo: Ática, 1985. Coleção Princípios.

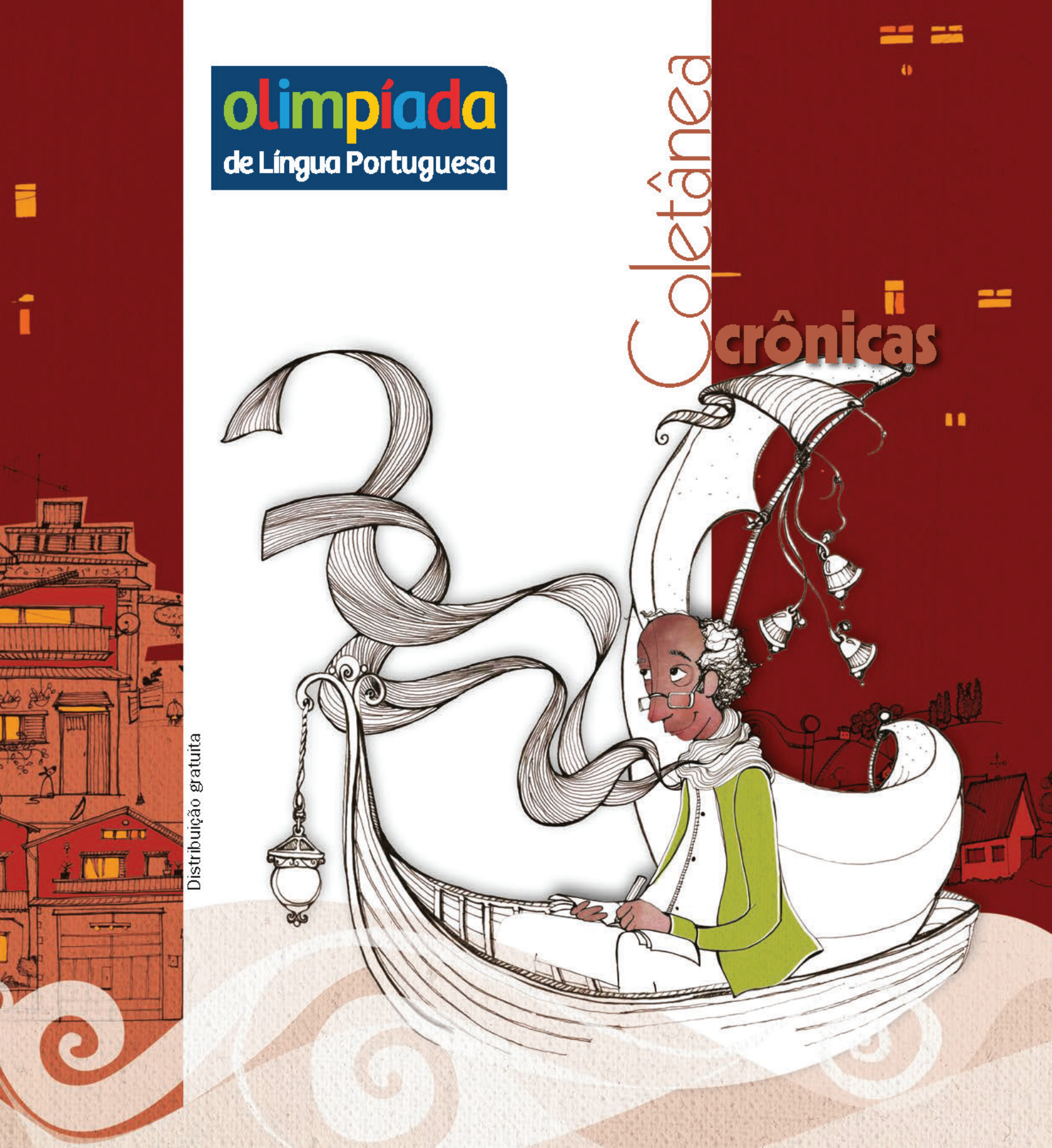
VERISSIMO, Luis Fernando. *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.



olimpíada
de Língua Portuguesa

Coletânea
crônicas



Distribuição gratuita

coletânea crônicas

3 *Sobre a crônica*
Ivan Angelo

5 *O papa vai ao banheiro?*
Tiago Germano

6 *Catadores de tralhas e sonhos*
Milton Hatoum

7 *Conduções*
Lilia Guerra

9 *Regra para uso dos bondes*
Machado de Assis

10 *Face a face*
Mário Viana

11 *Alegrias*
José Falero

13 *Expedição à padaria*
Vanessa Barbara

15 *Ser brotinho*
Paulo Mendes Campos

17 *O novo normal*
Antonio Prata

19
As locutoras da quarentena
Vanessa Barbara

21
Um caso de burro
Tiago Germano

23
Cobrança
Moacyr Scliar

24
Tatuagens para todos
Carol Bensimon

25
O cajueiro
Rubem Braga

26
A bola
Luis Fernando Verissimo

27
São Paulo: as pessoas de tantos lugares
Milton Hatoum

28
História de pescador
Gean Fabrício de Araújo Motta - Aluno semifinalista

29
A oriental de Natal
Emily beatriz Vieira Assis - aluna semifinalista

30
O novo normal
Antonio Prata

Sobre a crônica

Ivan Ângelo

Uma leitora se refere aos textos aqui publicados como "reportagens". Um leitor os chama de "artigos". Um estudante fala deles como "contos". Há os que dizem: "seus comentários". Outros os chamam de "críticas". Para alguns, é "sua coluna".

Estão errados? Tecnicamente, sim – são crônicas –, mas… Fernando Sabino, vacilando diante do campo aberto, escreveu que "crônica é tudo o que o autor chama de crônica".

A dificuldade é que a crônica não é um formato, como o soneto, e muitos duvidam que seja um gênero literário, como o conto, a poesia lírica ou as meditações à maneira de Pascal . Leitores, indiferentes ao nome da rosa, dão à crônica prestígio, permanência e força. Mas vem cá: é literatura ou é jornalismo? Se o objetivo do autor é fazer literatura e ele sabe fazer…

Há crônicas que são dissertações, como em Machado de Assis; outras são poemas em prosa, como em Paulo Mendes Campos; outras são pequenos contos, como em Nelson Rodrigues; ou casos, como os de Fernando Sabino; outras são evocações, como em Drummond e Rubem Braga; ou memórias e reflexões, como em tantos. A crônica tem a mobilidade de aparências e de discursos que a poesia tem – e facilidades que a melhor poesia não se permite.

Está em toda a imprensa brasileira, de 150 anos para cá. O professor Antonio Candido observa: "Até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e pela originalidade com que aqui se desenvolveu".

Alexandre Eulálio, um sábio, explicou essa origem estrangeira: "É nosso familiar essay , possui tradição de primeira ordem, cultivada desde o amanhecer do periodismo nacional pelos maiores poetas e prosistas da época". Veio, pois, de um tipo de texto comum na imprensa inglesa do século XIX, afável, pessoal, sem-cerimônia e, no entanto, pertinente.

Por que deu certo no Brasil? Mistérios do leitor. Talvez por ser a obra curta e o clima, quente.

A crônica é frágil e íntima, uma relação pessoal. Como se fosse escrita para um leitor, como se só com ele o narrador pudesse se expor tanto. Conversam sobre o momento, cúmplices: nós vimos isto, não é, leitor?, vivemos isto, não é?, sentimos isto, não é? O narrador da crônica procura sensibilidades irmãs.

Se é tão antiga e íntima, por que muitos leitores não

aprenderam a chamá-la pelo nome? É que ela tem muitas máscaras. Recorro a Eça de Queirós, mestre do estilo antigo. Ela "não tem a voz grossa da política, nem a voz indolente do poeta, nem a voz doutoral do crítico; tem uma pequena voz serena, leve e clara, com que conta aos seus amigos tudo o que andou ouvindo, perguntando, esmiuçando".

A crônica mudou, tudo muda. Como a própria sociedade que ela observa com olhos atentos. Não é preciso comparar grandezas, botar Rubem Braga diante de Machado de Assis. É mais exato apreciá-la desdobrando-se no tempo, como fez Antonio Candido em "A vida ao rés do chão": "Creio que a fórmula moderna, na qual entram um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu quantum satis de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma". Ainda ele: "Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas".

Elementos que não funcionam na crônica: grandiloquência, sectarismo, enrolação, arrogância, prolixidade. Elementos que funcionam: humor, intimidade, lirismo, surpresa, estilo, elegância, solidariedade. Cronista mesmo não "se acha". As crônicas de Rubem Braga foram vistas pelo sagaz professor Davi Arrigucci como "forma complexa e única de uma relação do Eu com o mundo". Muito bem. Mas Rubem Braga não se achava o tal. Respondeu assim a um jornalista que lhe havia perguntado o que é crônica:

— Se não é aguda, é crônica.

[1]Blaise Pascal (1623-1662), matemático, filósofo e teólogo francês, autor de Pensamentos.

[2]"Ensaio familiar." Ensaio é um gênero inaugurado por Michel de Montaigne (1533-1592); vem da palavra francesa essayer ("tentar"). Um ensaio é um texto onde se encadeiam argumentos, por meio dos quais o autor defende uma ideia.

[3]Em latim, "a quantidade necessária".

Ivan ngelo. *Veja São Paulo*, 25/4/2007.

O papa vai ao banheiro?

Tiago Germano

No terceiro mês do catecismo, o padre nos deu a chance esperada: depois de doze semanas de aulas e de leituras bíblicas, tão pouco frequentadas quanto pouco entendidas, podíamos perguntar o que quiséssemos.

Fui o primeiro a erguer o braço. O padre, encanecido, pediu que eu me levantasse. Com a coragem que hoje, nos eventos de que participo, procuro, mas não acho, arranquei do fundo da alma a dúvida atordoante: "Padre, o Papa vai ao banheiro?"

A morte de João Paulo II, em meio à comoção mundial gerada pelo seu funeral, em 2005, me trouxe de volta essa lembrança distante. Junto com ela, o medo que eu sentia na infância daquele homem, do quadro que minha avó conservava pendurado ao lado da imagem de Jesus.

Eu não sabia a diferença entre Jesus e Deus. Minha avó tentou me explicar que Jesus não era Deus, mas que também podia ser. Que foi humano por 33 anos, mas que depois que morreu virou uma pomba. Nesse dia, descobri que o Papa tinha um papamóvel (o que fazia dele quase um herói de história em quadrinho) e que, se o Papa comia, ele também tinha que ir obrigatoriamente ao banheiro. A minha avó só não conseguiu me esclarecer por que João Paulo II lia os discursos tão devagar, como se não tivesse passado da alfabetização, ele que, segundo ela, era um dos homens mais inteligentes do mundo, sabia todas as línguas faladas por todos os povos. Na verdade, continuei com um medo brutal do Papa. Todos choravam quando se aproximavam dele.

Nunca imaginei, por exemplo, o Papa jovem, até que vi uma foto dele um pouco mais novo do que eu era naquela época. Careca, como sempre. Branco, como sempre. Mas humano, sem a aura de santidade que tanto me assombrava. Décadas depois, quando o vi ali, morto, estendido aos olhos da multidão, compreendi que a humanidade do Papa estava muito além das minhas cogitações infantis.

Ainda hoje me pego imaginando o Papa no banheiro, as vestes santas despidas do corpo enorme, e rio o riso proibido do catecismo. A última imagem que guardarei do Papa João Paulo II, o único e verdadeiro Papa da minha geração, é a de sua dor, que o igualou a cada ser humano neste planeta. Uma dor como a de Jesus, que era humano mas que também era Deus. E que talvez também fosse ao banheiro, mas só de vez em quando.

Demônios domésticos. [S. l.]: *Le Chien*, 2017.

Catadores de tralhas e sonhos

Milton Hatoum

São centenas, talvez milhares os catadores de papel nessa megalópole. Puxam ou empurram carroças e catam objetos no lixo ou nas calçadas. É um museu de tralhas variadas: restos de materiais para construção, papel, caixas de papelão, embalagens de inúmeros produtos, e até mesmo objetos decorativos, alguns belos e antigos, desprezados por algum herdeiro.

Há carroças exóticas, pintadas com desenhos de figuras pop, seres mitológicos, nuvens, pássaros e vampiros. Em Santana, vi uma carroça que lembrava um jinriquixá, só que maior do que o veículo asiático.

Era puxada por um velho e transportava uma avó e seu netinho, sentados em pilhas de papel. Perguntei ao carroceiro quanto ele cobrava pelo transporte de passageiros.

"Depende… Pra perto daqui, cinco reais. Pra fora do bairro, cobro 15 ou 12, depende do passageiro e do dia. Não gasto gasolina, nem nada, é só força mesmo, amigo."

E haja força, leitor. Mas esse meio de transporte é raro na metrópole. Quase todas as carroças só carregam quinquilharias, uma e outra exibem aforismos, poemas, ditados. Vi carroças líricas, políticas, filosóficas, cômicas, moralistas, anarquistas. Numa delas se lia:

"A verdade é uma desordem… Alguém tem dúvida?".

Noutra, pintada de verde e amarelo: "Aqui só carrego bagunça, mas sou homem de paz". A que mais me chamou atenção foi uma carroça linda, com uma pintura geométrica que lembra um quadro de Mondrian. Na lateral, estava escrito:

"Carrego todo tipo de tralha, e carrego um sonho dentro de mim".

Era uma carroça mineira, pois ostentava uma bandeira de Minas. Conversei um pouco com esse carroceiro de São João del-Rei. Acho que perdeu a desconfiança nas ruas paulistanas, pois não se esquivou de mim, e ainda me mostrou uma luminária de aço, fabricada em Manchester (1946). Esse objeto havia sido abandonado numa caixa de papelão e recolhido pelo caprichoso carroceiro de Minas.

Especulei a origem da luminária e me indaguei: quantas páginas esse belo objeto tinha iluminado em noites do pós-guerra?

Depois o carroceiro abriu uma caixa e me mostrou livros velhos, em língua alemã.Disse que tinha encontrado tudo numa mesma calçada do Jardim Europa, e agora ia vender os livros para um sebo. Ele me olhou e acrescentou:

"Ando solto, não gosto de ser botado preso dentro de curral. A gente encontra cada coisa por aí… Só não encontra o que a gente sonha".

Comprei a luminária desse filósofo ambulante, mas não me interessei pelos livros, que talvez sejam relidos por algum germanófilo de São Paulo.

Sei que não é fácil encontrar um sonho nas ruas; mas encontrei carroceiros simpáticos e um assunto para escrever esta crônica

Caderno 2 do Jornal *O Estado de São Paulo*, em 27 de março de 2015

Conduções

Lilia Guerra

Pernas

Ando sem vontade de passar perfume e penteando o cabelo de qualquer jeito. Encostei o quarteto de sombras Aurora Boreal que comprei no catálogo e guardei minha boneca porta-brincos no fundo do armário. A bonequinha que tem um espaço na barriga e que batizei de Bertoleza. Sinto que não sou eu mesma sem perfume e sem brincos. Então, não sei quem está guiando meu corpo pela rua.

Os fones me garantem alguma intimidade. Quem passa por mim, não sabe o que estou ouvindo.

Ele é filho de Zambi
Ô, São Benedito, tenha dó

Coisa que me aborrece é tropeçar em monturos de lixo. São muitos os que encontro a caminho do ponto. Pela manhã, creio ser ainda mais indigesto. A carcaça de uma poltrona repousa na esquina da Nascer. Apresenta cicatrizes de queimadura. Ontem, quando passei voltando do trabalho, um povo cirandava em volta dela. Em noites frias costumam atear fogo em qualquer traste. Em noites quentes também. Se divertem assistindo ao balé das labaredas. O tempo é quem se encarrega de destruir os restos incendiados que ninguém recolhe. Há muitas carcaças se decompondo. Mobílias do cenário de outros balés. O processo é lento. Chuvas e sóis pra desgastar o material, até que se deteriore e desapareça. Ninguém nota.

As ruas daqui são pobretonas. Desvalidas. Tenho a sensação de que, todos os dias, enfeiam um pouco mais. Não bastassem os cabos embaraçados nos postes, um emaranhado de condutores atracados com restos de rabiola, agora, alguns fios ficam pendurados, tocando o chão. Outro dia, ouvi a senhora que vende tapioca na feira comentando com os vizinhos de barraca que os vagabundos arrancam os fios e desencapam pra vender o cobre. Zumbis fazem mesmo correrias desse tipo. Na fissura, vendem até o liquidificador da mãe. Quem recepta, quase sempre, banca o desentendido. Faz de conta que acredita que o liquidificador pertence mesmo a quem está se desfazendo dele a troco de bagatela. Assim como o ferro elétrico, da semana anterior. A frigideira. O motor da máquina de lavar, o relógio de parede. O doente aplica que tá vendendo baratinho, precisando do dinheiro pra pagar condução. Entrevista de emprego. O cidadão solidário se convence de que o motivo é nobre. Nem tinha interesse na peça, mas se dispõe a fazer caridade. Torcendo pra que, da próxima vez, o fissurado descole uma televisão. Quem sabe, até uma geladeira em bom estado. Nem sempre é preciso aplicar. Tem gente que se aproveita da situação sem pudor. Há quem desvie material hospitalar. Quem desencaminhe caminhão de merenda. Há até quem saqueie creches e escolas. E quem recepte objetos oferecidos nessas circunstâncias.

— Vagabundo também é o infeliz que compra o cobre, ciente de que é produto de roubo, minha tia!

O menino da banca de temperos respondeu assim.

A dona da barraca de verduras concordou:

— As companhias de fornecimento cobram o prejuízo da reposição dos fios nas tarifas. A gente acaba pagando o pato. Mas, se não tivesse quem comprasse, eles não tinham esse trabalho todo, não. Ladrão também é quem paga pelo material. Quem adquire peça de carro desmontado, sabendo que um coitado ficou ainda com o carnê da grossura de uma bíblia pra quitar. Isso quando não desligam a pessoa. Quando não finalizam o sujeito a troco de um monte de lata. Quase tiraram a vida do meu genro por causa de um carro.

Viajei no assunto, enquanto escolhia tomates. Enxerguei uma oficina escura. Os receptadores avaliando os produtos. Um barbudo careca gesticulando, alegando que as seguradoras cobrem os transtornos causados às vítimas. O barbudo falava alto dentro da minha cabeça: "se não podem pagar seguro, que não se metam a ter carro! As coisas precisam funcionar redondinho. Cada um que se vire. Quem não tem competência, nem condição, não se estabelece". A conversa, regada a aperitivos, entre uma piada preconceituosa e uma expressão fascista corria solta. Acontece sempre assim comigo. Começo a analisar uma coisa e desembesto desvairada, num divagar sem fim. Acho que é isso o que está me deixando tão cansada. Já não tenho mais vinte anos. Nem trinta. Essas divagações me esgotam. Tento passar indiferente por essas pessoas jogadas nos colchões úmidos pelos líquidos da madrugada. Amontoadas nessa morte temporária causada pelo efeito do entorpecente. Desfrutando o sono reconfortante, resultado da garrafa de pinga entornada pra aquecer. Esquecer. Eu não queria reparar que a pele lisa desses pés inchados vai estourar em feridas logo, logo. As feridas que já nasceram estão infectadas. Eu queria me ater às palavras que meus fones reproduzem.

Deixe-me ir
Preciso andar

Empreendo passar pela moça que dorme embrulhada na colcha esfarrapada sem imaginá-la de banho tomado, cabelo penteado e dentes escovados, vestida num jeans de promoção. Carregando uma bolsa comprada na baciada, contendo um guarda-chuva, uma garrafa com água congelada, carteira, batom, marmita e um bilhete único. Apenas passar por essa moça que dorme com o corpo exposto, freio de baba maquiando o rosto, dominada pela droga, sem nxerga-la na minha mente folheando um catálogo em seu horário de almoço. A marmita vazia e o cigarro queimando, junto ao copo de café. Solzinho visitando o uniforme. Dez minutos faltando ainda pra tocar o sinal de retorno à sessão. A caneta desenhando seu nome sobre a foto do frasco de perfume que a revendedora topou parcelar em duas vezes. Dia cinco e dia vinte. É tão gostoso comprar por catálogo. Rabiscar as folhas e ficar esperando com ansiedade a chegada dos produtos. Sentir o cheiro, conferir a cor. Na minha fantasia, a moça que dorme no chão, sonhando sabe-se lá com quê, vai ao supermercado na saída do trabalho. Escolhe umas maçãs. Põe um litro de leite no cestinho, duas latinhas. Ovos, uma esponja nova para a pia. Um quilo de filé de frango da promoção para presentear a mãe, que ela pretende visitar no dia seguinte. Um sábado. A moça paga as compras com seu vale-alimentação e sai carregando a sacola. O segurança a cumprimenta com um olhar travesso. Ela sorri, concluindo que o quarteto de sombras Aurora Boreal a torna, de fato, irresistível. Encaixa os fones de ouvido e se requebra involuntariamente.

Os bóias-frias
Quando tomam umas biritas
Espantando a tristeza
Sonham com bife-a-cavalo, batata-frita
E a sobremesa
É goiabada cascão com muito queijo
Depois café, cigarro e um beijo
De uma mulata chamada
Leonor ou Dagmar

Fonte: https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/cronica/conducoes/

Regra para uso dos bondes

Machado de Assis

Ocorreu-me compor umas certas regras para uso dos que frequentam bondes. O desenvolvimento que tem tido entre nós esse meio de locomoção, essencialmente democrático, exige que ele não seja deixado ao puro capricho dos passageiros. Não posso dar aqui mais do que alguns extratos do meu trabalho; basta saber que tem nada menos de setenta artigos. Vão apenas dez. ART. I – Dos encatarroados Os encatarroados podem entrar nos bondes com a condição de não tossirem mais de três vezes dentro de uma hora, e no caso de pigarro, quatro. Quando a tosse for tão teimosa, que não permita esta limitação, os encatarroados têm dois alvitres: – ou irem a pé, que é bom exercício, ou meterem-se na cama. Também podem ir tossir para o diabo que os carregue. Os encatarroados que estiverem nas extremidades dos bancos, devem escarrar para o lado da rua, em vez de o fazerem no próprio bonde, salvo caso de aposta, preceito religioso ou maçônico, vocação, etc., etc.

ART. II – Da posição das pernas As pernas devem trazer-se de modo que não constranjam os passageiros do mesmo banco. Não se proíbem formalmente as pernas abertas, mas com a condição de pagar os outros lugares, e fazê-los ocupar por meninas pobres ou viúvas desvalidas, mediante uma pequena gratificação.

ART. III – Da leitura dos jornais Cada vez que um passageiro abrir a folha que estiver lendo, terá o cuidado de não roçar as ventas dos vizinhos, nem levar-lhes os chapéus. Também não é bonito encostá-los no passageiro da frente.

ART. IV – Dos quebra-queixos É permitido o uso dos quebra-queixos em duas circunstâncias: – a primeira quando não for ninguém no bonde, e a segunda ao descer. ART. V – Dos amoladores Toda a pessoa que sentir necessidade de contar os seus negócios íntimos, sem interesse para ninguém, deve primeiro indagar do passageiro escolhido para uma tal confidência, se ele é assaz cristão e resignado. No caso afirmativo, perguntar-lhe-á se prefere a narração ou uma descarga de pontapés. Sendo provável que ele prefira os pontapés, a pessoa deve imediatamente enxergá-los. No caso, aliás extraordinário e quase absurdo, de que o passageiro prefira a narração, o proponente deve fazê-lo minuciosamente, carregando muito nas circunstâncias mais triviais, repetindo os ditos, pisando e repisando as coisas, de modo que o paciente jure aos seus deuses não cair em outra.

ART. VI – Dos perdigotos Reserva-se o banco da frente para a emissão dos perdigotos, salvo nas ocasiões em que a chuva obriga a mudar a posição do banco. Também podem emitir-se na plataforma de trás, indo o passageiro ao pé do condutor, e a cara para a rua.

ART. VII – Das conversas Quando duas pessoas, sentadas a distância, quiserem dizer alguma coisa em voz alta, terão cuidado de não gastar mais de quinze ou vinte palavras, e, em todo caso, sem alusões maliciosas, principalmente se houver senhoras.

ART. VIII – Das pessoas com morrinha As pessoas que tiverem morrinha podem participar dos bondes indiretamente: ficando na calçada, e vendo-os passar de um lado para outro. Será melhor que morem em rua por onde eles passem, porque então podem vê-los mesmo da janela.

ART. IX – Da passagem às senhoras Quando alguma senhora entrar, o passageiro da ponta deve levantar-se e dar passagem, não só porque é incômodo para ele ficar sentado, apertando as pernas, como porque é uma grande má-criação.

ART. X – Do pagamento Quando o passageiro estiver ao pé de um conhecido, e, ao vir o condutor receber as passagens, notar que o conhecido procura o dinheiro com certa vagareza ou dificuldade, deve imediatamente pagar por ele: é evidente que, se ele quisesse pagar, teria tirado o dinheiro mais depressa.

Publicado originalmente na *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 04/07/1883.

Face a face

Mario Viana

Telefonar voltou à moda. Depois de uma temporada intensa de e-mails, posts, voice-mails, memes e emojis, a quarentena nos fez redescobrir o prazer de ver os amigos – nem que seja pelo distanciamento social da chamada de vídeo. Quando o rosto conhecido surge na telinha do celular, falando de verdade com você, é como se um novo mundo antigo se descortinasse.

Chamadas de vídeo lembram as festas de Natal de nossa infância, na parte em que a madrinha chegava carregando um presente bem vistoso. Só depois de adultos é que fomos descobrir as arapucas ocultas em cada rabanada. Na infância, bastava um pacote embrulhado em papel colorido pra coisa ficar excitante.

Em tempos de isolamentos e rostos cobertos por máscaras, tem de haver um jeito de se sentir sócio do clube. A tecnologia tem dado conta do recado, com limites. Grupos de trabalho e debates, como os dos aplicativos Zoom e Team, são ótimos pra resolver problemas e esclarecer dúvidas, mas não suprem nossa carência de humanidade.

Como disse um amigo esta semana, os aplicativos são os terrenos onde praticamos pequenos monólogos. Dificilmente alguém interrompe quem está falando. Falta a incompletude do diálogo, que só o telefonema permite.

Quantas frases interrompidas, quantos assuntos deixados pela metade, quantos temas que mudam como o vento! Que delícia tudo isso! Tem nada melhor que desligar e bater na testa, esqueci de falar tal coisa. Ligação boa sempre deixa um rabicho de fora, desculpa esfarrapada pra outro telefonema – que, muitas vezes, não será dado.

Na chamada de vídeo, ninguém fica esplendoroso. O bom é que ninguém também fica assustador – exceto os casos perdidos, claro. Alguns de nós ficam sem saber pra onde dirigir o olhar e outros se atrapalham com os ruídos corporais que podem atravessar o espaço através do celular.

Sempre checamos nossa imagem, na pequena telinha que aparece como encarte. O cabelo está bom? Não, mas é o que temos para o momento. A roupa, a voz, parece até que vamos corrigir alguma coisa. Mas quando a conversa engata, esquecemos desses detalhes bestas – assim como na vida real.

Muitas vezes, o melhor vem no fim, quando a conversa termina. Sobra um sorriso meio bobo na cara, aquela euforia de quem passou um dia gostoso na praia. A sensação de ter vivido um momento de prazer é o melhor efeito colateral dessas micro-televisões só nossas.

Fonte: https://vianices.wordpress.com/2020/07/26/face-a-face/

Alegrias

José Falero

Pouca gente sabe, mas entre todos os tipos de trabalho que já tive, um deles foi o de palhaço, ou clown, como alguns preferem dizer. De nariz vermelho e tudo, eu tocava violão no espetáculo "João Jiló", do grupo TIA de teatro. Apresentávamos principalmente para crianças das escolas de Canoas. Aquele período da minha vida me rendeu o apelido de Krusty, porque o Marcelo e a Mariana, do TIA, me achavam parecido com o célebre palhaço fumante e beberrão dos Simpsons. E, pensando bem, talvez tenha sido por isso — por acreditar que eu precisava de uma fonte de alegria mais saudável do que o tabaco e o álcool — que eles compartilharam comigo as canções de um cara que eu não conhecia, mas que eles imaginavam que eu iria gostar bastante. Copiei as músicas num pendrive, se não me engano, e prometi escutar assim que estivesse de volta em casa, depois da nossa pequena temporada de apresentações do "João Jiló" em Canoas, durante a qual fiquei no apartamento deles, para economizar passagens de ônibus e de trem. E aconteceu que, finda a temporada, no retorno a Porto Alegre, vinha eu caminhando pela BR até a estação de trem mais próxima, com as canções a serem experimentadas no bolso, quando, de repente, me percebi com grande fome. Na mesma hora, os meus olhos ficaram atentos às fachadas, procurando qualquer tipo de anúncio de comida, e, não demorou muito, achei uma lanchonete, logo adiante. Ao chegar mais perto, verifiquei que estava fechada, mas, para a minha sorte — ou para o meu azar, nunca se sabe —, um cara resolveu sair dali no exato instante em que eu passava. Aí, num impulso, movido pela fome, me fiz de louco e aproveitei a entrada momentaneamente aberta para invadir o lugar, passando espremido por entre o cara e o umbral, rápido que nem flecha. Agora que eu já tinha entrado, era mais fácil me venderem logo alguma coisa do que ficarem me explicando que a lanchonete ainda não estava aberta — foi o que pensei, otimista. Só que o cara plantado lá atrás do balcão me lançou um olhar estranho. Um olhar que não consegui decifrar muito bem, cheio de algum tipo de surpresa. Não a simples surpresa de quem vê alguém adentrar o seu estabelecimento antes da hora; outro tipo de surpresa, mais bicuda, mais ofendida.

— Tem pastel, mano? Ele só fez que não com a cabeça

— E bolinho de batata, tem?

Ele só fez que não com a cabeça.

— Enroladinho de salsicha, então?

Ele só fez que não com a cabeça. Fui obrigado a rir.

— Pô, e o que que tem, então? Pela primeira vez, ele se dignou a falar.

— Tem nada pra ti aqui, magrão.

Teimoso, na esperança de provar que o sujeito estava enganado, olhei ao redor, procurando qualquer coisa de comer. Um salgadinho desses com gosto de isopor, uma bolacha recheada dessas que dão dor de barriga, umas balas de hortelã dessas que cortam todo o céu da boca, qualquer coisa. Não achei nada. Ele parecia ter razão. Os mostruários do balcão estavam todos vazios. Não existiam prateleiras, nem baleiros, nem freezers para bebidas. Nada.

Só o que havia, à minha esquerda, lá junto à parede, era uma mesa enorme, com alguns caras sentados em volta. Imediatamente percebi que eles tinham interrompido algum trabalho para ficar me olhando, e um segundo depois me dei conta de que o trabalho em questão era

embalar aquele montão de cocaína que estava em cima da mesa.

Agradeci ao balconista com um aceno de cabeça e fui me retirando de fininho. E só então notei que o cara que estava de saída e que tinha aberto a porta, possibilitando a minha passagem forçada, permanecia até agora imóvel à entrada, com os olhos cravados em mim, a mão na cintura por baixo da camisa. Mas me deixou passar e ir embora.

Quando a gente passa por uma experiência de quase-presunto como essa, uma voz que passou a vida toda calada resolve gritar forte, lá no fundo, dentro da gente:

— Não! Agora não! Ainda não! Por favor, só mais uma chance!

É uma súplica. Não sei a quem, não sei a o quê, mas é uma súplica. Uma súplica por mais uma chance. E, depois de sair ileso daquela lanchonete, me atrevi a perguntar a mim mesmo: só mais uma chance para quê? Qual era, afinal, esse meu objetivo tão precioso, que me levava a considerar inaceitável o fim? O que, afinal, me fazia tão apegado à existência, por mais dura que fosse?

Com surpresa, notei que muitas coisas podiam responder a essa pergunta. E, com mais surpresa ainda, percebi que nem uma dessas coisas era grandiosa. O sorriso da minha mãe no meio da maior adversidade. O vento fresco no meio da tarde mais quente. A conversa leve no meio do trabalho mais pesado. O pão sem nada no meio da maior fome. A marquise oportuna no meio da maior chuva. O carinho no cachorro no meio da maior desesperança.

Alegrias. Alegrias simples. Alegriazinhas bestas.

Naquele dia, depois da minha experiência de quase-presunto, caminhei pelas ruas com a clara percepção de que a rotina é uma farsa. Porque os dias são todos inéditos, sabia? Não importa se todo dia a gente vai para o mesmo trabalho pelo mesmo caminho depois de dormir na mesma cama e tomar café à mesma mesa. Não importa. Os dias são inéditos. As horas são inéditas. Esses minutos e minutos a se desenrolar vertiginosamente bem debaixo do nosso nariz possuem cada qual o seu próprio segredo, cada qual a sua própria alegria escondida.

Como a alegria de chegar em casa são e salvo para escutar as músicas do cara desconhecido. Fui logo espetando o pendrive no computador. E a primeiríssima faixa que escutei, por incrível que possa parecer, começava com um pequeno diálogo:

— Cartola, manda aquele teu samba "Alegria".

— É verdade! Me lembrei! Vou cantar esse samba!

Um arpejo leve no violão, um acorde avulso de cavaquinho, e daí por diante o tal de Cartola seguiu cantando:

Alegria!
Era o que faltava em mim!
Uma esperança vaga!
Eu já encontrei!

Pois é. Foi assim que conheci o Cartola. E, como não sou louco, nem quero ficar, nunca mais parei de escutar as suas canções. Recorro ao Mestre sempre, sempre, sempre, especialmente quando tudo parece tão… impossível.

Sei bem que um dia vou entrar numa lanchonete para nunca mais sair. Uma lanchonete sem nada. Só espero poder escutar bastante Cartola até lá.

Vila Sapo. [S.l.]: *Venas Abiertas*, 2019.

Expedição à padaria

Vanessa Barbara

Na segunda-feira dia 6 de abril, depois de 14 dias de total isolamento, saí de casa para comprar pão. Com o coração acelerado e o passo meio trôpego, percorri os 290 metros que separam minha residência da padaria da esquina. Pensei imediatamente em Charles Darwin singrando os mares a bordo do HMS Beagle, em James Cook mapeando terras desconhecidas, em Amelia Earhart com o vento no rosto enquanto sobrevoava o oceano e em Buzz Aldrin fazendo xixi na Lua. Quase chorei na fila do pão. Por pouco não pedi a quantia errada de bisnagas.

A expedição durou no máximo 15 minutos e me senti inspirada para compor uma versão estendida de Os Lusíadas em dodecassílabos parnasianos. Pensei também em fazer uma transmissão ao vivo para emocionar os amigos em suas respectivas quarentenas. Mas acabei desistindo porque achei que podia parecer ostentação. Antes de sair, botei o álcool em gel na bolsa e vesti uma máscara de tecido, mas quase sofri um bloqueio criativo quando fui escolher a roupa. Esqueci como a gente se vestia quando saía de casa. Parece que eu tinha um par de calças jeans. Onde mesmo que eu costumo guardar os sapatos?

Em meados do mês passado, entrei para os casos suspeitos da covid-19. Tive febre baixa, dor de garganta, perda de olfato, enjoo e uma dor de cabeça forte. Depois de um exame clínico que descartou infecção bacteriana, a médica me mandou para casa e estipulou o isolamento pelo período de duas semanas. (Ela marcou no meu atestado: "Z29.0", o que me pareceu coisa de espião, mas era apenas a classificação da Organização Mundial de Saúde para isolamento em casos de doenças transmissíveis.)

Respeitei a prescrição médica e não saí nem para pegar as revistas deixadas no capacho. Meu marido fazia as compras semanais no mercado e ia buscar pão de vez em quando. Eu tentava me recuperar na medida do possível. Ao final dos 14 dias, e depois de receber o resultado negativo do exame da covid-19, eu me ofereci para singrar as calçadas rumo à padaria.

Foi mais bonito do que eu sonhava. O céu estava azul, havia pássaros nos postes e um fétido chorume emanando dos sacos de lixo empilhados no meio-fio. (O olfato parecia feliz em ter voltado.) Troquei enigmáticas elevações de

sobrancelha com transeuntes que passavam do outro lado da rua e que também estavam parcialmente ocultos em suas máscaras. Tentei sorrir com os olhos para os atendentes da padaria, que perguntaram como estava a minha filha e comentaram que o dia estava lindo demais para ficar em casa. Respondi: "Paciência!" e tentei dizer algo engraçado.

Descobri que boa parte da comunicação se dá por meio da expressão do rosto e de sorrisos, e que é muito difícil ser irônico atrás de uma máscara. Gesticulei amplamente, como se falasse uma língua estrangeira a dez metros de distância. Esquadrinhei a mesa de bolos caseiros como se estivesse diante de uma caverna de tesouros. Desisti de abraçar todo mundo. Botei as compras na minha sacola de pano, paguei a comanda e voltei para casa sob a nuvem diáfana do maravilhamento. "A Terra é azul. Como é maravilhosa. Ela é incrível!", posso ter dito ao chegar em casa, parafraseando certo cosmonauta.

Em tempos de quarentena, a saudade de circular pela cidade chega a doer. Até descer com o lixo parece uma aventura extraordinária, que só efetuamos uma vez a cada três dias. Sair para ir à padaria, então, é um feito mais cobiçado que escalar os Sete Cumes. Não sei quando minha jornada se repetirá, já que o isolamento doméstico permanece – e deve se intensificar daqui para a frente. Só sei que agora toda breve saída é passível de se tornar uma epopeia em versos a ser narrada para a próxima geração: "Cesse tudo o que a Musa antiga canta,/ que outro valor mais alto se alevanta", já dizia o velho Camões.

Minha filha, de 1 ano e 9 meses, não sai de casa há mais de 30 dias. Uma das nossas atividades favoritas agora é relembrar, juntas, todos os detalhes dos nossos piqueniques no parque, as tardes de Carnaval, os passeios de ônibus, as voltas no quarteirão e as viagens de metrô. Como se fossem épicas expedições a uma civilização que não deve ser esquecida.

Fonte: https://www.itaucultural.org.br/secoes/colunistas/brechas-urbanas/expedicao-a-padaria

Ser brotinho

Paulo Mendes Campos

Ser brotinho não é viver em um píncaro azulado: é muito mais! Ser brotinho é sorrir bastante dos homens e rir interminavelmente das mulheres, rir como se o ridículo, visível ou invisível, provocasse uma tosse de riso irresistível.

Ser brotinho é não usar pintura alguma, às vezes, e ficar de cara lambida, os cabelos desarrumados como se ventasse forte, o corpo todo apagado dentro de um vestido tão de propósito sem graça, mas lançando fogo pelos olhos. Ser brotinho é lançar fogo pelos olhos.

É viver a tarde inteira, em uma atitude esquemática, a contemplar o teto, só para poder contar depois que ficou a tarde inteira olhando para cima, sem pensar em nada. É passar um dia todo descalça no apartamento da amiga comendo comida de lata e cortar o dedo. Ser brotinho é ainda possuir vitrola própria e perambular pelas ruas do bairro com um ar sonso-vagaroso, abraçada a uma porção de elepês coloridos. É dizer a palavra feia precisamente no instante em que essa palavra se faz imprescindível e tão inteligente e superior. É também falar legal e bárbaro com um timbre tão por cima das vãs agitações humanas, uma inflexão tão certa de que tudo neste mundo passa depressa e não tem a menor importância.

Ser brotinho é poder usar óculos enormes como se fosse uma decoração, um adjetivo para o rosto e para o espírito. É esvaziar o sentido das coisas que os coroas levam a sério, mas é também dar sentido de repente ao vácuo absoluto. Aguardar na paciente geladeira o momento exato de ir à forra da falsa amiga. É ter a bolsa cheia de pedacinhos de papel, recados que os anacolutos tornam misteriosos, anotações criptográficas sobre o tributo da natureza feminina, uma cédula de dois cruzeiros com uma sentença hermética escrita a batom, toda uma biografia esparsa que pode ser atirada de súbito ao vento que passa. Ser brotinho é a inclinação do momento.

É telefonar muito, demais, revirando-se no chão como dançarina no deserto estendida no chão. É querer ser rapaz de vez em quando só para vaguear sozinha de madrugada pelas ruas da cidade. Achar muito bonito um homem muito feio; achar tão simpática uma senhora tão antipática. É fumar quase um maço de cigarros na sacada do apartamento, pensando coisas brancas, pretas, vermelhas, amarelas.

Ser brotinho é comparar o amigo do pai a um pincel de barba, e a gente vai ver está certo: o amigo do pai parece um pincel de barba. É sentir uma vontade doida de tomar banho de mar de noite e sem roupa, completamente. É ficar eufórica à vista de uma cascata. Falar inglês sem saber

verbos irregulares. É ter comprado na feira um vestidinho gozado e bacanérrimo.

É ainda ser brotinho chegar em casa ensopada de chuva, úmida camélia, e dizer para a mãe que veio andando devagar para molhar-se mais. É ter saído um dia com uma rosa vermelha na mão, e todo mundo pensou com piedade que ela era uma louca varrida. É ir sempre ao cinema, mas com um jeito de quem não espera mais nada desta vida. É ter uma vez bebido dois gins, quatro uísques, cinco taças de champanha e uma de cinzano sem sentir nada, mas ter outra vez bebido só um cálice de vinho do Porto e ter dado um vexame modelo grande. É o dom de falar sobre futebol e política como se o presente fosse passado, e vice-versa.

Ser brotinho é atravessar de ponta a ponta o salão da festa com uma indiferença mortal pelas mulheres presentes e ausentes. Ter estudado ballet e desistido, apesar de tantos telefonemas de Madame Saint-Quentin. Ter trazido para casa um gatinho magro que miava de fome e ter aberto uma lata de salmão para o coitado. Mas o bichinho comeu o salmão e morreu. É ficar pasmada no escuro da varanda sem contar para ninguém a miserável traição. Amanhecer chorando, anoitecer dançando. É manter o ritmo na melodia dissonante. Usar o mais caro perfume de blusa grossa e blue-jeans. Ter horror de gente morta, ladrão dentro de casa, fantasmas e baratas. Ter compaixão de um só mendigo entre todos os outros mendigos da Terra. Permanecer apaixonada a eternidade de um mês por um violinista estrangeiro de quinta ordem. Eventualmente, ser brotinho é como se não fosse, sentindo-se quase a cair do galho, de tão amadurecida em todo o seu ser. É fazer marcação cerrada sobre a presunção incomensurável dos homens. Tomar uma pose, ora de soneto moderno, ora de minueto, sem que se dissipe a unidade essencial. É policiar parentes, amigos, mestres e mestras com um ar songamonga de quem nada vê, nada ouve, nada fala.

Ser brotinho é adorar. Adorar o impossível. Ser brotinho é detestar. Detestar o possível. É acordar ao meio-dia com uma cara horrível, comer somente e lentamente uma fruta meio verde, e ficar de pijama telefonando até a hora do jantar, e não jantar, e ir devorar um sanduíche americano na esquina, tão estranha é a vida sobre a Terra.

O amor acaba. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

O novo normal

Antonio Prata

Primeira festa pós-quarentena. O anfitrião, ansioso, passa de roda em roda entretendo os convidados. Ao lado da janela avista, sozinho, um desconhecido.

— Oi, tudo bem? Você é o...?

— Novo Normal.

— Não acredito! Você é o Novo Normal?!

— Eu mesmo.

— Rapaz! Você chegou, finalmente! Faz um ano que só falam de você! Ah, o Novo Normal vai ser assim, o Novo Normal vai ser assado! Posso te dar um abraço?

O Novo Normal recua.

— Ah, claro! Contágio, né? Óbvio! Gente, gente! Vem cá! Esse aqui é o Novo Normal!

Uma meia dúzia se aproxima, uns estendem as mãos, outros já se espicham pra um beijo.

— Péra, pessoal, o Novo Normal é sem abraço, beijo ou aperto de mão, certo, Novo? Pode chamar de Novo?

— Prefiro Novo Normal, pra não confundir com o partido.

Uma convidada o olha, curiosa.

— Não sei por que, mas confesso que eu te esperava baixo, gordinho e careca.

— Muita gente me imagina assim. Acho que é o nome, né? Novo Normal, muito "o", lembra ovo... Mas durante a quarentena o pessoal comeu muito, o Novo Normal é alto.

— Escuta, cê aceita uma bebida? Uma comida?

— Obrigado, eu engordei 7 kg durante a quarentena e bebi demais. Os hábitos do Novo Normal agora são comida saudável e zero álcool.

Uma convidada abandona, discretamente, a taça de vinho sobre uma mesa. Um convidado dispensa uma empada num vaso de pacová. Um outro puxa papo.

— Fala mais de você. O Novo Normal gosta de sair? De ir no cinema? No teatro? Em show?

— Não. Nada disso rola com o Novo Normal. Com a quarentena, as relações à distância se estabeleceram pra ficar.

Uma convidada, decepcionada, toma a dianteira:

— E aquela previsão de que o Carnaval pós-

quarentena ia ser tão louco que faria Sodoma e Gomorra ficarem parecendo Aparecida do Norte?

— Deu chabu. O Novo Normal é saudável, cauteloso, precavido. O carnaval pós pandemia será pelo Zoom. Quem quiser anotar aí, aliás: www.telecotech.ziriguizoom.med.

— Ponto med?!

— É. O Carnaval agora é organizado pelo Ministério da Saúde. E o Carnaval de rua, pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, porque é todo dentro do Minecraft.

— Que horror! Eu tô solteira! Como eu vou arrumar um namorado, assim?

— Uma das coisas que a quarentena provou é que todo mundo pode viver sem sexo, contanto que o Pornhub e o Redtube liberem o acesso.

— Você não tem namorada?

— Presencialmente, não.

Deprimido com o Novo Normal, o anfitrião sai da roda discretamente e vai tomar uma água na cozinha. Ali encontra uma galera aglomerada, morrendo de rir de uma história contada por um gordinho, baixinho, careca, uma versão gente fina de um George Costanza, com uma cerveja numa mão e um cigarro na outra. O anfitrião cutuca uma amiga por ali:

— Quem é o figura?!

— Não tá reconhecendo? É o Velho Normal! Saindo daqui a gente vai pra um caraoquê na Liberdade e vamos terminar a noite comendo uma bisteca no Sujinho. Topa?

Quatro e meia da manhã, abraçados, todos sobem a Consolação pulando e cantando: "Ooooo! Velho Normal voltô ô ô! Velho Normal voltô ô ô! Velho Normal voltôôôô oooo!".

Fonte: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2020/06/o-novo-normal.shtml

As locutoras da quarentena

Vanessa Barbara

Tenho enorme admiração por esses tenores que cantam ópera nas janelas para entreter os vizinhos durante a quarentena. Há ainda aquelas pessoas que tocam instrumentos musicais ("Ode à Alegria", de Beethoven, é uma opção comum), dão aulas de ginástica, projetam filmes nas fachadas, parabenizam coletivamente os aniversariantes e cantam bingo (aconteceu na Espanha).

Meus vizinhos – coitados – não têm tanta sorte. Só o que eles ouvem a tarde toda é minha voz sem graça narrando, da varanda, acontecimentos absolutamente prosaicos para minha filha, Mabel, de quase 2 anos. (É o que dá ser vizinho de escritora.)

Outro dia, por exemplo, devem ter acompanhado com desânimo minha arrastada descrição de uma moça de blusa azul descendo a escadaria da rua: "Ela vai descer devagarzinho, olha só, segurando no corrimão… Que cuidadosa! Ela está carregando uma sacola? Ou é uma bolsa? Para onde será que está indo?" Observamos em silêncio o percurso da mulher, que agora caminha pela calçada. "Ela vai trazer bolo para a Mabel", responde a minha filha depois de pensar um pouco. Acho essa hipótese bastante digna.

Desviamos a atenção para um senhor que passeia com os cachorros. "Olha! Acho que é o Francesco!", eu grito, com excessiva alegria, referindo-me a um golden retriever do nosso prédio. Mabel não dá muita bola e começa a brincar de achatar o nariz no vidro.

Peço sinceras desculpas aos vizinhos, mas estamos fazendo o possível para nos entreter nesta quarentena. Conversar é o que há de mais prático em nosso limitado arsenal de distrações, sobretudo quando as respostas podem ser tão engraçadas. Minha expertise na função de cronista de varandas veio bem a calhar. Quando o tempo está bom, passamos um sem-número de horas nesse espaço exíguo observando o (pouco) movimento e nos alimentando de qualquer migalha de agitação registrada nas redondezas. Um ponto alto da nossa tocaia ocorreu duas semanas atrás, quando uma menina disparou a correr pela rua até alcançar uma amiga, que seguia bem à frente.

"Corre muito!", reparou minha filha, com verve de comentarista de olimpíada. Foi eletrizante o reencontro. "Será que elas vão pegar o trenzinho juntas?", especulei, apontando para a estação de metrô. "O coronavírus está na cola dela", disse Mabel, do nada. Passamos dias rememorando o episódio. Os vizinhos já devem ter ouvido dezenas de elegias ao ocorrido, todas caudalosas feito

parágrafos proustianos sem sombra de ponto-final.

O vizinho da frente, aliás, continua acendendo as luzinhas de Natal toda noite. (Já passamos da Páscoa.) Nós fazemos o mesmo, naquilo que eu não sei mais se é uma competição acirrada ou um solidário meneio de cabeça. Outro vizinho acena de vez em quando para nós. Ele fica sentado na varanda por longos períodos e deve observar com curiosidade a nossa dupla sapateando, pulando e fazendo movimentos aleatórios de ioga. Às vezes, Mabel usa a minha barriga como tambor. Ou então ficamos brincando com as sombras, abrindo e fechando as cortinas, catando fios de cabelo no chão, contando quantos carros vermelhos passam na rua. Até os sinos da igreja servem de tópico para as nossas histórias.

Por uma dessas tristes ironias, moramos perto de um estacionamento de ambulâncias do Hospital Sancta Maggiore. Um de nossos passatempos mais recorrentes hoje em dia é acompanhar o movimento das ambulâncias subindo e descendo a ladeira do estacionamento. Ficamos imaginando que os veículos são amigos e trabalham o dia todo levando pessoas ao hospital, mas sempre voltam para descansar e compartilhar as novidades. As sirenes são seus gritos agudos, as luzes vermelhas são um recado de que vão voltar.

Um dia apareceu no chão da varanda um enorme besouro morto, já meio seco. Cantamos uma música para ele e ficamos conversando baixinho sobre a vida de aventuras que ele teria levado. Em outra ocasião, acompanhamos a saga de uma aranha tentando subir pela parede e caindo repetidas vezes. Juro que não fiz nenhuma analogia de autoajuda. O vento é outro fenômeno que serve de assunto para nossas infinitas confabulações: basta soprar uns balões e deixá-los na varanda para que comecem a dançar para lá e para cá.

Quando venta forte, temos assunto. Quando o ar está parado, idem. Comentamos o cheiro de sopa, de bife à milanesa e de pipoca que vem das outras janelas. Compramos ovos imaginários para os vizinhos e saímos distribuindo a todos os interessados. (Para Mabel, não há quem resista a um bom prato de ovos mexidos.)

E temos também a Lua, as estrelas e o planeta Vênus; a estação espacial internacional e os satélites Starlink; as nuvens carregadas e os pedaços de céu azul. Poucos. Mas suficientes.

Fonte: https://www.itaucultural.org.br/secoes/colunistas/brechas-urbanas/locutoras-quarentena

Um caso de burro

Machado de Assis

Quinta-feira à tarde, pouco mais de três horas, vi uma coisa tão interessante, que determinei logo de começar por ela esta crônica. Agora, porém, no momento de pegar na pena, receio achar no leitor menor gosto que eu para um espetáculo, que lhe parecerá vulgar, e porventura torpe. Releve a importância; os gostos não são iguais.

Entre a grade do jardim da Praça Quinze de Novembro e o lugar onde era o antigo passadiço, ao pé dos trilhos de bondes, estava um burro deitado. O lugar não era próprio para remanso de burros, donde concluí que não estaria deitado, mas caído. Instantes depois, vimos (eu ia com um amigo), vimos o burro levantar a cabeça e meio corpo. Os ossos furavam-lhe a pele, os olhos meio mortos fechavam-se de quando em quando. O infeliz cabeceava, mais tão frouxamente, que parecia estar próximo do fim.

Diante do animal havia algum capim espalhado e uma lata com água. Logo, não foi abandonado inteiramente; alguma piedade houve no dono ou quem quer que seja que o deixou na praça, com essa última refeição à vista. Não foi pequena ação. Se o autor dela é homem que leia crônicas, e acaso ler esta, receba daqui um aperto de mão. O burro não comeu do capim, nem bebeu da água; estava já para outros capins e outras águas, em campos mais largos e eternos. Meia dúzia de curiosos tinha parado ao pé do animal. Um deles, menino de dez anos, empunhava uma vara, e se não sentia o desejo de dar com ela na anca do burro para espertá-lo, então eu não sei conhecer meninos, porque ele não estava do lado do pescoço, mas justamente do lado da anca. Diga-se a verdade; não o fez – ao menos enquanto ali estive, que foram poucos minutos. Esses poucos minutos, porém, valeram por uma hora ou duas. Se há justiça na Terra valerão por um século, tal foi a descoberta que me pareceu fazer, e aqui deixo recomendada aos estudiosos.

O que me pareceu, é que o burro fazia exame de consciência. Indiferente aos curiosos, como ao capim e à água, tinha no olhar a expressão dos meditativos. Era um trabalho interior e profundo. Este remoque popular: por pensar morreu um burro mostra que o fenômeno foi mal entendido dos que a princípio o viram; o pensamento não é a causa da morte, a morte é que o torna necessário. Quanto à matéria do pensamento, não há dúvidas que é o exame da consciência. Agora, qual foi o exame da consciência daquele burro, é o que presumo ter lido no escasso tempo que ali gastei. Sou outro Champollion, porventura maior; não decifrei palavras escritas, mas ideias íntimas de criatura que não podia exprimi-las verbalmente.

E diria o burro consigo:

"Por mais que vasculhe a consciência, não acho pecado que mereça remorso. Não furtei, não menti, não matei, não caluniei, não ofendi nenhuma pessoa. Em toda a minha vida, se dei três coices, foi o mais, isso mesmo antes haver aprendido maneiras de cidade e de saber o destino do verdadeiro burro, que é apanhar e calar. Quando ao zurro, usei dele como linguagem. Ultimamente é que percebi que me não entendiam, e continuei a zurrar por

ser costume velho, não com ideia de agravar ninguém. Nunca dei com homem no chão. Quando passei do tílburi ao bonde, houve algumas vezes homem morto ou pisado na rua, mas a prova de que a culpa não era minha, é que nunca segui o cocheiro na fuga; deixava-me estar aguardando autoridade."

"Passando à ordem mais elevada de ações, não acho em mim a menor lembrança de haver pensado sequer na perturbação da paz pública. Além de ser a minha índole contrária a arruaças, a própria reflexão me diz que, não havendo nenhuma revolução declarado os direitos do burro, tais direitos não existem. Nenhum golpe de estado foi dado em favor dele; nenhuma coroa os obrigou. Monarquia, democracia, oligarquia, nenhuma forma de governo, teve em conta os interesses da minha espécie. Qualquer que seja o regime, ronca o pau. O pau é a minha instituição um pouco temperada pela teima que é, em resumo, o meu único defeito. Quando não teimava, mordia o freio dando assim um bonito exemplo de submissão e conformidade. Nunca perguntei por sóis nem chuvas; bastava sentir o freguês no tílburi ou o apito do bonde, para sair logo. Até aqui os males que não fiz; vejamos os bens que pratiquei."

"A mais de uma aventura amorosa terei servido, levando depressa o tílburi e o namorado à casa da namorada – ou simplesmente empacando em lugar onde o moço que ia ao bonde podia mirar a moça que estava na janela. Não poucos devedores terei conduzido para longe de um credor importuno. Ensinei filosofia a muita gente, esta filosofia que consiste na gravidade do porte e na quietação dos sentidos. Quando algum homem, desses que chamam patuscos, queria fazer rir os amigos, fui sempre em auxílio deles, deixando que me dessem tapas e punhadas na cara. Em fim…"

Não percebi o resto, e fui andando, não menos alvoroçado que pesaroso. Contente da descoberta, não podia furtar-me à tristeza de ver que um burro tão bom pensador ia morrer. A consideração, porém, de que todos os burros devem ter os mesmos dotes principais, fez-me ver que os que ficavam não seriam menos exemplares do que esse. Por que se não investigará mais profundamente o moral do burro? Da abelha já se escreveu que é superior ao homem, e da formiga também, coletivamente falando, isto é, que as suas instituições políticas são superiores às nossas, mais racionais. Por que não sucederá o mesmo ao burro, que é maior?

Sexta-feira, passando pela Praça Quinze de Novembro, achei o animal já morto.

Dois meninos, parados, contemplavam o cadáver, espetáculo repugnante; mas a infância, como a ciência, é curiosa sem asco. De tarde já não havia cadáver nem nada. Assim passam os trabalhos deste mundo. Sem exagerar o mérito do finado, força é dizer que, se ele não inventou a pólvora, também não inventou a dinamite. Já é alguma coisa neste final de século. Requiescat in pace.

Fonte: https://www.recantodasletras.com.br/cronicas/5252213 /

Cobrança

Moacyr Scliar

Ela abriu a janela e ali estava ele, diante da casa, caminhando de um lado para outro. Carregava um cartaz, cujos dizeres atraíam a atenção dos passantes: "Aqui mora uma devedora inadimplente."

— Você não pode fazer isso comigo — protestou ela.

— Claro que posso — replicou ele. — Você comprou, não pagou. Você é uma devedora inadimplente. E eu sou cobrador. Por diversas vezes tentei lhe cobrar, você não pagou.

— Não paguei porque não tenho dinheiro. Esta crise…

— Já sei — ironizou ele. — Você vai me dizer que por causa daquele ataque lá em Nova York seus negócios ficaram prejudicados. Problema seu, ouviu? Problema seu. Meu problema é lhe cobrar. E é o que estou fazendo.

— Mas você podia fazer isso de uma forma mais discreta…

— Negativo. Já usei todas as formas discretas que podia. Falei com você, expliquei, avisei. Nada. Você fazia de conta que nada tinha a ver com o assunto. Minha paciência foi se esgotando, até que não me restou outro recurso: vou ficar aqui, carregando este cartaz, até você saldar sua dívida.

Neste momento começou a chuviscar.

— Você vai se molhar — advertiu ela. — Vai acabar ficando doente.

Ele riu, amargo:

— E daí? Se você está preocupada com minha saúde, pague o que deve.

— Posso lhe dar um guarda-chuva…

— Não quero. Tenho de carregar o cartaz, não um guarda-chuva.

Ela agora estava irritada:

— Acabe com isso, Aristides, e venha para dentro. Afinal, você é meu marido, você mora aqui.

— Sou seu marido — retrucou ele — e você é minha mulher, mas eu sou cobrador profissional e você é devedora. Eu a avisei: não compre essa geladeira, eu não ganho o suficiente para pagar as prestações. Mas não, você não me ouviu. E agora o pessoal lá da empresa de cobrança quer o dinheiro. O que quer você que eu faça? Que perca meu emprego? De jeito nenhum. Vou ficar aqui até você cumprir sua obrigação.

Chovia mais forte, agora. Borrada, a inscrição tornara-se ilegível. A ele, isso pouco importava: continuava andando de um lado para outro, diante da casa, carregando o seu cartaz.

O imaginário cotidiano. São Paulo: Global, 2001.

Tatuagens para todos

Carol Bensimon

Sou o último ser humano que se imaginava com uma tatuagem - a tela em branco entre os amigos, a pessoa que não muda tanto assim, mas que tem medo do aspecto permanente da tinta. Um belo dia, no entanto, começo a pensar em carregar para sempre no braço um tipo específico de árvore, que simbolizaria uma experiência x, muito importante na minha vida, e blá blá blá. Instantes depois, estou falando sobre essa vontade no Facebook. Estou pedindo opiniões. Estou recebendo incontáveis incentivos. Um conhecido me passa o contato de uma tatuadora que está com a agenda cheia pelos próximos 10 meses. Por que agora todo o tipo de gente, de todas as idades, quer rosas, nomes de filho, frases em alemão ou robôs guerreiros na pele?

Começo a pensar sobre a popularização da tatuagem e deixo minha árvore meio de lado. Melhor ter certeza. Sinto que apenas isso - "um tempo para amadurecer a ideia" - já me coloca anos-luz distante do pessoal de vinte e poucos anos, que normalmente não frita a cabeça refletindo sobre o desenho perfeito, o mais significativo entre todas as opções cogitadas, ou se ele vai fazer sentido depois de uma década ou mais. Segundo uma pesquisa realizada nos Estados Unidos em 2014, 36% dos jovens norte-americanos de 18 a 25 anos tinham ao menos uma tatuagem.

Quando falamos em tatuagem, não há dúvida de que estamos falando da construção e da exposição de uma identidade. Nessa segunda metade do século 21, além de querermos nos sentir muito especiais e únicos, parece que precisamos estampar o que somos em praça pública - ou na arena virtual - o mais rápido possível, já que quase ninguém tem tempo ou paciência para se conhecer de fato. Nesse sentido, etiquetas facilitam e likes são muito bem-vindos. Em texto para a revista The Atlantic sobre tatuagens, o escritor Chris Weller resume muito bem essa ideia: "A modernidade nos leva a declarar nossa identidade com convicção, quer já a tenhamos encontrado ou não."

Weller acredita, além disso, que o ato de tatuar-se não se relaciona simplesmente com a busca por esse "eu"; a narrativa que vai se construindo na pele é a própria identidade. Ler esse acúmulo de desenhos e frases como uma narrativa da vida de alguém, aliás, pode explicar o fato de que a maioria dos tatuados consegue lidar com marcas do passado que talvez não façam tanto sentido hoje, algo semelhante a "essa cicatriz aqui foi de quando sofri um acidente de moto". Uma parte de nossa história, em resumo, para o bem ou para o mal. Ainda assim, segundo uma pesquisa divulgada pelo The Guardian, 23% dos adultos britânicos se dizem arrependidos de ter feito uma tatuagem.

Um tempo atrás, eu achava que essa questão da permanência era de certa forma uma contradição, afinal havia nas tatuagens algo de tão instantâneo, tão transitório, tão dependente da estética de determinado período, que o fato de elas serem algo inapagável me parecia uma espécie de "apesar". O mesmo para a dor do processo (em uma época em que tentamos a todo custo evitar dores, físicas ou psicológicas). De maneira que fiquei surpresa quando, no já citado texto, Weller oferece uma outra chave de interpretação: a nova geração não está fugindo de um senso de estabilidade e permanência, mas está buscando isso desesperadamente. Faz sentido. Ela está dizendo que não quer que o mundo gire tão rápido. Que precisa se definir, ser e ter alguma coisa, no meio desse turbilhão. Soma-se a isso o fato de que, diferente das anteriores, essa é uma geração que ainda não conquistou coisas concretas (e alguns deles simplesmente não estão interessados nisso). Se não há carros, casas, carreiras sólidas, relacionamentos de décadas, há então tatuagens. Algo que dure. Precisamos todos de algo que dure.

Uma estranha na cidade. Porto Alegre: Editora Dubliense, 2016.

O cajueiro

Rubem Braga

O cajueiro já devia ser velho quando nasci. Ele vive nas mais antigas recordações de minha infância: belo, imenso, no alto do morro atrás da casa. Agora vem uma carta dizendo que ele caiu.

Eu me lembro do outro cajueiro que era menor e morreu há muito tempo. Eu me lembro dos pés de pinha, do cajá-manga, da grande touceira de espadas-de-são-jorge (que nós chamávamos simplesmente "tala") e da alta saboneteira que era nossa alegria e a cobiça de toda a meninada do bairro porque fornecia centenas de bolas pretas para o jogo de gude. Lembro-me da tamareira, e de tantos arbustos e folhagens coloridas, lembro-me da parreira que cobria o caramanchão, e dos canteiros de flores humildes, "beijos", violetas. Tudo sumira; mas o grande pé de fruta-pão ao lado da casa e o imenso cajueiro lá no alto eram como árvores sagradas protegendo a família. Cada menino que ia crescendo ia aprendendo o jeito de seu tronco, a cica de seu fruto, o lugar melhor para apoiar o pé e subir pelo cajueiro acima, ver de lá o telhado das casas do outro lado e os morros além, sentir o leve balanceio na brisa da tarde.

No último verão ainda o vi; estava como sempre carregado de frutos amarelos, trêmulo de sanhaços. Chovera: mas assim mesmo fiz questão de que Carybé subisse o morro para vê-lo de perto, como quem apresenta a um amigo de outras terras um parente muito querido.

A carta de minha irmã mais moça diz que ele caiu numa tarde de ventania, num fragor tremendo pela ribanceira; e caiu meio de lado, como se não quisesse quebrar o telhado de nossa velha casa.

Diz que passou o dia abatida, pensando em nossa mãe, em nosso pai, em nossos irmãos que já morreram. Diz que seus filhos pequenos se assustaram; mas foram brincar nos galhos tombados.

Foi agora, em fins de setembro. Estava carregado de flores.

Setembro, 1954.

Cem crônicas escolhidas. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1956.

A bola

Luis Fernando Verissimo

O pai deu uma bola de presente ao filho. Lembrando o prazer que sentira ao ganhar a sua primeira bola do pai. Uma número 5 sem tento oficial de couro. Agora não era mais de couro, era de plástico. Mas era uma bola.

O garoto agradeceu, desembrulhou a bola e disse "Legal!". Ou o que os garotos dizem hoje em dia quando gostam do presente ou não querem magoar o velho. Depois começou a girar a bola, à procura de alguma coisa.

— Como e que liga? — perguntou.

— Como, como é que liga? Não se liga.

O garoto procurou dentro do papel de embrulho.

— Não tem manual de instrução?

O pai começou a desanimar e a pensar que os tempos são outros. Que os tempos são decididamente outros.

— Não precisa manual de instrução.

— O que é que ela faz?

— Ela não faz nada. Você é que faz coisas com ela.

— O quê?

— Controla, chuta…

— Ah, então é uma bola.

— Claro que é uma bola.

— Uma bola, bola. Uma bola mesmo.

— Você pensou que fosse o quê?

— Nada, não.

O garoto agradeceu, disse "Legal" de novo, e dali a pouco o pai o encontrou na frente da tevê, com a bola nova do lado, manejando os controles de um videogame. Algo chamado Monster Baú, em que times de monstrinhos disputavam a posse de uma bola em forma de bip eletrônico na tela ao mesmo tempo que tentavam se destruir mutuamente.

O garoto era bom no jogo. Tinha coordenação e raciocínio rápido. Estava ganhando da máquina.

O pai pegou a bola nova e ensaiou algumas embaixadas. Conseguiu equilibrar a bola no peito do pé, como antigamente, e chamou o garoto.

— Filho, olha.

O garoto disse "Legal", mas não desviou os olhos da tela. O pai segurou a bola com as mãos e a cheirou, tentando recapturar mentalmente o cheiro de couro. A bola cheirava a nada. Talvez um manual de instrução fosse uma boa ideia, pensou. Mas em inglês, para a garotada se interessar.

Comédias para ler na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

São Paulo: as pessoas de tantos lugares

Milton Hatoum

À primeira vista, São Paulo assusta. Aos poucos, o susto cede ao fascínio, à surpresa da descoberta de muitos lugares escondidos ou ocultados numa metrópole da qual a natureza parece ter sido banida. Isto só em parte é verdade. Há vários parques e jardins — Aclimação, Villa-Lobos, Burle Marx, Água Branca e tantos outros —, sem contar o Ibirapuera, que simboliza uma promessa de urbanismo mais civilizado, ou de um processo urbano mais humanizado, interrompido pela ganância das construtoras e da especulação imobiliária em conluio com o poder público municipal.

Esse urbanismo desastroso e desumano é uma das características das cidades brasileiras, em que os bons arquitetos não participam da intervenção na paisagem urbana. Apesar das adversidades, um morador de São Paulo aprende a gostar da metrópole. Já quase não se vê o céu de Sampa, mas há bairros que são pequenas cidades, há ruas com um casario de uma outra época, com um ritmo de vida próprio, como se outro tempo resistisse ao cerco dos arranha-céus horrorosos e ao mundo das finanças e do consumo desenfreado.

Gosto de passear pelo Cambuci, Belenzinho, Penha; Brás, Mooca, Tatuapé e Santana ainda revelam muitos encantos, assim como a Estação da Luz e o Mercado Municipal. No mundo grandioso da metrópole, pode-se descobrir uma série de recantos: pequenas praças, um recorte de paisagem, um beco, um conjunto de casas neoclássicas, uma antiga vila operária, um boteco ou restaurante. Recantos que encerram um outro modo de vida, como se a metrópole fosse um palimpsesto a ser descoberto em cada andança. O oposto disso são edifícios dotados de clube e shopping centers, que separam seus moradores do resto da cidade, gerando uma nova forma de segregação do espaço, ainda mais radical que os condomínios.

Há pouco tempo, uma amiga carioca me disse que gostava cada vez mais de São Paulo. Quis saber por que. Porque fiz boas amizades na metrópole vizinha, ela disse.

Senti isso quando me mudei para cá em 1970. Morei num quarto de pensão na Liberdade. Um dos colegas dessa pensão era outro migrante, um rapaz de Londrina que passava o dia estudando música e que se tornou, além de um grande músico, um grande amigo: Arrigo Barnabé.

Entendi que São Paulo era uma meca para onde confluíam pessoas de todos os quadrantes, as latitudes e as origens; talvez seja este o maior encanto desta metrópole que une o culto ao trabalho com promessas de amizade. A diversidade étnica de São Paulo reitera a mestiçagem brasileira, uma das nossas maiores riquezas.

Não há um único paulistano que não reclame do trânsito, da poluição, da violência e das filas intermináveis, mas as relações de trabalho e afeto, que são formas poderosas de inserção social, servem de contrapeso ao caos e aos males da metrópole.

Milton Hatoum, 55, escritor, autor de *Órfãos do Eldorado* e *Dois irmãos* (ambos pela Companhia das Letras), entre outros títulos. Texto publicado na Revista da Folha, 25/05/2008.

História de pescador – aluno semifinalista

Gean Fabrício de Araújo Motta

De vez em quando vou à praia. Um bom lugar para pensar, ficar em paz longe da parte violenta e lotada do nosso cotidiano. Geralmente vou quando está ficando noite, quando tem menos gente.

De todas as histórias que por ali aconteciam, a única que senti vontade de conhecer foi a do "pescador", um velhinho que passava todo dia remando em seu barquinho, solitário. Naquele vai e vem incansável, nunca falei com ele.

Numa noite de sexta-feira, fui à praia. Me sentei na areia, ouvindo as ondas. Eu vejo à distância um ponto preto. É ele, o pescador. Procurando inspiração para minha crônica, resolvi falar com ele. Acenei com os braços, ao que ele respondeu com um assovio.

Ele aproximou seu barquinho da praia, deixando-o na areia. Desceu e me mandou subir, após um aperto de mão. Seu nome era Joaquim. Ele falou:

— Sobre o que quer conversar?

— Queria que me falasse sobre você. – respondi — Me conte uma história sua.

— Está bem, vamos lá. Eu sou aposentado há tempos, e venho para o mar todo dia. Eu amo o mar, essa imensidão azul…

— Mas e os peixes? – interrompi — O que o senhor pesca?

— Nada!

— Como assim, nada?

— Não pesco nada!

Eu achei muito estranho. Como ele não pescava nada? E a vara de pescar? E a rede que estava no barco? Decidi esclarecer os fatos.

— Se o senhor não pesca nada, por que vem até aqui trazendo tanto peso? O senhor não está na idade de passar o dia remando, e pra nada!

— Meu jovem, nada mais devo a esta vida. O tanto que trabalhei, o tanto que lutei… Eu sempre quis a minha vida, no mar.

— Mas e a vara de pescar? E a rede? E as caixas?

— Meu filho coloca essas coisas achando que venho pescar. Ele nunca me deixaria vir até aqui para fazer nada.

— Mas ele não suspeita do fato de você voltar para casa sem nenhum peixe?

— Só porque não pesco não quer dizer que deixe de levar a "pesca" para casa. Eu compro dois ou três todo dia. Ele acha que eu que peguei. Foi bom conversar com você. Até logo.

Eu desci do barco e voltei à areia. Fiz uma última pergunta:

— Por que o senhor faz isso, afinal?

— Liberdade, meu jovem, liberdade!

Ele sai e some com seu barco no horizonte.

Gean Fabrício de Araújo Motta - EEEFM Senador José Gaudêncio - Serra Branca / PB

A oriental de Natal – aluna semifinalista

Emily beatriz Vieira Assis

Lá estava ela… praticamente se debruçando sobre a janela, prestava atenção em tudo: quem ia, quem vinha; quem chegava ou partia. Era um verdadeiro farol, um farol humano debruçado na tal janela.

Cabelos pretos feito carvão e escorridos como macarrão, olhos negros e brilhantes como duas jabuticabas, só que tinha um detalhe: em questão de tamanho, eram reduzidos. Pele branca como uma folha de papel que ainda não recebeu nem sequer um rabisco; uma feição singela e delicada… Uma verdadeira gueixa!

Ao seu contrário, a rua estava agitada, tumultuada… pessoas passavam apressadas, geralmente nem se olhavam, mas nesse dia o auge estava todo lá, na moça da janela. As mulheres? Elas a olhavam e ficavam quase a "se morder" de inveja:

— Ela só quer chamar a atenção!

— Não é tão bonita quanto dizem!

Homens? Esses ficavam de "queixo caído"; andavam naturalmente, mas seus olhos só enxergavam uma coisa: a tal moça da janela! Sem falar das crianças que puxavam a barra da saia de suas mães e falavam:

— Ela parece uma princesa oriental!

— Quero ser igual a ela quando crescer!

Quando percebeu toda aquela fama e tumulto que, de alguma forma, causara, saiu da janela deixando pra traz uma lacuna. Começaram a comentar:

— A luz do farol se apagara!

Voltaram ao seu dia normal, a monotonia começava a dar as caras… Mas também: o que queria uma oriental na janela?

Só sei que uma coisa não sai das nossas mentes, e acho que também da dela também não vai sair: em terra de gente bronzeada, com cabelo enrolado, uma gueixa na janela é, no mínimo, super inusitado!

Emily beatriz Vieira Assis - Colégio Militar Tiradentes - São Luís / MA

O português diferente de cada um – aluna semifinalista

Ana Carolina Bernardes Pelegrino

Estou agitada, procuro em meio a toda essa euforia mais palavras ditas diferentemente por cada boca adocicada ou rústica.

Esse português que me encanta sempre não parece ser o mesmo português que todos falam. Aqui, é diferente: a cada sílaba pronunciada, entro em um mundo de sons e tonalidades próprias.

Observo ao longe duas gaúchas conversando… Quantas descobertas faço hoje! Meu ouvido se aguça para que consiga aprender o máximo possível. Estão conversando alegremente e, quanto mais o tempo passa, mais chegam pessoas de todos os lugares. Já me perco em meio a tantas vozes:

— Tu gostas de bergamota? – pergunta a gaúcha.

— Uai, bergamota? – retruca a mineirinha espantada.

— Oxi, mainha não me atende! – diz a baiana.

Caro leitor, se nunca teve uma experiência assim, recomendo que saia agora de casa, aguce o ouvido e experimente nosso português, diferente em cada brasileiro.

Depois de mergulhar nesse mar de palavras, percebo que alguém me chama e pede minha ajuda.

Meu Deus! Ele é gago e é de Pernambuco! Como vou entender? Me pede ajuda porque não sabe revisar sua crônica no computador… Agora entendo que a palavra escrita é mais significativa que a palavra falada, pois é dessa forma que consigo entendê-lo, pela sua escrita. Ele tem sotaque diferente, e ainda por cima é gago, mas me lembro de uma das frases mais marcantes que minha professora leu e me disse: "Palavra, se me desafias, aceito", e inspirada nisso, aceito o desafio e sigo em frente, pois a palavra escrita é igual em todo nosso Brasil.

Ana Carolina Bernardes Pelegrino - Escola Professor José Castro de Araújo - Poços de Caldas / MG

PDE